

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MARINGÁ
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS
PROGRAMA DE PÓS GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS SOCIAIS

NATHALLIE MATOS FERRARI

INTERfeminista: as mulheres na gestão do futebol brasileiro

Maringá

2021

NATHALLIE MATOS FERRARI

INTERfeminista: as mulheres na gestão do futebol brasileiro

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais do Departamento de Ciências Sociais da Universidade Estadual de Maringá, como requisito parcial para obtenção do título de Mestra em Ciências Sociais.

Orientador: Prof. Dr. Hilton Costa

Maringá

2021

Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação (CIP)
(Biblioteca Central - UEM, Maringá - PR, Brasil)

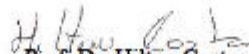
F375i	<p>Ferrari, Nathallie Matos INTERfeminista : as mulheres na gestão do futebol brasileiro / Nathallie Matos Ferrari. - - Maringá, PR, 2021. 102 f.color., tabs.</p> <p>Orientador: Prof. Dr. Hilton Costa. Coorientador: Prof. Dr. Fagner Camiel. Dissertação (Mestrado) - Universidade Estadual de Maringá, Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Departamento de Ciências Sociais, Programa de Pós- Graduação em Ciências Sociais, 2021.</p> <p>1. Identidade de gênero. 2. Representação feminina - Esporte. 3. Futebol - Torcidas organizadas. 4. Mulheres na política. I. Costa, Hilton, orient. II. Camiel, Fagner, coorient. III. Universidade Estadual de Maringá. Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes. Departamento de Ciências Sociais. Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais. IV. Título.</p> <p>CDD 23.ed. 320.082</p>
-------	--

NATHALLIE MATOS FERRARI

INTERfeminista: as mulheres na gestão do futebol brasileiro

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais do Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes da Universidade Estadual de Maringá, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Ciências Sociais pela Comissão Julgadora composta pelos membros:

COMISSÃO JULGADORA



Prof. Dr. Hilton Costa

Universidade Estadual de Maringá (Presidente)

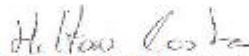


Prof. Dr. Fagner Camiel

Universidade Estadual de Maringá – UEM (Coorientador)



Prof. Dr. Simone Pereira da Costa Dourado
Universidade Estadual de Maringá - UEM



Prof. Dr. Silvana Vilodre Goellner

Universidade Federal do Rio Grande do Sul - UFRGS

Aprovada em 19 de maio de 2021

Realizada por videoconferência conforme Resolução nº 026/2020 – PGC

Dedicatória

Aos meus pais, Elisabete e Carlos Augusto; ao meu irmão, pelo apoio nesses anos difíceis; às professoras e professores que me inspiraram enormemente durante toda a caminhada acadêmica a qual serei eternamente grata; às torcedoras do Sport Club Internacional e mulheres apaixonadas por futebol que diariamente lutam para que esse esporte magnífico se torne um ambiente que as respeitem em todas as esferas em que decidam participar.

AGRADECIMENTOS

Agradeço, primeiramente, às integrantes do Coletivo INTERfeminista que foram entrevistadas e contribuíram da maneira que puderam nas respostas das questões desde o início. Vocês foram fundamentais para que eu pudesse compreender melhor o tema desta pesquisa. Fabiane, Isadora, Lueci e Natália, muito obrigada, não tenho palavras para agradecer a paciência de vocês, desde o momento em que as contatei, e o auxílio extra que me prestaram durante o processo quando foi necessário. Aprendi tanto com cada uma, obrigada pela confiança. Agradeço também à Lenize Doval, atual presidenta do Conselho Deliberativo do Internacional pelo tempo disponibilizado para nossas conversas, bem como o conselheiro Ivandro Morbach.

Aos excelentes e prestativos funcionários do Sport Club Internacional que me auxiliaram com materiais para pesquisa e dados solicitados; ao Victor Grunberg, Vice-presidente de administração à época do contato; à ouvidora geral Najla Diniz, pelas informações prestadas, e à Biblioteca Zeferino Brazil do Sport Club Internacional, meu muito obrigada.

Ao historiador Raul Pons, pesquisador da história do Sport Club Internacional, agradeço pelos materiais disponibilizados e pelo conhecimento compartilhado acerca da participação das mulheres ao longo da história do clube.

Aos funcionários da Universidade Estadual de Maringá que sempre me auxiliaram em casos de necessidade (e foram muitos, nesses dois anos de trabalho), em especial aos funcionários da Biblioteca Central, que foram de enorme ajuda para o desenvolvimento dessa pesquisa; à Denise, secretária do Departamento de Ciências Sociais; aos professores e professoras do Mestrado em Ciências Sociais, que não contribuíram apenas para o meu aprendizado e realização desta pesquisa, mas foram apoiadores imprescindíveis para que eu pudesse chegar até aqui - agradeço pelos conhecimentos, os levarei para a vida.

Um muito obrigado especial para os movimentos e coletivos femininos de torcedoras com os quais me comuniquei e, de forma sempre prestativa, me ajudaram a entender algumas questões importantes para a pesquisa: Empoderazul (Centro Sportivo Alagoano), Coralinas (Santa Cruz Futebol Clube), Gurias do Couto (Coritiba Foot Ball Club) e Atleticaníssimas (Club Athletico Paranaense). Vida longa!

Gostaria de agradecer também ao apoio, conversas e incentivo sem igual das amigas Ângela Silva Freitas, Bárbara de Oliveira Platen, Clara Matos, Giulia Giongo, Hellen Costa, Karina C. Veiga, Larissa D. Azevedo e Maria Oliveira. Vocês são muito especiais na minha vida, obrigada por me ajudarem chegar até aqui, sem cada uma de vocês essa conquista não seria possível.

Agradeço enormemente à professora Dra. Carla Cecília Rodrigues Almeida e à professora Dra. Silvana Vilodre Goellner por aceitarem participar da minha banca de qualificação e por me auxiliarem durante o processo de construção da pesquisa. Vocês são profissionais pelas quais nutro profunda admiração e respeito. Agradeço também à professora Dra. Simone Dourado por aceitar participar da banca de defesa e pelas contribuições que fez.

Agradeço ao meu orientador, Hilton Costa, pela paciência durante o processo de escrita, pela confiança depositada em minha pessoa e por todos os aprendizados que nunca esquecerei.

A todos e todas que contribuíram de alguma maneira para que esse caminho fosse possível de ser trilhado e concluído, muito obrigado!

Imagine como seríamos mais felizes, o quão livres seríamos para sermos nós mesmos, se não tivéssemos o peso das expectativas de gênero.

(Chimamanda Ngozi Adichie)

INTERfeminista: as mulheres na gestão do futebol brasileiro

RESUMO

A presente pesquisa consiste na abordagem temática da representação feminina no Conselho Deliberativo do Sport Club Internacional, de Porto Alegre, Rio Grande do Sul. Como objeto empírico, foi utilizado o Coletivo de torcedoras chamado INTERfeminista, viabilizando a discussão da representação e participação feminina no futebol, em particular em espaços de gestão. A coleta de dados foi realizada através de questionários aplicados de forma virtual à cinco integrantes do grupo. Assim, a pergunta central que se preocupa em responder é: Por que as mulheres participam pouco da política no Brasil? Partindo deste pressuposto, o contexto de formação do Coletivo é de suma importância para entender a atuação e postura adotada pelo grupo no âmbito político do futebol. Portanto, a intenção do Coletivo INTERfeminista passava por conquistar maior representatividade na vida política do Sport Club Internacional, visto que o quadro social de mulheres do clube gaúcho é de aproximadamente 23%. A partir disso, dialoga-se com a narrativa de fundação do Sport Club Internacional pautada no discurso popular de um clube aberto a todos. Assim, é interessante pensar como este lida com as demandas do século XXI, e de que maneira as mulheres se enquadram nesse discurso público de “O Clube do Povo do Rio Grande do Sul”. No capítulo final, busca-se relatar como se dá a participação das mulheres como gestoras no âmbito do futebol. A análise dos dados mostrou um resultado interessante: O Coletivo INTERfeminista não é um caso isolado. Observou-se que torcedoras de diversos clubes brasileiros vêm se organizando em Coletivos e Movimentos Políticos com o intuito de conquistar seu espaço no ambiente do futebol, e, neste trabalho, foi possível analisar alguns deles. O resultado das análises mostrou que o Coletivo INTERfeminista é o único, dentre os Coletivos de torcedoras estudados, que se preocupa em participar da política do clube desde a sua formação, ao passo que nos demais Coletivos e Movimentos políticos de torcedoras esta pauta surgiu ao longo do tempo.

Palavras-chave: Identidade de Gênero; Futebol; Sport Club Internacional; Coletivo INTERfeminista; Mulheres e Política.

INTERfeminista: Women in the management of brazilian football

Abstract

The present research consists of the thematic approach of female representation in the Deliberative Council of Sport Club Internacional, from Porto Alegre, Rio Grande do Sul. As an empirical object, the supporters Collective called INTERfeminist was used, enabling the discussion of female representation and participation in football, particularly in management spaces. Data collection was carried out through questionnaires applied in a virtual way in contact with five members of the group. Thus, the central question that is concerned with answering is the following: why do women participate little in politics in Brazil? Based on this assumption, the context of formation of the Collective is of paramount importance to understand the performance and posture adopted by the group in the political sphere of football. Therefore, the intention of Collective INTERfeminist was to gain greater representation in the political life of Sport Club Internacional, since the membership of women in the club in Rio Grande do Sul is approximately 23%. From this, it dialogues with the narrative of the foundation of Sport Club Internacional, based on popular discourse and a club open to all. Thus, it is interesting to think about how this one deals with the demands of the 21st century and how women fit into this public discourse of "The People's Club of Rio Grande do Sul". In the final chapter, the term gender is conceptualized and how the participation of women as managers in football takes place. Data analysis showed an interesting result: Collective INTERfeminist is not an isolated case. It was observed that supporters of several Brazilian clubs have been organizing themselves in Collectives and Political Movements in order to conquer their space in the football environment and in this work it was possible to analyze some of them. Finally, the results of the analyzes showed that the INTERfeminist Collective is the only one among the supporters Collectives studied with the concern of participating in the club's politics since its formation, while in the other Collectives and Political Movements of supporters studied this agenda emerged throughout of time.

Keywords: Gender Identity; Football; Sport Club Internacional; INTERfeminist collective; Women and Politics.

LISTA DE TABELAS

Tabela 1: Participação das mulheres no Senado Federal do Brasil	77
Tabela 2: Participação das mulheres na Câmara dos Deputados	78
Tabela 3. Percentual de mulheres nos Conselhos Deliberativos de clubes da série A do Campeonato Brasileiro de Futebol temporada 2020	86

Sumário

INTRODUÇÃO.....	11
CAPÍTULO 1: COLETIVO INTERFEMINISTA: O INÍCIO.....	14
1.1. Formação e as primeiras articulações do Coletivo.....	16
1.2. Movimentos políticos de mulheres no futebol brasileiro e o caso do Coletivo INTERfeminista.....	28
1.3. A Constituição Política do Sport Club Internacional.....	32
1.4. Ocupando o espaço: A chegada no Conselho Deliberativo.....	37
CAPÍTULO 2: CLUBE DO POVO? DAS ORIGENS ÀS DEMANDAS DO SÉCULO XXI.....	45
2.1. A origem e os valores de fundação do Sport Club Internacional.....	45
2.2. O princípio de novos tempos.....	56
CAPITULO 3: GÊNERO, FUTEBOL E POLÍTICA.....	57
3.1. Futebol e sociedade.....	59
3.2. O termo gênero como fator natural.....	66
3.3. As mulheres no futebol como gestoras.....	76
4. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	90
5. REFERÊNCIAS.....	93
APÊNDICE I – CARTA PROPOSTA ESCRITA PELO COLETIVO INTERFEMINISTA.....	99
APÊNDICE II – QUESTIONÁRIO APLICADO.....	101

INTRODUÇÃO

O futebol, na contemporaneidade, está repleto de significados e relevância social no Brasil, tornando-se indissociável da realidade na qual está inserido. Roberto DaMatta (1994) defende que o futebol permite aproximar o Estado nacional e a sociedade, contendo, dessa forma, uma mensagem democrática e moderna. O autor trata o futebol, portanto, como forma de leitura e percepção da sociedade brasileira. O futebol, aqui, serve como instrumento de dramatização da sociedade brasileira devido à integração social que este esporte permite. Outra dimensão do futebol se relaciona à experiência de vitória, sucesso e êxito, principalmente a do povo mais humilde da nação, que desconhece resultados favoráveis nos campos da educação, saúde e na vida política.

Contudo, é importante destacar que no que se relaciona à temática “futebol”, principalmente no contexto brasileiro, as interpretações e produções acadêmicas são realizadas a partir de um viés masculino. Ao longo dos anos, desqualificou-se o que o público feminino teria a acrescentar a essa discussão. O lugar das mulheres por muitos anos, nesse espaço, foi o de “espectadora muda” (GUEDES, 2009).

Mas se falar sobre futebol, comentar cada um dos seus aspectos, discutir eventos e sua interpretação é, também, uma espécie de esporte nacional no Brasil há, sem nenhuma dúvida, uma seleção dos que são admitidos ao debate “relevante” e, mais importante que isso, há alguns “discursos autorizados” (Bourdieu. 1996) que são matrizes e tema para os outros discursos. De fato, jornalistas e comentaristas esportivos, são os intérpretes privilegiados do futebol, especialistas e peritos que “testemunham” sua prática e tudo que a cerca. Produzem, continuamente, mais ou menos desde a década de 1930, relatos e avaliações sobre futebol, divulgados pela mídia impressa, pelo rádio e, nas últimas décadas, pela televisão, muitas vezes sob a forma de intermináveis debates, acompanhados atentamente por milhões de pessoas. (GUEDES, 2009, p. 3).

O objetivo, portanto, é desenvolver uma pesquisa qualitativa, em caráter de estudo de caso, focada no esforço de interpretação da realidade de um grupo de torcedoras do Sport Club Internacional. Este método de pesquisa se justifica, neste contexto, devido à preocupação de compreender a forma pela qual essas mulheres interagem com as práticas sociais que vivenciam no ambiente futebolístico. A concepção sobre o processo de realizar um significado em uma investigação se aproxima com o método de estudo de Sharan B. Merriam, cuja preocupação remete-se “a forma como as pessoas dão sentido ao seu mundo e às suas experiências neste mundo” (YAZAN, 2015). Assim, a preocupação se baseia na construção de um

conhecimento que combine as experiências teóricas apreendidas na academia com as consequências que podem gerar para a compreensão da vivência no campo, bem como aprender com o grupo contatado. Dessa maneira, a metodologia de Sharan B. Merriam se aproxima da opção de escolha do tema a ser estudado neste trabalho.

A temática relacionada ao futebol faz parte da trajetória acadêmica da pesquisadora responsável por este trabalho desde seu início, devido a admiração por este esporte e pela familiarização com o Sport Club Internacional. Tal clube de futebol influenciou na escolha da análise de trabalho pelo fato das questões relacionadas à alcunha popular que a agremiação possui de “Clube do Povo”, por exemplo, estarem presentes na experiência e interpretação de mundo da pesquisadora.

Com essa bagagem pré-estabelecida, a intenção é compreender e problematizar a forma como o Internacional dialogou com as questões de gênero ao longo de sua trajetória. Por um lado, a proximidade com o tema pode ter dificultado alguns aspectos na realização da pesquisa, principalmente no momento de aproximação com as informantes. A etapa mais delicada da pesquisa foi conquistar a confiança das entrevistadas para então iniciar a coleta de dados. Com relação a isso, quando chegou o momento de análise das informações obtidas, acredita-se que foram duas as dificuldades enfrentadas: a distância, e o fato das informantes não enxergarem a pesquisadora como uma torcedora, assim como elas. Nesse momento, foi difícil afastar a emoção de torcedora e focar no fato de que o contato aconteceu para a realização de uma pesquisa acadêmica, e que, ao menos no período de entrevista e de aplicação dos questionários, a relação que deveria ocorrer era apenas de pesquisadora e informantes.

Por outro lado, conhecer o que se estuda pode trazer uma análise mais detalhada ao leitor. Foi devido a proximidade com o tema, inclusive, que houve a revelação e o interesse de estudo no Coletivo INTERfeminista, bem como pelo fato de ser o único Coletivo analisado que possuía a intenção de, desde a sua formação, participar da vida política de um clube de futebol. A principal intenção do grupo era ocupar o espaço do Conselho Deliberativo do Internacional. Isto posto, o recorte temporal realizado no texto parte da fundação do Coletivo INTERfeminista, no ano de 2016, até o pleito eleitoral de 2018, período em que ocorreram mudanças significativas na estrutura política do clube. A pesquisa visa compreender as ações de um grupo de torcedoras de futebol para conquistar espaço na gestão de um clube de futebol profissional.

Quanto à metodologia de pesquisa, os dados foram coletados a partir da aplicação de dois questionários com perguntas abertas. O processo aconteceu

predominantemente de forma virtual, entre os anos de 2016 e 2021. O primeiro contato seu deu por meio do *Facebook* com a intenção de se aproximar das integrantes e apresentar a temática de pesquisa ao grupo. Após o primeiro contato, foi necessário utilizar aplicativos de mensagens, como *WhatsApp* e *Messenger*, para iniciar as conversas, bem como para ter a aprovação das integrantes para a pesquisa; as que aceitaram contribuir com o trabalho tiveram as primeiras informações coletadas (nome, idade e profissão).

Importante destacar que cinco integrantes do Coletivo aceitaram compartilhar informações e responder aos questionários. Optou-se por utilizar o nome de Najla Diniz, Lueci Silveira e Fabiane Dutra de Oliveira, - conselheiras do Internacional e integrantes do Coletivo INTERfeminista. As outras duas entrevistadas serão chamadas de informantes 1 e 2, e em certos momentos a informante 3 aparecerá para omitir a fala de uma das conselheiras e preservar a sua imagem. Com relação à localização das informantes, quatro delas residem no estado do Rio Grande do Sul, e uma no Distrito Federal. Devido à distância geográfica entre a pesquisadora e as informantes, além dos aplicativos de mensagens (*WhatsApp* e *Messenger*) foi necessária a utilização das redes sociais *Twitter*, *Instagram* e *Facebook*, além da plataforma *Skype*.

Os diálogos com as integrantes do Coletivo foram gravados em forma de áudio, sobretudo as entrevistas realizadas através do aplicativo de mensagem *WhatsApp* (efetuadas por aparelho de celular e computador). Quanto às falas utilizadas no trabalho, procurou-se preservar o máximo possível de seus conteúdos. Vale salientar que todas as autorizações foram previamente solicitadas, com o intuito de realizar uma pesquisa científica pautada na questão ética e moral de produção de conhecimento. Nesse sentido, optou-se por utilizar o nome de três integrantes do Coletivo, pois, atualmente, são conselheiras do Sport Club Internacional. As identidades das demais integrantes do Coletivo ficaram em sigilo. Após a realização das entrevistas, deu-se início a fase de transcrição e análise dos áudios, preservando, assim, todos os conteúdos presentes nas falas das entrevistadas.

Conforme a pesquisa foi se desenvolvendo, surgiram novos questionamentos e a coleta de dados, de forma involuntária, foi para além do Coletivo INTERfeminista, contando, assim, com contribuições de conselheiras do Sport Club Internacional que fazem parte do Movimento “O Povo do Clube”. Essas falas serão recorrentemente mencionadas devido à importância de algumas entrevistadas na inserção de espaços políticos do Internacional. É necessário, nesse sentido, diferenciar os termos *O Povo do*

Clube e o slogan *Clube do Povo*, devido à semelhança de nomenclatura, por isso, quando houver a referência ao *slogan* aparecerá como Clube do Povo e o que estiver relacionado ao movimento social e político como “O Povo do Clube”.

O marco inicial para fundação do Coletivo INTERfeminista, de acordo com as participantes do movimento, se deu após sucessivos casos de machismo por parte da imprensa gaúcha e por jogadores do Internacional no ano de 2016. Foi a partir de uma campanha realizada pelo clube em comemoração ao Dia Internacional da Mulher, em março de 2016, exposta da seguinte forma: “*Mesmo depois de tantos títulos, a maior conquista delas continua sendo a nossa admiração*”¹ que levou uma integrante do Coletivo INTERfeminista a escrever uma carta aberta, publicada tempos mais tarde em um *blog*, que chegou ao conhecimento da fundadora do Coletivo e hoje conselheira do Sport Club Internacional, Najla Diniz. A campanha inferioriza as mulheres, reforçando estereótipos, e acabam por reduzir suas conquistas à admiração de um clube de futebol, fortalecendo, mesmo que de forma não intencional, o descaso com suas sócias e torcedoras. A partir disso, algumas torcedoras começaram a se organizar, dando início à formação do Coletivo INTERfeminista.

Atentas ao modo como o clube se relacionava com as próprias torcedoras, criou-se a necessidade de formular algumas ações mais sérias e, nesse contexto, foi redigida uma carta proposta que mencionava os assuntos que o grupo se preocupava em debater. O conteúdo dessa carta será desenvolvido nas próximas páginas, contudo, é possível observar reivindicações como poltronas de amamentação e o banheiro família. Segundo o Coletivo INTERfeminista, a ampliação desses espaços representaria, para o público feminino, maior conforto, segurança e estímulo para frequentar e levar seus filhos ao estádio. Nesse momento, é importante destacar, inclusive, a questão das Musas do Saci e os uniformes do clube disponibilizados para as torcedoras.

As participantes do Coletivo também acreditavam ser necessária a criação de uma ouvidoria feminina no estádio que abrangesse casos de homofobia, assédio, perseguição, dentre outros casos que podem vir a ocorrer dentro ou nas proximidades do estádio Beira-Rio. A discussão sobre a implementação do futebol feminino, desde as categorias de base, foi outra pauta desenvolvida na carta, e que foi atendida, haja vista que o Internacional reativou as atividades para a volta do futebol feminino no clube, em

¹ A peça publicitária pode ser observada no site: <https://gauchazh.clicrbs.com.br/esportes/inter/noticia/2016/03/acao-de-marketing-do-inter-no-dia-da-mulher-causa-polemica-nas-redes-sociais-4992846.html>.

2017, incentivando-o e desenvolvendo políticas desde as categorias de base², como foi solicitado.

O estudo da atuação política feminina no futebol ganha contornos diferenciados quando se tem o Sport Club Internacional como objeto de análise. O Clube do Povo, conforme sua autodenominação, com fundação em 04 de abril 1909 pelos irmãos Henrique, José Eduardo e Luís Madeira Poppe, tem seu discurso fundacional já marcado no nome da agremiação, que difundia a ideia de “aceitar” a todas as pessoas, sejam brasileiras ou estrangeiras. Esta ideia foi potencializada no decorrer dos anos, mesmo com fortes indícios de que a inserção de pessoas negras no clube não foi tão harmoniosa quanto se conta.

Para responder às questões de como ocorre a ocupação das mulheres nos espaços esportivos, o trabalho foi dividido em quatro capítulos. O primeiro, “*INTERfeminista: o início*” é dedicado à observação do Coletivo INTERfeminista, passando pela sua atuação, até a chegada de três mulheres do grupo ao Conselho Deliberativo do Internacional. A partir das falas e informações coletadas das entrevistadas, fez-se uma discussão de como elas visualizam a política do clube. Para melhor compreensão do leitor, será apresentada a estrutura política do Internacional e como o Conselho Deliberativo funciona na prática.

O Capítulo II, “*Clube do Povo? Das Origens às Demandas do Século XXI*”, faz uma reflexão acerca da origem e dos valores que foram responsáveis pela fundação do Sport Club Internacional. Nesse sentido, traz uma análise de como as informantes enxergam a história do clube e como o clube percebe sua própria história. Assim, buscou-se analisar sua autobiografia e os valores que inspiraram sua fundação no ano de 1909. O intuito foi analisar de que forma esses valores conversam com as demandas de novos tempos.

O Capítulo III, “*Gênero, Futebol e Política*”, finalmente, busca desenvolver a argumentação de que o futebol não é um fenômeno à parte da sociedade, “reproduzindo”, portanto, um padrão hegemônico. Para efeito de sustentação deste argumento foram apresentados alguns dados da participação de mulheres na política esportiva e não esportiva, com o intuito de mostrar as mulheres no futebol como atletas e como gestoras. Por fim, foram analisadas, de forma minuciosa, as pautas contidas na carta proposta que o Coletivo INTERfeminista elaborou no ano de 2016.

² Conforme pesquisas realizadas em dezembro de 2020 no site oficial, o time feminino do Internacional (as “Gurias Coloradas”) é composto pelas seguintes categorias: Sub-14, Sub-16, Sub-18 e o time adulto.

CAPITULO 1: COLETIVO INTERFEMINISTA: O INÍCIO

1.1 Formação e as primeiras articulações do Coletivo

Em primeiro lugar, é necessário mencionar sobre a simbologia que envolve seu nome, pois é um importante caminho para conhecermos e entendermos melhor o Coletivo, bem como suas componentes. O prefixo “Inter” presente no nome INTERfeminista visa exprimir a inclusão, ou seja, contemplar diversos feminismos e mulheres em um assunto comum: o Internacional. Assim, corresponde a um grupo de torcedoras coloradas³ com a preocupação de debater questões referentes à temática de gênero na arquibancada e também fora dela. Composto por mulheres publicamente identificadas com uma agenda feminista, antimachista e contra qualquer forma de discriminação no espaço futebolístico, o grupo iniciou suas atividades em 2016, em um período conturbado do Sport Club Internacional, dentro e fora de campo, e também pelo fato de ser ano eleitoral.

A gestão de Vitório Piffero (biênio 2015-2016) estava recebendo muitas críticas pelo mal resultado dentro de campo, culminando no primeiro rebaixamento do clube para a Série B do Campeonato Brasileiro de Futebol, ainda no ano de 2016. Os bastidores também eram agitados com a eleição que se aproximava, e a torcida se encontrava impaciente pelo fato da diretoria não ouvir as demandas do quadro de sócios. Nesse período, o diálogo, principalmente das sócias torcedoras com clube, era bastante distante. Apesar das torcedoras coloradas terem um histórico pioneiro na ocupação das arquibancadas do Estádio Beira-Rio⁴, foi só a partir do ano de 2016 que elas começaram a se organizar para terem suas demandas atendidas. Conforme o grupo se organizava e novas integrantes ingressavam, ocorreu a necessidade de articular outras pautas. Assim, o grupo redigiu uma carta com propostas que viriam a ser apresentadas aos candidatos à presidência no pleito eleitoral de 2016, a qual será discutida adiante.

³ Colorado é uma expressão utilizada para se referir ao Internacional e sua torcida (colorados/coloradas). O termo pode contar com outro significado: nas primeiras décadas do século XX, os negros eram chamados de colorados. No decorrer da história do futebol do Rio Grande do Sul e do duelo mais famoso do estado, o GreNal (disputa que ocorre há mais de 100 anos entre o Grêmio e o Internacional), os dois clubes estiveram em lados opostos, devido ao fato de o segundo ter dado maior abertura para atletas negros, o que se deu a partir de 1925. Por isso a torcida e o próprio clube passaram a ser chamados de colorados/as.

⁴ No ano de 2009 foi criada a Força Feminina Colorada, a primeira torcida organizada exclusivamente feminina do Sul do Brasil. Além de torcer pelo Internacional, também realizam ações sociais.

É importante mencionar algumas informações acerca do perfil social das informantes que aceitaram contribuir para a presente pesquisa. Como foi dito na Introdução, chegou-se ao número de cinco entrevistadas, que tiveram suas falas colhidas por meio de aplicação de questionários de perguntas abertas e conversas realizadas via aplicativos de mensagens e redes sociais. O Coletivo INTERfeminista é composto por mulheres acima dos dezoito anos, entre 23 a 44 anos, e sócias do Sport Club Internacional (embora esse fato não conte como pré-requisito para participação do grupo, todas são bem-vindas, seja sócia ou não). Duas das informantes possuem Ensino Superior incompleto, e três o completaram; elas exercem a profissão de estudantes, dentistas, professoras, bibliotecárias, produtoras de eventos, advogadas, e algumas delas também são conselheiras do clube em outros períodos; das cinco entrevistadas, quatro residem na cidade de Porto Alegre, e uma em Brasília.

Além do mais, o feminismo é muito relevante nas trajetórias de vida dessas mulheres pelo fato da consciência que têm quanto ao papel do grupo na defesa de um esporte mais inclusivo e representativo. Como o próprio nome nos auxilia a entender, através do Coletivo, as integrantes tinham propostas que intuía fazer do clube um espaço de intervenção das pautas femininas e, nesse contexto, o feminismo ganha um caráter fundamental para compreender com mais profundidade as ações pelas quais as integrantes do Coletivo lutam.

A respeito da teoria feminista, as décadas de 1960 e 1970 foram um marco para esse movimento. Como mostra a bibliografia, nesse período, a eclosão do movimento aconteceu principalmente na cena pública dos Estados Unidos e da Europa. No entanto, o problema de visualizar a concepção de mulher a partir do olhar das feministas ocidentais, diz respeito principalmente ao fato de tratar as mulheres como um grupo homogêneo e singular que se caracteriza por portar comuns interesses, realidades, objetivos e perspectivas. Ignora-se, portanto, a pluralidade de ser mulher. No que se refere a isso, Carla Almeida (2013), nos chama a atenção para o seguinte:

O primeiro deles dizia respeito à pretensão de definir uma única causa para a opressão feminina. De acordo com Barrett e Phillips (2002), essa pretensão marcou o feminismo do período, ainda que suas diferentes vertentes não encontrassem acordo sobre qual seria essa causa: o sistema patriarcal, o capitalismo, as psicologias do poder. Para as autoras, a diversidade de respostas presentes obscurecia, inclusive, a necessidade de interrogar a crença comum sobre a qual elas eram formuladas, a saber: a de que havia uma única causa para a opressão feminina que podia ser, assim, isolada e explicitada.

Conforme o balanço de Barret e Phillips (2002), as críticas das correntes pós-estruturalistas em relação aos elementos teleológicos contidos nas premissas da causalidade, na busca de um momento fundador que teria poder para explicar tudo, ecoaram no debate feminista de modo a circundar de suspeitas e polêmicas as pretensões de definir uma origem única para a opressão feminina. O segundo consenso decorria desse primeiro. Sob a crença de que seria possível apontar um único fenômeno estrutural para a opressão das mulheres, subjazia a concepção de que haveria um interesse propriamente feminino, particular das mulheres. Ou seja, a crença de que se poderia apontar uma origem única e própria da opressão feminina levava a ideia de que esse universo, o universo feminino, seria homogêneo nos seus interesses. (ALMEIDA, 2013, p. 4).

Nesse contexto, os feminismos com os quais o Coletivo busca dialogar podem ser observados através de duas vertentes: o feminismo interseccional e o feminismo emancipacionista. O feminismo interseccional que combate à discriminação de raça, classe e gênero de modo conjunto leva em conta diversos outros fatores ao debate, como as desigualdades econômicas, políticas, culturais ou de experiências. É de entendimento que as mulheres são diferentes entre si, levando em conta que cada uma possui uma experiência e trajetória distintas, independente da localidade que ocupam. Significa dizer, portanto, que o feminismo interseccional representa a união entre as diferentes demandas das mulheres, que não apenas chamam a atenção para as diversas opressões sofridas por elas, como promovem uma maior troca de experiências.

O feminismo emancipacionista surge a partir de uma conversa com uma das informantes contatadas. É um termo pouco utilizado no meio acadêmico, sendo possível encontrar informações e identificações mais aprofundadas em partidos políticos e movimentos sociais de esquerda nos quais a base de projeto é o socialismo. Esta torcedora dedicou 20 anos de sua vida à militância com a intenção de ver o feminismo chegar mais longe, inclusive no futebol. Seguindo essa perspectiva, a professora, poeta, militante política e advogada Loreta Valadares (1990) conceitua o feminismo emancipacionista da seguinte forma:

Entende e analisa a especificidade da mulher como fruto da perda da liberdade de produzir e confinamento à esfera privada, com conseqüentes derrotas no plano político-jurídico (derrota do direito materno, por exemplo), afirmando, portanto, a opressão específica em íntima relação com o processo de surgimento de propriedade privada, transformando a própria mulher em propriedade do homem (Marx, in *A Ideologia Alemã*). “(...) A opressão específica da mulher caminha e se desenvolve "pari passu" com a opressão social, de classes, caracterizando, assim, a mulher como oprimida enquanto ser sexual e ser social (Bebel, in *A Mulher e o Socialismo*), com seus

correspondentes reflexos e formas na superestrutura. Em decorrência deste ponto de vista materialista histórico, livrar-se da opressão específica – emancipar-se – exige a via revolucionária que aponta o caminho do socialismo, único regime que resolve a contradição básica da sociedade de classes capitalista – produção coletiva x apropriação individual transformando esta última em social, ao eliminar a propriedade privada sobre os meios de produção. Deste modo, o socialismo abre as portas à completa emancipação da mulher. (VALADARES, 1990).⁵

O Coletivo INTERfeminista congrega mulheres com diversas visões de mundo, todas são diferentes e únicas à sua maneira, contudo, dividem a paixão pelo Internacional e lutam para que se torne um clube mais inclusivo e receptivo à presença de suas próprias torcedoras. Buscam não se limitar a uma classificação, mas entendem que muitas das características que compõe seu modo de ser representam privilégios sociais dentro da sociedade que ocupam e, portanto, procuram agregar discussões que contemplem as diferentes formas de ser mulher na sociedade e no futebol. Assim, unidas, essas mulheres buscavam formular demandas que contemplassem o maior número de torcedoras do Internacional, que até aquele momento se viam esquecidas pela gestão do clube.

Antes de dar continuidade à história do Coletivo INTERfeminista, é relevante expor um fato ocorrido no período anterior à formação do grupo, que faz com que se visualize melhor como se desenrolam as relações no âmbito do Conselho Deliberativo do Internacional. Najla Diniz, uma das responsáveis pela organização do Coletivo e conselheira do Internacional desde 2015, propôs uma cota feminina nas nominatas que concorrem ao Conselho Deliberativo. A proposta era de que a cada dez nomes, dois fossem de sócias. Segundo a conselheira, a proposta foi ridicularizada em plenário em um primeiro momento e arquivada. Conforme a visão de Najla, “as cotas são políticas afirmativas, representam uma porta de entrada para equidade de gênero”. Nesse sentido, afirma que a proposta apresentada foi rechaçada por que:

Na visão dos homens, não ocupamos os espaços porque não quisemos. Eles não conseguem se enxergar excludentes, não conseguem enxergar que a dinâmica dos movimentos políticos não favorecem a participação feminina. (Informações concedidas pela integrante Najla Diniz, através do questionário aplicado pela pesquisadora, 2020).

⁵ VALADARES, Loreta. A "controvérsia" feminismo x marxismo. Coleção Princípios, São Paulo, nº 18, jun/jul/ago, p. 44-49, 1990. Disponível em: <http://revistaprincipios.com.br/artigos/18/cat/2013/a-controv%C3%A9rsia-feminismo-x-marxismo.html>. Acesso em: 14 de janeiro de 2021.

A luta de Najla Diniz estava relacionada à equidade dentro do Conselho, ou que, no mínimo, houvesse a mesma proporção do número de sócias com o número de conselheiras. Segundo essa concepção, se o número atual de sócias é de aproximadamente 23%, Najla acredita que as nominatas das chapas devem contar com 23% dos nomes femininos nas posições elegíveis. A conselheira, assim como as demais integrantes do grupo, sempre incentivou a presença das mulheres na vida política do clube. Nota-se que desde a formação do INTERfeminista já era realizado um trabalho de conscientização para que o Conselho Deliberativo fosse um espaço ocupado pelas mulheres.

A trajetória do Coletivo inicia-se após casos de machismo que ocorreram por parte de jornalistas da imprensa tradicional de Porto Alegre e por jogadores do próprio clube. Em março de 2016, o então jogador do Internacional Anderson Luís de Abreu Oliveira se envolveu em uma polêmica com uma torcedora. O motivo foi que uma das fãs do Internacional postou foto da arquibancada na cuja legenda era: "Salário em dia, futebol atrasado", que tinha como intuito cobrar o jogador pelas más atuações. Anderson não só visualizou as mensagens, como cobrou pessoalmente a torcedora. As palavras dele continham xingamentos altamente sexistas e machistas que dificilmente seriam proferidas a um homem⁶. Após a ocorrência do fato mencionado, ainda em 2016, Adroaldo Guerra Filho, o Guerrinha, importante jornalista esportivo da tradicional Rádio Gaúcha, durante a transmissão do Campeonato Gaúcho daquele ano, comentou o seguinte: “devido aos preços elevados dos ingressos, passando na roleta era possível ganhar uma mulher de brinde.” E esse foi o estopim para a formação do Coletivo INTERfeminista.

Tais acontecimentos causaram enorme indignação nas integrantes, que começaram a usar as mídias sociais para tornar visível seu desconforto, criando uma rede viral que contemplavam outras torcedoras. Então, iniciou-se as conversas que culminariam na formação do Coletivo. A partir desse momento, foram iniciados alguns debates em grupo fechado no *Facebook* que conta atualmente com mais de 200 torcedoras. Segundo uma das integrantes do grupo, nesse primeiro momento, as mulheres pensavam o seguinte:

⁶ O conteúdo da conversa pode ser lido em: <https://gauchazh.clicrbs.com.br/esportes/inter/noticia/2016/03/torcedora-ofendida-por-anderson-cogita-ir-a-justica-contra-o-meia-5303811.html>. Acesso em: 08 de janeiro de 2021.

Nosso objetivo era vir a público para chamar atenção ao modo como as torcedoras em geral eram/são tratadas no meio do futebol e, especialmente, ao descaso que a direção do nosso próprio clube estava tendo conosco. (Informações concedidas pela integrante 2 do Coletivo INTERfeminista, através do questionário aplicado pela pesquisadora, 2020).

O futebol não está deslocado da realidade na qual está inserido, e isso pode ser observado a partir dos citados casos de machismo sofridos pelas torcedoras do Internacional em 2016, mesmo ano em que a presidenta eleita Dilma Rousseff sofrera o processo de *impeachment*, no mês de agosto.

Com a proximidade das eleições do Sport Club Internacional, que ocorreriam ano de 2016, as integrantes do Coletivo elaboraram uma carta que foi enviada aos candidatos à presidência, Marcelo Medeiros⁷ e Pedro Affatato, com propostas que elas gostariam de ver colocadas em prática na próxima gestão. Preocupadas em relatar aos candidatos a real representatividade das mulheres no Conselho Deliberativo, argumentaram que aquele espaço não contemplava o número real de sócias que, até a conclusão dessa pesquisa, correspondia ao número de 22.674. Desse modo, concluiu-se que 22,13% do quadro social do clube é composto por mulheres⁸.

No que diz respeito à carta proposta elaborada pelo grupo, desde o início é possível notar um posicionamento firme quanto à baixa representação feminina no Conselho Deliberativo, bem como mulheres e torcedoras do Internacional:

(...) Somos, acima de tudo, conscientes de nosso papel e da nossa importância na vida do Inter (...). “Gostaríamos de estar mais e melhor representadas na vida política do clube; independente de movimento político que possa ou não participar, a voz das mulheres coloradas precisa de autonomia e capacidade propositiva na vida do clube. (Trecho retirado da carta proposta redigida pelo Coletivo INTERfeminista, Porto Alegre, 2016).

Uma importante questão abordada na carta proposta é sobre a função das Musas do Saci, que, no momento de formação do Coletivo, se tornou uma pauta recorrente de reivindicação. Até o ano de 2017 eram avaliadas 15 candidatas de 16 a 30 anos, após o envio de uma fotografia de corpo e de rosto anexados à ficha de inscrição. O nome “Musas do Saci” designa essas mulheres que fazem “companhia” ao mascote do Internacional (o Saci) no campo quando o time mandava seus jogos no Estádio Beira-

⁷ Com 94,8% dos votos, foi, pela primeira vez, eleito presidente do clube no biênio 2017/2018.

⁸ Informação retirada do site Portal da Transparência, do Sport Club Internacional. (<https://transparencia.internacional.com.br/>). Acesso em: 01 de junho de 2021.

Rio, com o objetivo de animar a torcida. Para as integrantes do Coletivo, as mulheres estão no estádio para torcer, não para serem musas ou para enfeitar e “embelezar” esse espaço. Nesse sentido, destaca-se um trecho importante presente na carta proposta redigida pelo Coletivo que ajuda a entender um pouco melhor porque essa questão era vista com grande importância para as integrantes:

Gostaríamos que a função “musas do saci” fosse reformulada, a começar pela idade de recrutamento (16 anos!), pelas roupas inadequadas ao ambiente esportivo que usam e pela sua formação. Uma equipe mista de animadores de torcida e que exerçam também uma função social dentro dos projetos do clube, seria mais relevante que meninas dançando pra apenas um lado do estádio. (Trecho retirado da carta proposta redigida pelo Coletivo INTERfeminista, Porto Alegre, 2016).

No trecho acima, observa-se a preocupação como o “recrutamento” das jovens (especificamente adolescentes a partir de 16 anos), e a função até então ocupada pelas “Musas do Saci” que era apenas de animar o público que frequenta o Beira-rio em dias de jogos do Internacional. O termo “roupas inadequadas” demonstra certo tom conservador sobre algumas questões de gênero relacionadas ao ambiente esportivo. Observa-se, portanto, que este meio possui alguns códigos de vestimenta (mas só para as torcedoras), e isso ocorre devido ao espaço ser ocupado predominantemente pelo público masculino, o que retira das torcedoras o livre arbítrio de vestir-se como querem. Ou seja, as mulheres que frequentam estádios de futebol ainda precisam usar vestimentas compridas ou que se afaste do “excesso” de decote, pois o público masculino é bastante crítico sobre essa questão. Os casos de assédio ainda não cessaram completamente.

De encontro a temática “Musas do Saci”, os concursos de musas foram recorrentes no futebol por muito tempo. Concursos de “torcedoras-musas”⁹ dos times brasileiros de maior expressão ocorriam, ano após ano, com alto grau de sexualização das mulheres, encontravam ampla aceitação pelo jornalismo esportivo e pelo público masculino. As Musas do Saci, do Internacional cumpriam a função de divertir os torcedores durante os jogos no estádio Beira-Rio. No futebol e, em muitos outros

⁹ Competições como o Miss Universo ou Miss Brasil e concursos de beleza que visam escolher a mulher mais bonita de estados e países também podem ser encontrados no ambiente futebolístico. Concursos como o “Gata do Paulistão” promovido pela própria Federação Paulista de Futebol e “Musa do Brasileirão” criado em 2006 através do site Globo Esporte são dois exemplos disso. Ambos contaram com sua última edição em 2013. As edições de 2006 e 2007 foram realizadas exclusivamente pela internet, contudo, a partir de 2008 o concurso “Musa do Brasileirão” começou a ser transmitido pela TV Globo no programa Caldeirão do Huck. Cada uma das 20 candidatas representava um clube da Série A do Campeonato Brasileiro daquela temporada.

esportes, as mulheres são vistas como meros elementos decorativos. A esse respeito, Gabriel de Moraes Vieira (2016) desenvolveu o argumento de que as mulheres que ocupam esse espaço são modelos contratadas para entregar troféus e medalhas em finais de campeonatos masculinos (VIEIRA, 2016), e menciona, ainda que, nos Estados Unidos, a figura das *cheerleaders* se tornou parte da identidade nacional.

As cheerleaders são animadoras de torcida que apresentam coreografias coletivas repletas de piruetas e gritos de guerra com o objetivo de incentivar as equipes que representam. A prática alia uma atividade física intensa a um exercício de trabalho em grupo e é contemplada nas grades curriculares extraclasse de todo o país. Entre os profissionais, as cheerleaders estão presentes em todas as 30 equipes da NBA (Associação Norte-Americana de Basquete) e em 25 dos 32 times da NFL (Liga de Futebol Americano). (VIEIRA, p. 34, 2016).

Outro ponto levantado pelo grupo e apresentado aos candidatos à presidência, se relacionava à poltrona de amamentação¹⁰. O intuito do Coletivo era que o clube criasse um espaço tranquilo e adequado para que as mães coloradas pudessem amamentar seus filhos(as). Isso estimularia as mulheres a frequentar o estádio com seus filhos nas partidas realizadas pelo Internacional. Nesse mesmo sentido, incluíram na carta a necessidade de criação de banheiro família.¹¹

A carta também questionou o *marketing* do clube quanto aos critérios de seleção de fornecedores, cobrando que se façam contratos com empresas capazes de desenvolver produtos específicos para o público feminino. À época da formação do coletivo, o enxoval do Internacional era produzido pela Nike. Segundo a carta, a Nike não produzia variedade de mercadorias para as torcedoras: “As mulheres coloradas não têm opção, nem variedade, perdemos todos: clubes e consumidoras”, diz um trecho da carta.¹² Além disso, as torcedoras afirmaram na epístola que as mulheres eram impedidas de comprar as camisetas oficiais utilizadas nos jogos, concluindo que não

¹⁰ Segundo as informantes, atualmente existe um banheiro dentro do estádio Beira-Rio que conta com poltrona de amamentação, como solicitado pelo Coletivo. Para as entrevistadas, isso significa um avanço.

¹¹ O banheiro família é um espaço que já existia no estádio Beira-Rio, contudo a ideia das integrantes do Coletivo INTERfeminista consistia em ampliá-lo. Resumidamente, trata-se de um espaço no qual tanto o pai quanto a mãe estão aptos a utilizá-lo para trocar seus filhos. O ambiente também conta com espaços para amamentação e sanitários voltados ao público adulto e infantil.

¹² A Nike é uma empresa de equipamentos e acessórios esportivos fundada em 1972, nos Estados Unidos, e entrou forte no mercado do futebol nos anos 1990. A Nike Brasil não é necessariamente a Nike USA, desse modo, quando um clube brasileiro fecha com a Nike Brasil para fornecimento de material esportivo não significa dizer que isso ocorre diretamente com a Nike USA, podendo ocorrer diferenças no catálogo disponível pela matriz.

eram reconhecidas como público consumidor no universo do futebol. Em postagem nas mídias sociais do Coletivo, em maio de 2016, elas mostraram indignação com o modelo que havia sido lançado para o público feminino naquela temporada:

O lançamento de um novo modelo de camisas oficiais gera expectativas em todxs torcedorxs. Ver em campo alimenta o desejo de também possuir o manto sagrado de seu time.

Este ano, a empresa responsável nos traz uma surpresa: um modelo "oficial" feminino que não corresponde ao modelo "oficial" masculino. Além de tudo, oferece um generoso decote, que objetifica e expõe o corpo da mulher.

Não há opção de compra para as mulheres do modelo oficial de jogo. Só esse". (Texto postado na página oficial do Coletivo INTERfeminista no *Facebook*, em 11 de maio de 2016).

O modelo feminino da camisa do Internacional daquele ano gerou calorosos debates entre as torcedoras que, inclusive, não consideravam aquele o “modelo oficial feminino” do time, reforçando a diferença entre os modelos ofertados para o público feminino e o masculino. Em vista disso, as integrantes do Coletivo deixaram claro que são consumidoras assíduas dos produtos femininos, porém ainda é difícil encontrar uma linha completa para as torcedoras do clube¹³. O que elas buscavam era algo muito simples: modelos idênticos aos disponibilizados ao público masculino, principalmente linhas que não descaracterizassem o uniforme de jogo. Nem isso era ofertado. De encontro a essas problemáticas, havia também apenas um tamanho de modelagem.

A carta redigida pelas integrantes do Coletivo INTERfeminista é fundamental para que se compreenda o que o grupo ansiava. Desde o início da sua formação, para as integrantes do coletivo, torcer é um ato político, e frequentar o estádio é um ato de resistência. O mesmo vale para os negros e para público LGBTQIA+, devido ao histórico preconceituoso do ambiente. Uma vez que as relações entre homens e mulheres na sociedade brasileira estão pautadas pelo poder, no universo do futebol isso não é diferente. Nesse sentido, as integrantes possuem uma postura bastante ativa contra casos de homofobia e racismo no estádio de futebol, bem como pela defesa dos direitos humanos dentro e fora das quatro linhas. O Coletivo sempre buscou, de maneira respeitosa, propositiva e inclusiva, que o clube abrisse as portas para mulheres e outros

¹³ Nos dias atuais, ainda é muito comum encontrar camisas do Internacional nos modelos femininos voltadas para a linha torcedor, o problema é que essas coleções não são utilizadas em jogo e, portanto, não são oficiais. As torcedoras querem maior variedade de produtos como: camisas de jogo, camisas II e III, camisa treino e camisa de goleiro(a), por exemplo. Modelos que são amplamente ofertados ao público masculino.

grupos que poderiam não se ver representados na política e em outras esferas do Internacional.

Nesse período, as integrantes do Coletivo acreditavam, também, na importância da criação de uma ouvidoria feminina no estádio, que seria o canal para um trabalho preventivo contra todas as formas de preconceito de etnia, sexualidade dentre outros casos semelhantes que poderiam e podem vir a ocorrer dentro do estádio Beira-Rio, a fim de construir um espaço mais plural para todos e todas. A respeito dessa demanda, foi criada, no ano de 2019, a Diretoria de Inclusão a fim de centralizar iniciativas contra preconceitos e discriminação. O órgão conta com a coordenação de uma das integrantes do Coletivo, Najla Diniz, e vem realizando trabalhos importantes no sentido de incluir, no ambiente do futebol, as mulheres e toda a pluralidade de pessoas que compõe a torcida do Internacional.

A carta ainda abre discussão sobre a implementação do futebol feminino no clube. A questão da reativação do departamento de futebol feminino é de suma importância para entender a forma como o Coletivo conduz seu posicionamento. Para o grupo, era necessário iniciar a execução de um trabalho que fosse desenvolvido desde as categorias de base, com a realização de um planejamento sério e específico para essa área. A proposta foi atendida pelo presidente Marcelo Medeiros, visto que o Sport Club Internacional reativou as atividades do departamento de futebol feminino no ano de 2017¹⁴.

O passo inicial foi dado pela FIFA, em 2016, ao assegurar que ao menos seis mulheres, uma de cada continente, fariam parte do Conselho da instituição, que conta com 37 membros¹⁵. Essa ação motivou a CONMEBOL (Confederação Sul-Americana de Futebol a estabelecer algumas diretrizes a respeito do futebol feminino no continente. Os clubes interessados em disputar as competições masculinas organizadas pela entidade, como Copa Libertadores da América, Copa Sul-Americana e Recopa Sul-Americana, deveriam estruturar seus investimentos também em torneios femininos. A regra passou a vigorar a partir de 2019. Importante destacar que foi devido a essa

¹⁴ O Sport Club Internacional deu início às atividades do futebol feminino no ano de 1983 e, em 1987, conquistou o terceiro lugar no Campeonato Brasileiro da modalidade e foi tri-campeão do Campeonato Gaúcho de Futebol Feminino. Neste mesmo ano, encerrou suas atividades pela primeira vez. Mais tarde, em 1996, o Futebol Feminino foi reativado por iniciativa de Eduarda Marranghello Luizelli, a Duda. O Departamento de Futebol Feminino do clube fechou novamente em 2004.

¹⁵ Informações retiradas do site: <https://trivela.com.br/nao-adianta-ter-reforma-de-genero-no-conselho-da-fifa-sem-uma-reforma-de-ideias-na-entidade/>. Acesso em: 15 de setembro de 2020.

obrigatoriedade da CONMEBOL que fez com que o Internacional reativasse o departamento de futebol feminino.

A CBF (Confederação Brasileira de Futebol), recentemente, também tornou obrigatório o regulamento que comanda o futebol sul-americano. A norma da Confederação Brasileira diz que cada clube que disputou o Campeonato Brasileiro da Série A de 2019 deve participar de competições femininas. Para isso, pode realizar parceria com um clube já existente. Dessa maneira, o regulamento da CONMEBOL prevê o seguinte:

O solicitante deverá ter uma equipe principal feminina ou associar-se a um clube que a tenha. Além disso, deverá ter pelo menos uma categoria juvenil feminina ou associar-se a um clube que a tenha. Em ambos os casos, o solicitante deverá providenciar suporte técnico e todo o equipamento e infraestrutura (campo de jogo para a disputa de jogos e treinamento) necessários para o desenvolvimento de ambas equipes em condições adequadas. Finalmente, é exigido que ambas equipes participem de competições nacionais e/ou regionais autorizadas pela respectiva Associação Membro”. CONMEBOL, Capítulo IV, nº D. 04: Descrição “Equipe Feminina. (p. 40.)

Com estas obrigatoriedades, houve também um aumento da procura das meninas por escolinhas de futebol que as auxiliem no aprimoramento de sua técnica esportiva. As escolinhas vêm ganhando espaço considerável na vida da nova geração de meninas esportistas e, com relação a isso, a Escola da Duda, fundada em 2004 pela ex-jogadora e ex-gerente de Futebol do time de feminino do Internacional, Eduarda Marranghello Luizelli, objetiva incentivar meninas e meninos, com trabalho direcionado à formação de futuros e futuras atletas. Atualmente, a instituição conta com 16 unidades espalhadas pelo estado do Rio Grande do Sul e tem quase 1.300 atletas (1.000 meninos e 300 meninas). Porém, a forma com que o Sport Club Internacional administra o futebol feminino ainda é alvo de diversas críticas, não só por parte das integrantes do Coletivo, mas também por grande parte da torcida, principalmente por conta da disparidade entre as modalidades masculina e feminina. Isso reforça o descaso do clube em relação ao tratamento dado ao futebol de mulheres, uma vez que só reativaram o departamento de futebol feminino para se adequar às normas das entidades Sul-Americana e Brasileira, ou seja, mostraram, mais uma vez, que o time masculino possui mais atenção por parte da diretoria do clube.

A profissionalização da categoria não é uma prioridade para a diretoria clube, como já foi em anos anteriores. Um exemplo da diferença entre as modalidades vai de

encontro com o principal motivo das críticas por parte das torcedoras: os espaços físicos de treinamento e jogos. A equipe feminina, conhecida como as “Gurias Coloradas”, até o momento dos fatos apurados para esta pesquisa, possui acesso liberado ao estádio Beira-Rio apenas quando o time masculino não tem previsões de jogar no estádio. A área de treinamentos que as categorias de base masculina utilizam para realizar seus trabalhos não é utilizada por nenhuma categoria da equipe feminina do Internacional.

Mediante o exposto, foi possível observar que, a partir dos dados fornecidos pelas informantes, o nome escolhido para o Coletivo, a visão de mundo e forma de torcer, bem como as trajetórias de vida de suas integrantes (dentro e fora do estádio), interferem de modo significativo nos assuntos que o grupo se preocupa em discutir. São questões indissociáveis.

Contudo, atualmente, as reuniões do grupo são menos frequentes em relação aos anos iniciais por dois motivos: falta de tempo das integrantes para realizar os encontros; e o fato de que, após Marcelo Medeiros ter sido eleito presidente pela primeira vez, no ano de 2016, as entrevistadas assinalam que muitos pontos abordados na carta entregue no período das eleições foram atendidos. Questionada a respeito da forma como o Coletivo INTERfeminista se organiza, uma das entrevistadas pontuou que, apesar das reuniões que ocorreram no período de formação do Coletivo, e da criação de um grupo fechado no *Facebook* que culminou na elaboração da Carta Proposta questões, faltou articulação, aproximação e continuidade no processo do trabalho. Segundo a entrevistada

Aí é que está o problema, ele não se organiza, né? Não tem uma organização. É uma coisa meio anárquica, sabe? Eu que sou marxista é bem complicado. (Informações concedidas pela informante 3, através do questionário aplicado pela pesquisadora, 2020).

A entrevistada ainda declara que a ideia é não desistir do Coletivo e, por isso, está buscando outras feministas para se engajarem e seguir com o projeto. Feminista há 20 anos, ela alega que entrou na política do Internacional para, justamente, fomentar a entrada de outras mulheres no ambiente.

A partir dos materiais coletados, percebeu-se que as três integrantes do Coletivo INTERfeminista e atualmente membras do Conselho Deliberativo seguem combativas neste ambiente, lutando constantemente para que o Sport Club Internacional continue, de acordo com elas, “sendo um clube de resistência do povo trabalhador, pobre e preto”. Najla Diniz é um dos principais nomes responsáveis pelas mudanças que ocorreram nos

últimos anos, no que diz respeito a forma com que Internacional interage com seus torcedores e torcedoras. A forma de interação por parte do clube é importante pelo fato de aproximá-lo da torcida, que passa a se sentir mais acolhida pelo Internacional.

Nas próximas páginas, será abordado como aconteceu e o que pode ter motivado as três integrantes do Coletivo INTERfeminista a encarar o desafio de se inserir no ambiente do Conselho Deliberativo do Sport Club Internacional. Em seguida, o trabalho versará sobre a formação de Movimentos políticos e Coletivos de mulheres, um fenômeno recente no futebol brasileiro que nos últimos anos vem lutando para tornar o âmbito futebolístico mais acolhedor aos públicos até então excluídos desse espaço.

1.2 Movimentos políticos de mulheres no futebol brasileiro e o caso do Coletivo INTERfeminista

As mulheres lutam para conquistar seu espaço dentro da sociedade brasileira há muito tempo, e em um ambiente como o do futebol, as que se dizem apaixonadas pelo esporte são, de certa forma, resistentes, pois questionam constantemente o direito que os homens acreditam ter sobre o futebol. É mais comum do que se imagina encontrar torcedores homens que questionam o conhecimento técnico de uma torcedora mulher sobre casos de regra do impedimento, ou a respeito de títulos conquistado pelo time que ela torce, por exemplo. Elas também convivem com piadas e assédios ainda presentes nos estádios espalhados pelo Brasil. O constrangimento segue presente no cotidiano dessas mulheres, principalmente por estarem ocupando um espaço historicamente machista, sexista e preconceituoso.

Os casos de machismo ainda não cessaram, tornando necessário, portanto, que se adotem novas estratégias de combate à essas práticas tão retrógradas. Nesse sentido, começar a olhar para as diferentes experiências, bem como as trajetórias das mulheres ligadas a esse espaço, torna possível desenvolver, a partir de um olhar cuidadoso, uma resistência mais poderosa a expressão “futebol é coisa de homem”.

Assim, ao longo deste trabalho, surgiu o seguinte questionamento: de que maneira as torcedoras se organizam para debater questões de gênero no espaço do futebol? A partir disso, houve a preocupação de realizar pesquisas que sanassem um pouco essa dúvida, resultando no encontro de um sério engajamento na criação de movimentos e coletivos de torcedoras de times como Santa Cruz Futebol Clube

(Movimento Coralinas), Clube Atlético Mineiro (Grupa), Coritiba Foot Ball Club (Gurias do Couto), Club Athletico Paranaense (Atleticanissimas), Sociedade Esportiva Palmeiras (VerDonnas), Sport Club Corinthians Paulista (Toda Poderosa Corinthiana) e Centro Esportivo Alagoano (Empoderazul). Observa-se que nos últimos anos as torcedoras brasileiras estão atentas e críticas à questão das mulheres no âmbito do futebol, lutando não apenas por respeito e pelo direito de torcer, mas também por maior representatividade e espaço para atuar politicamente nos clubes. Foram encontrados coletivos e movimentos organizados por torcedoras de times que disputam todas as divisões do futebol brasileiro, contudo foi necessário escolher alguns grupos para comentar devido a questões práticas e metodológicas.

Por meio de pesquisas, notou-se que o fenômeno de coletivos e movimentos organizados por torcedoras no futebol é um fato recente. Os Movimentos Coralinas, Atleticaníssimas, Grupa, Toda Poderosa Corinthiana, além do Coletivo INTERfeminista, foram formados em 2016; já os Movimentos VerDonnas, Gurias do Couto e Empoderazul se formaram nos anos de 2018 e 2019, respectivamente. Todos esses os grupos possuem pontos comum: o amor pelos times de futebol pelo qual torcem, e o alto engajamento das torcedoras. Nesse sentido, essas mulheres estão engajadas na luta contra todos os tipos de machismo, violência e preconceitos nos estádios de futebol e também fora desses espaços. Elas também buscam deslegitimar os estereótipos impostos às mulheres que acompanham esse esporte, exigem respeito e lutam para que as arquibancadas se tornem mais plurais e acolhedoras a públicos que, historicamente, não são acolhidos nesses espaços. Elas têm a necessidade de provar que entendem e realmente gostam de futebol. A esse respeito, Leda Maria Costa (2006) menciona que:

(...) ao contrário dos homens, elas costumam ser dissociadas do esporte mais popular do país. Daí a necessidade de mostrarem que não apenas gostam, mas que também são capazes de compreender o futebol em seus múltiplos aspectos. Afinal elas carecem de credibilidade como torcedoras. Credibilidade que também se vê diminuída por conta da pouca experiência feminina na prática do jogo, pois comparado aos homens não é grande o número de mulheres que praticam futebol como profissionais ou mesmo amadoras. (COSTA, 2006, p. 3/4).

Os coletivos, movimentos e até mesmo torcidas organizadas se estendem, também, a outros grupos que são historicamente excluídos. Nesse sentido, surgiu a necessidade de desafiar os padrões impostos em um esporte como o futebol e combater

a homofobia nos estádios com a criação de torcidas e coletivos voltados ao público LGBTQIA+. A *Coligay* é a primeira torcida organizada gay da história do futebol brasileiro. Formada por torcedores do Grêmio *Foot-Ball* Porto Alegre, ela foi criada em 10 de abril de 1977; e recentemente, em 03 de março de 2020, a torcida do Santa Cruz Futebol Clube criou a *Coral Pride*.

No que diz respeito à inserção das torcedoras nos Conselhos Deliberativos de seus clubes, nota-se que, na maioria dos coletivos e grupos organizados, esta pauta surgiu com o tempo, sendo constantemente aprimorada e revisada. Isso diferencia o Coletivo INTERfeminista dos demais Movimentos de torcedoras uma vez que a participação das mulheres no Conselho Deliberativo é um objetivo desde a formação do grupo, como mostra o documento apresentado aos candidatos à presidência nas eleições coloradas de 2016.

Foi apurada também a diferença sobre a efetiva presença das torcedoras nos Conselhos Deliberativos. As integrantes do Movimento *Atleticaníssimas* buscaram participar das eleições que ocorreram no Athletico Paranaense em 2019, contudo nenhuma conseguiu entrar no Conselho Deliberativo do clube. A esse respeito, a integrante do Movimento pontua que:

Nunca foi um tema principal. Nós tivemos eleição no ano passado, em dezembro. Não houve bate chapa, algumas que se identificam com a proposta da diretoria se candidataram ao conselho, mas foram bem poucas, chuto que umas 5, no máximo. E nenhuma delas entrou. (Entrevista concedida por uma integrante do Movimento *Atleticaníssimas*, 2020).

Tendo em vista que o Movimento *Atleticaníssimas*, bem como os demais, são ações muito recentes no futebol brasileiro, os debates e propostas que aventam passam por algumas questões como o machismo e o lugar das mulheres neste esporte, ainda não superadas nesse ambiente. Sendo assim, é importante que ocorram debates dentro dos movimentos para aperfeiçoar essa pauta. O Coletivo INTERfeminista é o único Coletivo de torcedoras, entre os grupos aqui estudados, que conta com integrantes dentro do Conselho Deliberativo da agremiação. Foram três as integrantes do Coletivo eleitas para ocuparem os cargos de conselheiras no ano de 2016, pelo movimento social e político “O Povo do Clube”.¹⁶

¹⁶ Nas próximas páginas este Movimento político será mencionado de forma mais detalhada. Por ora, é importante deixar registrado que O Povo do Clube é um movimento de torcedores e torcedoras

Durante as interlocuções com as integrantes do Coletivo INTERfeminista, foram abordados assuntos como a formação do Coletivo, sua organização e a forma como veem a história do Internacional e a sua política. Indo de encontro com outros Coletivos do futebol brasileiro formados por mulheres, o Coletivo INTERfeminista busca debater questões de gênero nos estádios de futebol, o lugar que elas ocupam nesse meio e como são vistas. A campanha *#EstádioSemAssedio*, por exemplo, mobiliza torcedoras de diversos clubes brasileiros com o intuito de combater o machismo, o sexismo e o assédio nos estádios do Brasil. Não se sabe ao certo a sua origem, mas Coletivos como a Grupa e o INTERfeminista apoiam a campanha, reiterando que o lugar de mulher é onde ela quiser. Além disso, a violência contra a mulher e a participação feminina no quadro social e na política do clube são questões de extrema relevância e preocupação do grupo.

Após o primeiro contato com as integrantes, foi possível observar que grande parte dessas mulheres já sofreram (e infelizmente ainda sofrem) alguma forma assédio por parte dos torcedores do próprio Internacional, apenas pelo fato de irem ao estádio sozinhas, com grupo de amigas, ou sem alguma presença masculina para acompanhá-las, o que fez com que algumas se afastassem do Beira Rio. As mulheres seguem encontrando dificuldades para frequentar o estádio, seja para acompanhar os jogos, seja para trabalhar, visto que parte do público masculino inserido nesse espaço ainda não vê a presença feminina no âmbito futebolístico como algo sério, deslegitimando-as. Ainda é necessário que as mulheres tenham muito cuidado com a escolha das roupas para ir ao estádio nos dias de jogos, pois podem sofrer assédio caso sua vestimenta seja considerada “inapropriada” para o ambiente. Porém, mesmo que a seja “apropriada” os assédios nos estádios de futebol pelo país não cessaram. Conforme o relato de uma torcedora:

A gente não pode ir com uma bermuda, com um short. Se a gente tá sozinha ou com uma amiga a gente já é cantada e a gente tá ali pra passear e não pra ver o jogo, né?. (Informações concedidas pela informante 4, através do questionário aplicado pela pesquisadora, 2020).

Pouca coisa mudou desde a formação do Coletivo, em 2016, mesmo após o aumento de campanhas de conscientização por parte de órgãos oficiais do Sport Club

oriundos da arquibancada do estádio Beira-Rio. O grupo é composto por sócios e sócias comuns do Internacional que acreditam na importância de resgatar a identidade de “O Clube do Povo”.

Internacional (site, mídias sociais e conteúdos informativos espalhados pelo estádio Beira-Rio). Conforme apontam algumas das entrevistadas, é comum que se ouça comentários por parte de torcedores como “tu realmente entende, não é mesmo?”, “uma mulher que entende de futebol é bastante raro, elas preferem admirar os atributos físicos dos jogadores” e até mesmo comentários que desrespeitam a conduta das torcedoras. A partir desses fatos, é plausível afirmar que ainda há um longo caminho para ser percorrido nesse ambiente. No entanto, as torcedoras estão se organizando com frequência e promovendo ações para combater os casos de machismo presentes no esporte.

1.3 A Constituição Política do Sport Club Internacional

O Conselho Deliberativo é o órgão de um clube responsável por fiscalizar o trabalho realizado pela diretoria, propor modificações estatutárias, conceder títulos a associados e investigar irregularidades. Nesse sentido, é importante explicar como se configura a estrutura política do Sport Club Internacional, bem como a sua composição, órgãos, Estatuto Social e Regimento Interno do Conselho Deliberativo, para então compreender a inserção feminina nesse ambiente.

De acordo com a estrutura organizacional do Sport Club Internacional, o Conselho Deliberativo (Mesa Diretora e Conselheiros) segue o Regimento Interno e o Estatuto do clube, assim como os demais órgãos. A Assembleia Geral¹⁷ também possui caráter deliberativo. Dentre as funções do Conselho Deliberativo, destacam-se competências como: julgar as contas anuais apresentadas pelo Conselho de Gestão e o respectivo parecer fundamentado do Conselho Fiscal; eleger e empossar o Presidente, Vice-Presidente e Secretários que compõe a Mesa do Conselho Deliberativo e os integrantes do Conselho Fiscal, bem como dar posse ao Presidente e integrantes do Conselho de Gestão do clube; homologar os nomes dos associados indicados pelo Conselho de Gestão para compor a Diretoria; deliberar sobre proposta de reforma estatutária a ser encaminhada para a Assembleia Geral que, no caso do Internacional, foi aprovada no ano de 2019 e entrará em vigor em breve.

¹⁷ Compete à Assembleia Geral: eleger os integrantes do Conselho de Gestão do Clube, nos termos Estatuto; eleger os integrantes do Conselho Deliberativo; destituir integrantes eleitos do Conselho de Gestão do Clube; aprovar ou reprovando alteração estatutária, após encaminhamento favorável do Conselho Deliberativo.

O sistema político do Internacional se distribui a partir do Conselho Deliberativo, que é composto por 300 membros - associados eleitos pela Assembleia Geral. A eleição no Internacional acontece a cada três anos, com a renovação de 150 cadeiras do Conselho. O mandato dos conselheiros(as) eleitos é de 6 anos.

Em conformidade com o Capítulo 2 “Do Conselho Deliberativo”, Art. 28, Inciso II, o órgão conta também com a distribuição de “integrantes natos, até um terço do número de integrantes eleitos pela Assembleia Geral” composto por Presidentes e Ex-Presidentes do clube e do Conselho Deliberativo bem, como associados beneméritos.

Até a conclusão desta pesquisa, a presença feminina no Conselho Deliberativo do Internacional era a maior dentro os clubes que compõe a Série A do Campeonato Brasileiro (31 conselheiras). Além do mais, outras composições do Conselho, como a mesa diretora (1ª e 2ª Secretárias, respectivamente) e a Comissão de transparência; Comissão de Assuntos Legislativos, Estatutários e Regimentais e Comissão de Gestão de Novos Negócios, contam com a presença e comando de mulheres. Levando em consideração a representação do quadro associativo feminino, é possível afirmar que esse número ainda está longe do ideal, porém, se observa um começo da ocupação de mulheres nesse espaço.

Nesse sentido, são órgãos do clube: I. A Assembleia Geral; II. O Conselho Deliberativo; III. A Diretoria (Presidente; 1º Vice-Presidente; 2º Vice-Presidente e de três Secretários; Vice-Presidente de Futebol; Vice-Presidente de Finanças; Vice-Presidente de Administração; Vice-Presidente Jurídico; Vice-Presidente de Patrimônio e O Conselho Fiscal).

O Conselho Deliberativo conta com as seguintes Comissões Permanentes: I – Assuntos Legislativos, Estatutários e Regimentais; II – Acompanhamento de Planejamento Estratégico; III – Ética e Disciplina; IV – Eleitoral; V – Patrimonial; VI - Transparência; VII – Relacionamento com os Sócios; VIII – Gestão de Novos Negócios, as quais são compostas por sete integrantes, que tem mandato com duração de dois anos.

Quanto à admissão de chapas para os cargos do Conselho de Gestão, os candidatos devem atender aos seguintes requisitos, verificados na data da inscrição da chapa: I – dez anos de associação no Clube; II - quatro anos como integrante do Conselho Deliberativo; III - inexistência de condenação criminal transitada em julgado, sem o devido cumprimento da pena.

A cláusula de barreira consiste na formação de alianças para bancar a candidatura, e a apresentação de propostas do concorrente à presidência do clube. Ainda não é possível um torcedor ou uma torcedora comum concorrer a uma eleição, mas a proposta da extinção da cláusula de barreira está em discussão dentro do Conselho Deliberativo. Como na política fora do esporte, é necessário fazer alianças para bancar as candidaturas, e então apresentar as propostas do candidato ou da candidata dentro do Conselho Deliberativo. Esse mecanismo tende a afastar as pessoas da política do Internacional. Até o período da pesquisa realizada¹⁸, a cláusula de barreira (o percentual mínimo a ser alcançado pelas chapas disputantes nas eleições para o Conselho Deliberativo) era de 15% do total dos votos válidos, computados os votos nulos.

A estrutura política/eleitoral abre margem para certa “hereditariedade” nos cargos diretivos, pois é possível observar inúmeros vínculos de parentesco entre as pessoas que ocuparam a presidência e o Conselho Deliberativo do Sport Club Internacional. Isso ocorre, principalmente, devido a difícil renovação de nomes para a ocupação nos cargos de gestão. No momento das eleições, nota-se a formação de alianças entre candidatos que já possuem certa influência dentro da política do clube ou até mesmo apresentam características¹⁹ que se assemelham à concepção de como gerir um clube de futebol²⁰.

Acredito que a configuração da política do Clube vem passando por mudanças bem destacáveis desde a eleição de 2016, na qual fui eleita. Isso é muito visível, tendo em vista uma estrutura política conservadora, com vários nomes bem conhecidos, por pertencerem à política tradicional do Rio Grande do Sul, ou por serem filhos, netos ou manter outro parentesco com outros nomes que estiveram na história política do Clube. (Informações concedidas pela informante 5, através do questionário aplicado pela pesquisadora, 2020).

Essas informações demonstram que apenas partes do Regimento Interno são cumpridas na prática, de modo que não ocorre de forma clara, a possibilidade do sócio e

¹⁸ Os dados contidos nesse espaço são referentes à pesquisa realizada no período de novembro de 2019 até março de 2020.

¹⁹ A gestão de um clube de futebol no Brasil é constantemente alvo de críticas e questionamentos. Isso ocorre porque a preocupação com a profissionalização dos clubes é por muitas vezes esquecida por seus gestores. Significa dizer que o dirigente procura realizar práticas transparentes, com responsabilidade financeira e administrativa.

²⁰ As informações contidas nesse tópico fazem parte de um compilado de falas que estão presentes em conversas com alguns conselheiros do Sport Club Internacional com os quais se teve contato e de informantes do Coletivo INTERfeminista.

da sócia se candidatar, principalmente ao cargo que corresponde à presidência. De acordo com o Estatuto Social do Internacional:

São direitos dos associados:

- I. Participar da Assembleia Geral, com voto pessoal e unitário;
- II. Votar e ser votado, de acordo com as preenchidos os requisitos deste Estatuto...²¹

Relevante enfatizar que há condições para que um associado ou associada dispute a eleição: é necessário que tenha no mínimo dois anos de associação para se candidatar, bem como já ter integrado o Conselho Deliberativo anteriormente.

Até a conclusão desse trabalho, o quadro de sócios do Sport Club Internacional era de 112.993 mil²² e, em 2018, 22% da receita do clube teve como origem o quadro social. O clube gaúcho conta com modalidades como: “Coloradinho”, “Campeão do Mundo” e “Nada Vai Nos Separar”, além da categoria popular de associação “Academia do Povo”²³. Atualmente, o programa de sócio torcedor ganhou importância notável em todos os clubes de futebol no Brasil, desde aqueles que estão na elite do futebol, até os que sobrevivem com orçamentos mais baixos. O Internacional, assim como outros clubes, conta com o clube o Clube de Vantagens, que oferece vários benefícios aos seus associados: descontos no valor dos ingressos e na compra de estabelecimentos participantes em diversos ramos de atuação, como: hotéis, restaurantes, farmácias, varejo, veículos e diversão.

Segundo Francisco Xavier Freire Rodrigues (2010), a exemplo do que acontece na Europa e nos Estados Unidos, o intuito desses programas para associados é transformar o jogo em um show para o torcedor e para a torcedora que frequentam o estádio e fazê-los se sentirem parte fundamental de um projeto:

O Sport Club Internacional alcançou o atual número de sócios porque adotou o modelo europeu que se caracteriza pelo fato dos sócios participarem mais efetivamente da vida do clube, como por exemplo,

²¹ Estatuto Social do Sport Club Internacional, capítulo 3 “Dos Direitos e dos Deveres”, artigo 11, parágrafos 1º e 2º.

²² Informação retirada do site “Portal da Transparência”, do Sport Club Internacional.

²³ A modalidade de associação “Coloradinho” é destinada para crianças menores de onze (11) anos; a “Campeão do Mundo” está disponível para a torcida que busca preferência na compra dos ingressos de jogos que ocorrerão no estádio Beira-Rio, com 50% de desconto; os associados da modalidade “Nada Vai Nos Separar” têm preferência na compra de ingresso e o adquirem pelo valor integral; e a “Academia do Povo” é uma modalidade de associação popular destinada a torcida colorada com renda mensal de até dois salários mínimos (R\$ 1.874), integrantes de programas sociais do governo ou estudantes de escolas públicas, sendo possível adquirir ingressos no valor de R\$ 10,00.

votar nas eleições para presidente do clube. Uma estratégia adotada pelo clube gaúcho firmou convênios com grandes firmas do Rio Grande do Sul que possibilitam aos associados adquirirem os produtos das empresas conveniadas com descontos, buscando a “fidelização dos clientes”. Para atingir as metas propostas, o Sport Club Internacional trabalha com Televendas, Internet e Postos de Vendas distribuídos por lugares estratégicos, como Shopping Centers e no Beira-Rio. (RODRIGUES, 2010, p. 135).

As eleições coloradas funcionam da seguinte forma: pelo Estatuto do Internacional, o primeiro turno é fechado, ou seja, as chapas inscritas para disputar a presidência passam primeiro por votação no Conselho Deliberativo, as duas mais votadas vão até o pátio²⁴, momento em que sócios e sócias estão aptos a votar. Em até cinco dias após eleito, compete ao Presidente indicar o 3º e 4º Vice-Presidentes, dos cinco membros que deverão compor o Conselho de Gestão. A diretoria é integrada, obrigatoriamente, pelos seguintes Vice-Presidentes especializados: I. de Futebol; II. de Finanças; III. de Administração; IV. de Assuntos Jurídicos; V. de Patrimônio; VI. de Marketing; VII. de Relacionamento Social; VIII. de Planejamento; e IX. de Negócios Estratégicos e Contratos Imobiliários e Patrimoniais de Longo Prazo. Assim, o mandato dos dirigentes eleitos do Conselho de Gestão tem também duração de dois anos, e é permitida apenas uma reintegração ao cargo ocupado.

Segundo uma informante e conselheira do clube, o Conselho Deliberativo do Internacional deveria incluir, de fato, os torcedores e torcedoras, para que todos e todas pudessem participar da vida política do clube, e não que fosse um espaço restrito a uma pequena parcela da torcida associada. Lá, ela via apenas “homens, brancos, heterossexuais, idosos e ricos”, uma vez a participação das mulheres no Conselho Deliberativo era muito baixa (aproximadamente oito ou nove conselheiras, segundo a entrevistada). Então, no ano de 2016, Fabiane optou por se associar ao Internacional com o intuito de participar ativamente da vida política do clube. É importante destacar a postura de constante enfrentamento adotada pela conselheira em suas intervenções nas reuniões do Conselho Deliberativo:

²⁴ Ir ao pátio significa que os sócios estão aptos a votar. Nesse momento ocorre o segundo turno, isto é, os sócios e as sócias aptos a votar são aqueles maiores de 16 anos, sem pendências com o clube, com inscrição mínima de um ano. Possibilidade de realização da votação pela internet para não residentes na cidade de Porto Alegre ou se dirigindo até o local de votação de forma tradicional, que geralmente ocorre no ginásio Gigantinho, ginásio poliesportivo com capacidade média para 15 mil pessoas que se encontra dentro das instalações no complexo do Beira-Rio.

Na última reunião do ano (2020) do Conselho eu deixei claro para eles ‘olha a gente veio pra ficar e alguns de vocês vão ter que sair pra dar lugar a mais de nós, porque vamos vir com tudo. Estamos aqui já e daqui não vamos sair. Só vão vir mais, e aceitem porque nossos filhos virão também’. (Informações concedidas pela informante 3, através do questionário aplicado pela pesquisadora, 2020).

Essa é a principal preocupação da informante 3, e o recado que gostaria de passar aos demais torcedores e torcedoras do Sport Club Internacional é: conduzir e aproximar mais mulheres da vida política do clube, e levar a juventude feminista de torcedoras coloradas mais longe no Conselho Deliberativo. De acordo com a própria conselheira, de certa forma, o objetivo está sendo cumprido, mas, apesar dos avanços pelos quais o Internacional passou nos últimos anos no que concerne a mulheres inseridas no seu cotidiano político, ainda há muito a ser feito.

Nesse sentido, a atuação do Coletivo se justifica para além da estrutura política do clube. Pautas que tratam sobre a qualidade de vida das torcedoras que frequentam o estádio são vistas com ressalva por parte do ainda tradicional Conselho Deliberativo do Internacional. Por outro lado, o fato de existirem grupos de mulheres que se posicionam no pátio de forma ativa transcende os movimentos políticos porque fala com todas as mulheres e, independente de filiação partidária interna do clube, nota-se que há, no Beira-Rio, maior preocupação em dialogar com as sócias torcedoras. Além disso, de alguma maneira, os pontos defendidos pelo Coletivo INTERfeminista poderão ser encontrados na instância máxima da tomada de decisões da agremiação. Assim, nota-se a importância da representatividade feminina, uma vez que ser tratada por uma semelhante pode fazer toda a diferença.

1.4 Ocupando o espaço: A chegada no Conselho Deliberativo

Para chegar ao Conselho Deliberativo é preciso ser associado(a) ao clube há pelo menos dois anos, em qualquer modalidade. No total, o Conselho Deliberativo do Internacional é composto por 300 cadeiras, a cada três anos acontecem a renovação de 150 cadeiras, para um mandato total de 6 anos. Dessa forma, quando o Conselho Deliberativo publica o edital de convocação das eleições, estipula o prazo para inscrições das chapas. Conforme o estatuto do Internacional, cada chapa precisa

apresentar uma nominata²⁵ ordenada com 165 candidatos. As chapas que ultrapassarem a cláusula de barreira, que pode variar de eleição para eleição, a depender do número total de votos, conquistam representatividade no Conselho Deliberativo. A distribuição das vagas é proporcional ao número de votos das chapas que ultrapassaram a cláusula.

Segundo as pesquisas apontaram, Najla, Lueci e Fabiane foram eleitas para ocuparem, pela primeira vez, uma cadeira no Conselho Deliberativo do Internacional, através do movimento “O Povo do Clube”, em meados de 2016. O movimento representa, portanto, um marco relevante no que diz respeito a inserção na vida política e esportiva de algumas dessas mulheres. Lueci e Fabiane, inclusive, renovaram seus mandatos no Conselho Deliberativo do Internacional por mais 6 anos.

A partir do material fornecido pelas informantes, foi possível notar que o interesse das integrantes do Coletivo INTERfeminista em acompanhar e entender a vida política do clube se afluou após conhecerem o Movimento social e político “O Povo do Clube” e, uma vez que a maioria das reuniões do Movimento são abertas, a aproximação com seus integrantes se deu sem muitas dificuldades.

Nesse sentido, as integrantes acreditam que *“a vida é um ato político, se faz política todos os dias, todas as horas”* sendo de fundamental importância que as mulheres ocupem cada vez mais os cargos políticos dentro do clube, a exemplo do cargo de ouvidora geral que Najla Diniz ocupou até passar para a Diretoria de Inclusão do Internacional. Vale mencionar que os cargos de direção do clube não podem ser remunerados; quem os ocupa, o faz por doação.

Desta maneira, após o conhecimento da existência do Coletivo INTERfeminista, houve a preocupação de também dar voz ao grupo de mulheres que já estão inseridas no espaço político e de tomadas de decisão do Sport Club Internacional, para então entender melhor como, na prática, o trabalho possibilitaria debates sobre o papel que as mulheres ocupam em um ambiente ainda hostil à suas presenças.

Segundo as integrantes contatadas, “O Povo do Clube” é um grande incentivador da presença feminina na vida política do clube, e essa relação é tão duradoura porque o grupo não as excluiu do processo político, como é comum que aconteça.

Nas eleições de 2018, tivemos duas mulheres encabeçando a nossa Chapa. A representatividade feminina é fundamental, ainda mais quando entre os Clubes de futebol do país o Internacional é o Clube

²⁵ Cada chapa participante possui um critério específico para a escolha dos nomes eleitos, a partir da nominata de 165 candidatas apresentada no prazo das inscrições.

com mais mulheres no quadro social. (Informações concedidas pela informante 5, através do questionário aplicado pela pesquisadora, 2020).

Nota-se, portanto, que essas ações geraram frutos ao longo dos anos, havendo um aumento significativo de conselheiras eleitas em 2018 e 2020. Isso se deu, principalmente, por conta do movimento.

“O Povo do Clube” dá esse incentivo para que a torcida colorada participe da vida política do clube. Para mudar a configuração política lá dentro, ainda elitista e conservadora”. (Informações concedidas pela informante 5, através do questionário aplicado pela pesquisadora, 2020).

O Coletivo surgiu a partir da união de um grupo de torcedoras do Internacional e participantes do Movimento “O Povo do Clube”, com o intuito de mostrar a diretoria do time que o público feminino queria ser ouvido e se sentir representado. Para exemplificar, uma informante do Coletivo pontua o seguinte a esse respeito:

É bom frisar que o Coletivo não tem “força política” junto ao Internacional. Movimentos Políticos e o Coletivo é algo separado. O que há são algumas pautas semelhantes ao do Coletivo que o Movimento Político carrega em suas bandeiras. (Informações concedidas pela informante 5, através do questionário aplicado pela pesquisadora, 2020).

Já “O Povo do Clube” é um movimento social e político, também mobilizado pela torcida, em 2012, que visa defender um clube popular, democrático e transparente. O nome partiu do seguinte questionamento: “Se o Internacional é O Clube do Povo, a qual povo representa?”. Vale esclarecer por que se trata de um Movimento social e Político. Antes de se enxergar como um Movimento Político, ele é social pelo fato de ter suas origens na arquibancada, e por procurar conscientizar os torcedores sobre os altos preços dos ingressos, fato que foi responsável por afastar torcedores do estádio. A ideia inicial não era disputar cargos institucionais dentro do clube, isso se tornou uma questão conforme o Movimento foi amadurecendo suas pautas de luta. Então, apesar das semelhanças nas discussões, “O Povo do Clube” apenas possui relevância política no Internacional, por ser um movimento social.

Alguns anos após a sua formação, o Movimento organizou uma chapa para concorrer às eleições, não se sabe o ano certo que isso ocorreu, mas o processo eleitoral ocorrido em dezembro de 2016 foi importante para a história do clube pelo fato de

trazer uma alteração significativa na configuração política do Conselho Deliberativo, se comparado aos processos anteriores. Nas eleições de 2018, foram renovadas 150 cadeiras do Conselho Deliberativo do Internacional e o Movimento “O Povo do Clube” elegeu 33 pessoas (19,42%), das quais 7 eram mulheres, contando com a maior participação feminina dentre as três chapas eleitas que compõem o atual Conselho Deliberativo.

Foi feito contato com duas conselheiras eleitas através do “O Povo do Clube” nas eleições de 2018, e as perguntas direcionadas a elas estão relacionadas à sub-representação feminina no Conselho Deliberativo. A baixa representação das torcedoras coloradas não é vista como algo negativo por uma das conselheiras entrevistadas, pois, segundo ela, o clube possui quase 23% de sócias torcedoras. Também foi destacado pela conselheira que a Mesa Diretora do Conselho é composta por mulheres (primeira e segunda secretárias), uma delas chama-se Lenize Doval. Para a entrevistada, isso representa um avanço, indo de encontro com os valores de O Clube do Povo. Observou-se que há um consenso entre as mulheres entrevistadas, sejam elas do Coletivo INTERfeminista, ou as conselheiras do “O Povo do Clube”, no que diz respeito a visualização da sua história como essencialmente popular, visto que *“é só com muita luta pra que continue sendo do povo já que o futebol moderno elitiza os estádios com altos preços de ingressos, camisas oficiais, etc. É luta do PDC que siga sendo do povo”*, conforme pontua a conselheira entrevistada.

A trajetória de vida das informantes com o Sport Club Internacional é bastante antiga, uma vez que a grande maioria dessas mulheres são torcedoras do clube desde a infância ou desde muito novas, por influência de familiares próximos. Nesse sentido, as integrantes do Coletivo INTERfeminista tinham em comum o interesse pela história social do futebol, assim como a luta por um esporte popular e mais igualitário, independente da perspectiva adotada.

Najla Diniz, enxerga o futebol como um “microcosmo de nossa sociedade”, de forma que as pessoas que frequentam um estádio de futebol são pessoas com as quais nos relacionamos em nossa vida cotidiana. Além disso, em sua visão, faltava no Internacional a participação das demandas decorrentes da torcida para a esfera de tomada de decisões da agremiação. Conforme pontua:

Eu sempre vi o futebol como fator social (...) Eu acredito que a gente só muda as coisas se entrar para dentro das estruturas. Hoje eu tenho

uma noção completamente diferente que eu tinha, eu brinco que jamais serei torcedora de novo. Depois de entender o macro e ver como as coisas funcionam e que é ali dentro que a gente consegue mudar algumas coisas. Foi isso que me levou a esse mundo. Além de torcer, é claro. É uma mudança social que precisa de reforço, hoje a gente tem um maior número de conselheiras, a gente tem mulheres nas comissões do Conselho Deliberativo uma comissão que é super importante que é a de Relacionamento Social é presidida por uma mulher, então a gente tem essas mudanças culturais. Aos pouquinhos a gente vai tomando o nosso espaço. (Najla Diniz em entrevista ao *blog Garotas do Programa*, em abril de 2018).

Ainda de acordo com Najla, estar ocupando esse espaço predominantemente machista não é um ato de permissão por parte do público masculino, ou seja, não é uma questão de deixar as mulheres participarem de atividades acerca das torcidas, ou até mesmo de estar apitando um jogo de futebol, comentando ou trabalhando de alguma forma neste meio. As mulheres merecem respeito em todos os espaços, inclusive no futebol, e estão conquistando cada vez mais espaço, nas mais diversas esferas da sociedade. Observou-se também que as mulheres que buscam realizar suas carreiras no âmbito futebolístico sofrem com diversas formas de censuras e, com o advento das mídias sociais, isso se agravou ainda mais, devido à possibilidade de anonimato.

As mulheres são ensinadas, desde cedo, que o futebol não é um esporte para elas, e esse fator se reforça conforme vão crescendo, por isso, é de suma importância que se diga que o lugar das mulheres é onde elas quiserem. Nesse sentido, é importante ter consciência da existência das mulheres e vê-las representadas dentro do Conselho Deliberativo, participando das tomadas de decisões, ocupando cargos de poder e gestão dos clubes de futebol, bem como do espaço esportivo de forma geral; isso é significativo e benéfico para as novas gerações.

A respeito do espaço que as conselheiras ocupam dentro do Internacional, as demandas desse grupo são deliberadas através de uma Diretoria Feminina, que foi reativada no ano de 2017, e representa o clube em questões sociais e institucionais; a pasta tem Mirella Ferrari como diretora. Além do mais, a Diretoria se preocupa em ser composta por diferentes mulheres, com diferentes experiências e faixas etárias. A Ouvidoria Geral também recebe as demandas gerais da agremiação, bem como relatos, manifestações e mensagens de sócios(as) e não sócios(as) que geralmente frequentam o estádio Beira-Rio.

Dentre as conquistas do Coletivo INTERfeminista pode-se destacar a linguagem inclusiva, que foi pautada pelo grupo, e é de enorme relevância em um meio no qual a

comunicação usa o gênero masculino como sinônimo de neutralidade. Outra conquista importante foi a reabertura da Diretoria Feminina. A esse respeito, a informante 2 declara que:

A reabertura da Diretoria Feminina com um viés de luta pelo espaço da mulher, o diálogo com a direção sobre o modo como as torcedoras são vistas pelo clube (como torcedoras e participantes ativas da vida do clube, não como enfeite - e nisso se inclui a exclusão das “musas do saci”), para mim, foram as maiores conquistas. (Informações concedidas pela informante 2, através do questionário aplicado pela pesquisadora, 2020).

A maioria das integrantes do Coletivo que foram contatadas avaliam a exclusão das “Musas do Saci” como uma conquista importante para as mulheres. As entrevistadas criticaram a ideia de que o papel das mulheres deva estar ligado somente a questões físicas, o que servia de combustível para a sexualização das torcedoras que frequentavam o estádio Beira-Rio.

Acho que é um assunto que pode muito bem ser discutido com seriedade. As cotas são um instrumento de reparação social, no entanto, são mal interpretadas. Muitas vezes colocar uma mulher nessa situação de visibilidade na política esportiva (pensando, por exemplo, em cargos administrativos visíveis na mídia) vai, com certeza, escancarar o machismo no futebol. É preciso que os clubes estejam muito conscientes do que isso representa para que se posicionem em defesa das mulheres e de sua capacidade para exercer cargos. (Informações concedidas pela informante 2, através do questionário aplicado pela pesquisadora, 2020).

Quanto à questão da inserção de novas conselheiras do Internacional, analisou-se que as integrantes do Coletivo INTERfeminista visualizam as cotas para esse espaço como necessárias, visto que a igualdade de gênero no futebol ainda está distante de acontecer. É necessário que o assunto seja discutido com a seriedade necessária pelos clubes de futebol, inclusive junto à CBF (Confederação Brasileira de Futebol). E essa discussão não deve girar somente em torno das mulheres, mas deve ser levado em conta, também, os deficientes físicos e a população negra.

A questão das cotas já era motivo de preocupação de uma das fundadoras do grupo, quando propôs uma cota feminina nas nominatas que concorrem ao Conselho Deliberativo e à época foi rejeitada. Atualmente, o número de mulheres presentes na estrutura política coloca o Sport Club Internacional com a maior representação feminina

no âmbito político de um clube de futebol dentre os 20 da Série A do Campeonato Brasileiro de Futebol de 2020, apesar de ainda estar longe do que se almeja.

As integrantes do Coletivo INTERfeminista membras do Conselho Deliberativo do Internacional e defensoras de um futebol inclusivo e popular se orgulham de falar sobre a modalidade Academia do Povo (nome escolhido por votação dos sócios na página oficial do clube na internet e aprovada no dia 16 de agosto de 2017), pois não se trata apenas de uma categoria de associação mais inclusiva, mas permite o direito ao voto nas eleições e democratiza o acesso desses associados ao estádio Beira Rio, o que se tornou muito difícil desde o fechamento da Coréia, no ano de 2004. A aprovação desta modalidade, segundo as integrantes, foi um marco muito importante para a democratização do Internacional, auxiliando no resgate de suas origens populares.

Recentemente o Conselho Deliberativo do Sport Club Internacional foi responsável por um fato histórico: pela primeira vez a mesa do Conselho Deliberativo teve uma mulher na presidência. A conselheira Lenize Maria Soares Doval, até a conclusão desta pesquisa, desempenhava a função de Presidenta do Conselho, o que representa um enorme avanço para que outras mulheres ocupem o cargo de forma efetiva em eleições futuras. Sobre a importância deste fato e qual o seu legado, Lenize responde:

Desejo que seja uma porta aberta às outras mulheres, deixando como legado não apenas o fato de ter sido a primeira, mas um exemplo de amor e defesa ao nome do clube, trabalhando com seriedade, lisura, respeitando sempre os normativos legais.

Quando se trabalha com imparcialidade, tudo flui de forma leve. Tenho tentado mostrar que, nós mulheres, somos capazes e capacitadas.

Espero deixar um bom exemplo para que algum dia, meus familiares e amigos, assim como a torcida colorada possam lembrar e se orgulhar da minha passagem na história do clube.

Presume-se que o Conselho Deliberativo é um espaço hostil à presença das mulheres, contudo, constata-se a necessidade de esforço redobrado por parte de Lenize Doval para ser levada a sério pelos demais colegas do Conselho e, como ela diz, é “alvo certo”:

Na sessão virtual que presidi, 2 conselheiros criticaram porque eu conversei enquanto a apresentação estava sendo realizada. E eu estava

falando com os funcionários da TI, sobre operacionalização da sessão.²⁶

Lenize não se deixa intimidar e segue combatente no comando da mesa do Conselho Deliberativo, realizando um trabalho que é pioneiro na história da política esportiva dos clubes de futebol no Brasil.

²⁶ Entrevista concedida à autora em dezembro de 2020.

CAPÍTULO 2: CLUBE DO POVO? DAS ORIGENS AS DEMANDAS DO SÉCULO XXI

2.1 A origem e os valores de fundação do Sport Club Internacional

No presente capítulo, a intenção é contar de forma mais profunda a origem e os valores de fundação e história do Sport Club Internacional. Para isso, busca-se trazer fontes com perspectivas diferentes sobre o mesmo evento como: o site oficial do Internacional, revistas e jornais (*Grandes Clubes Brasileiros*, *Revista do Inter* e *A Federação*, respectivamente), o livro “*Meu coração é vermelho*” de Ruy Carlos Ostermann (1999), a tese de doutorado em Geografia intitulada “*A Bola nas Redes e o Enredo do Lugar: uma Geografia do futebol e seu advento no Rio Grande do Sul*” (USP, 2001) de autoria de Gilmar Mascarenhas e o artigo acadêmico “*O futebol da canela preta: o negro e a modernidade em Porto Alegre*” (1999) do mesmo autor.

É impossível contar a história do Sport Club Internacional sem passar rapidamente pela história do futebol no estado do Rio Grande do Sul. No ano de 1824 a primeira leva de imigrantes advindos da Alemanha desembarcou na região do Vale dos Sinos, sobretudo em São Leopoldo. A vinda deles almejava, do ponto de vista econômico, aumentar a produção de alimentos e produtos para o mercado interno. O fluxo de pessoas no itinerário Brasil-Europa-Brasil colaborou na disseminação de certas práticas, incluso as esportivas. Por volta de 1900 os alemães e seus descendentes estavam espalhados pelo Brasil, notadamente, nos estados do Paraná, e de Santa Catarina.

Em meio a esta movimentação de pessoas no final do século XIX e início do século XX, no ano de 1900, chega à cidade de Rio Grande²⁷ o comerciante advindo de Hamburgo, Johannes Christian Moritz Minnemann, para trabalhar na empresa de importação Thomsen & Cia., o fundador do Sport Club Rio Grande²⁸. Segundo informações encontradas no site oficial, Johannes estava a pouco tempo no Brasil e, por esse motivo, no início de sua história, o idioma de comunicação e a escrita do então novo clube era predominantemente o alemão, principalmente pelo fato de na cidade se

²⁷ Fundada em 19 de fevereiro de 1737, é uma importante cidade voltada à atividade portuária e fabril do Rio Grande do Sul. O município de Rio Grande está localizado na margem sul do estado.

²⁸ Fundado em 19 de julho de 1900, o Sport Club Rio Grande é considerado o clube de futebol mais antigo do Brasil.

falar enormemente, além desse idioma, o francês e o inglês, em concordância com a Língua Portuguesa. A sociedade local era cosmopolita e isto influenciava as artes, as letras e a cultura em modo geral. As maiores companhias teatrais da época, oriundas do velho continente, tinham passagem obrigatória em Rio Grande.

A história germânica no futebol gaúcho segue com a fundação dos dois primeiros clubes de futebol da cidade de Porto Alegre, no dia 15 de setembro de 1903: o Grêmio *Foot-Ball* Porto-Alegrense e o *Fuss-ball* Club Porto Alegre²⁹. Em Porto Alegre, eram os alemães que comandavam o futebol nos primeiros anos do século XX. Diante desse grande projeto formado pelos imigrantes de alemães na capital do estado do Rio Grande do Sul, a população que não se enquadrava nesse padrão era excluída do processo. Assim, os negros e os brasileiros foram excluídos e não participaram da instauração de uma ordem burguesa na qual vivia a elite da Capital gaúcha.

Porto Alegre é marcada, na década de 1900, por um significativo aumento populacional, e se modernizava devido à chegada de novos comerciantes à cidade e, três deles, advindos do estado de São Paulo foram praticantes do futebol. Henrique, José Eduardo e Luiz Madeira, os irmãos Poppe, fundaram, em 4 de abril de 1909, um clube que divergiria dos outros clubes existentes na Capital, com o intuito de que fosse realmente popular e congregasse todos os brasileiros que eram excluídos até então. A fundação do Sport Club Internacional foi notícia em alguns jornais da época, dentre eles o jornal “A Federação” chegou a anunciar o fato um dia antes do ocorrido: “*Em breves dias será organizada uma nova sociedade sportiva de foot-ball, a qual tomará parte no Wanderpreis do corrente anno. Para tratar do assumpto da fundação reúnem-se amanhã os interessados.*” (A Federação, 3 de abril de 1909).

Com o discurso público de “O Clube do Povo do Rio Grande do Sul”, construiu uma história, desde a sua fundação, em completa oposição ao seu maior rival, o Grêmio *Foot-Ball* Porto-Alegrense, se orgulhando dos valores. Gilmar Mascarenhas de Jesus (2001) observa que a história do futebol na cidade de Porto Alegre passa, inevitavelmente, pela rivalidade entre a dupla Internacional e Grêmio, e como a história e identidade clubísticas das duas agremiações se forjaram em completa oposição.

A atitude de auto-segregação destas agremiações tidas como germanófilas suscitou reações de oposição e “ressentimentos entre os

²⁹ O Sport Club Rio Grande, percorreu o Rio Grande do Sul com o intuito de promover a novidade, chegando a Porto Alegre em 7 de setembro de 1903. Os fundadores do *Fuss-ball* eram ciclistas teuto-brasileiros da *Rodforvier Verein Blitz*, encerrando suas atividades no ano de 1944.

grupos menos cotados socialmente” (Damo, 1998:91). A mais significativa de todas foi a fundação do Sport Club Internacional, em 1909, pois não se trata de apenas mais um clube porto-alegrense. Quando visualizamos a história do futebol nas cidades brasileiras, notamos que as primeiras agremiações são geralmente formadas por grupos sociais de clara identificação e relativamente “fechados” no âmbito das estratificadas sociedades locais; e que paulatinamente vão surgindo outros clubes, vinculados a outros grupos sociais que tendem a alimentar as rivalidades internas ao lugar. No caso de Porto Alegre, entretanto, estas identidades clubísticas se delinearam no nascedouro e logo estabeleceram definitivamente a oposição direta entre os dois clubes principais. Trata-se de uma rivalidade premeditada, distinta do modelo habitual, aquele que progressivamente a dupla rival, em processo inclusive sujeito a alterações substanciais na composição e no conteúdo simbólico da rivalidade. (MASCARENHAS DE JESUS, 2001, p. 212-213).

Assim, o Sport Club Internacional foi criado para brasileiros, como é destacado por fontes como a revista *Grandes Clubes Brasileiros: Internacional*, em 1971:

Trabalhava na época na casa comercial de Luís Marone, como aprendiz. O Antônio Coiro trabalhava comigo e foi lá que os irmãos Poppe apareceram com a ideia de formarmos um quadro de futebol. Seria um clube exclusivamente para brasileiros. (“Assim Nasceu o Inter”. *Grandes Clubes Brasileiros: Internacional*, 1971).

Segundo a perspectiva do próprio Internacional, o clube também era aberto a estrangeiros, portanto, aberto a todos, sem preconceitos ou quaisquer formas de discriminações. Daí a origem do nome Internacional.

Os demais valores envolvidos entre os jovens que se reuniram para a fundação do Sport Club Internacional eram: a prática do futebol, a celebração da própria juventude e a possibilidade de criarem um 'Club' onde teriam a oportunidade de manter novos contatos sociais. (Site Oficial do Sport Club Internacional).

Contudo, durante os anos criou-se a necessidade de ter pensamentos maiores, acompanhar o crescimento da torcida e se modernizar. O primeiro patrimônio do clube foi o Estádio dos Eucaliptos, marcando a sua história e local de início de sua jornada de 112 anos. Inaugurado em 15 de março de 1931, o Estádio dos Eucaliptos seria o estádio oficial do Internacional durante 38 anos. Localizava-se no bairro Menino Deus, entre as ruas Silveiro e Barão do Guaíba e é considerado o bairro mais antigo de Porto Alegre, com a exceção de algumas chácaras. No geral, a região era inacessível e coberta por mato. A origem da denominação do bairro remete a devoção ao Menino Deus, crença introduzida em Porto Alegre pelos colonos açorianos. Inaugurada no ano de 1853, a

Capela do Menino Deus é localizada na praça do mesmo nome e tornou-se centro de peregrinação em virtude de festas natalinas, atraindo também moradores de outras localidades da cidade, e se desenvolvendo a partir das casas erguidas ao redor da Capela, bem como a abertura da Rua Botafogo, em 1858. Desde a sua origem até a atualidade, é considerado um bairro residencial, combinando as antigas características de relações sociais com a abertura de vias que possibilitaram o surgimento de centros comerciais e de lazer.

No ano de 1954, começaram a se desenhar os primeiros planos do Colorado de construir algo maior, mais bonito e imponente. A partir do ano de 1960, com o apoio do vereador de Porto Alegre Ephraim Cabral, o Internacional conseguiu uma área junto ao Guaíba³⁰ para a construção do seu estádio, até que, finalmente, no dia 19 de março de 1963, iniciaram-se os trabalhos de fundação do Beira-Rio por meio da venda de títulos e até mesmo por materiais doados pelos próprios torcedores através da Campanha do Tijolo. Em 6 de abril de 1969, ocorreu sua inauguração.

Possuía capacidade para 109.392 mil torcedores, podendo chegar a 135 mil, na época de sua inauguração. O Gigante estava entre os 10 maiores estádios de futebol na época. Contava, inclusive, com aproximadamente 10 mil lugares destinados à Coréia (ou também chamada de “Popular”), espaço que contava com preços mais acessíveis, destinados aos torcedores do clube com recursos econômicos menores, ganhando, assim, alguns aspectos peculiares relacionados a outros espaços do estádio. Esse setor do estádio Beira Rio se originou, segundo Irlan Simões (2017), a partir da desistência da construção de uma pista olímpica, e contava com inspiração da “geral” do Maracanã. Localizada em um patamar mais baixo que as arquibancadas inferiores, é o setor que contava com maior aproximação do gramado, entretanto, a visão do campo era consideravelmente reduzida. Apesar disso, os torcedores mais humildes do Internacional tinham um lugar garantido no estádio, e os coreanos foram considerados os torcedores mais fanáticos do clube.

A origem mais difundida do nome do setor Coréia faz alusão ao conflito entre a Coréia do Norte e Coréia do Sul, em meados dos anos 1950, em plena Guerra Fria. Porém, Caetano Manenti (2016), nos apresenta outra versão:

³⁰ A história e desenvolvimento de Porto Alegre está intrinsicamente associada à ocupação das margens do Guaíba. O mapa do Plano Geral de Melhoramentos (ou Plano Moreira Maciel), de 1914, representou a primeira iniciativa de planejamento de mudanças da Capital e boa parte de regiões onde hoje se encontram os bairros como Praia de Belas, Menino Deus, Santa Teresa, Medianeira e Cristal.

Como nas primeiras décadas do Beira-Rio a Coreia era a única parte do estádio onde não havia separação de torcida no Grande Clássico, os grenais no setor ocorriam em estado de exceção, em uma espécie de zona desmilitarizada. E aí, sim, estaria a referência às Coreias ou à Zona Desmilitarizada da Coreia, um território onde norte e sul-coreanos, teoricamente, podem conviver. A história mostra que, diferentemente dos xarás asiáticos, a Coreia do Beira-Rio promoveu mais paz do que guerra em seus 35 anos de história.³¹

Devido às vitórias consideráveis dos anos 1940 até 1948, com um time extremamente ofensivo, conhecido como “Rolo Compressor”, que conquistou oito campeonatos gaúchos em nove anos, perdendo apenas o campeonato de 1946, o Inter assumiu, nesse período, uma característica que o segue até hoje, a de ser O Clube do Povo. O time transformou as acusações sobre “malandragem” dos jogadores e as ofensas sofridas por torcedores negros, por parte da imprensa esportiva gaúcha durante a década de 1950, em símbolo de resistência como forma de resposta ao racismo, criando o “negrinho travesso de um pé só”. O Sacy se tornou oficialmente mascote em 2016 sendo devidamente documentado no estatuto do clube. Publicada em 1960, a segunda revista do Internacional, foi nomeada de “O Sacy”. É possível observar, então, que a figura se encontrava presente em objetos confeccionados pelo próprio Internacional (nos cartuns, nas flâmulas e em pequenas estatuetas entregues aos atletas que se destacavam pelo clube, por exemplo³²).

Portanto, as camadas e culturas populares, os trabalhadores e, mais especificamente os trabalhadores negros, não tinham acesso aos clubes existentes na Capital, bem como às suas associações e competições. Eles praticavam futebol em agremiação própria, conhecida como a Liga da Canela Preta (Liga Nacional de Football Porto-Alegrense, cujo início se dá em meados da década de 1910). O meia-direita Dirceu Alvez, recrutado desta liga, foi o primeiro negro a vestir a camiseta do Colorado, em 1925, tornando-se um marco para a história do clube; em contrapartida do maior rival, o Grêmio, que admitiu um jogador negro pela primeira vez somente no ano de 1952, o talentoso ponta-direita Tesourinha³³. Partindo desse pressuposto, será analisado

³¹ MANENTI, Caetano. Uma trincheira pacífica e popular. 22 mar. 2016. Disponível em: <https://medium.com/puntero-izquierdo/uma-trincheira-pac%C3%ADfica-e-popular-dd3ca71973d7#.rkrxs8s3u>. Acesso em: 26 de abril de 2020.

³² Informações retiradas do site oficial do internacional (<https://internacional.com.br/mais-sobre-o-inter/>). Acesso em: 14 de janeiro de 2021.

³³ Osmar Fortes Barcelos, o Tesourinha, saiu dos juvenis do Sport Club Internacional em 1939, permanecendo no clube até 1949, e foi um dos protagonistas do histórico Rolo Compressor.

adiante, como essas questões, a partir de sua história marcada por um viés popular, se deram.

No entanto, a conotação de um time popular e aberto a todos e todas não estaria presente desde a sua fundação e, na verdade, foi adquirida pelo Sport Club Internacional no decorrer dos anos. A esse respeito, Ruy Carlos Ostermann (1999) destaca o seguinte:

Em Porto Alegre, até 1909, o futebol se resumia a uma disputa da taça *Wanderpreiss*, entre o Grêmio e o *Fussball*, duas associações de alemães enriquecidos, bastante excludentes. A fundação do Internacional abriu espaço para portugueses, italianos e judeus pertencentes a camadas médias ou altas da sociedade, estando distante, portanto, de ter uma origem popular. (OSTERMANN, 1999, p. 18-21).

A conotação de clube popular do Internacional está, na realidade, relacionada a valores menos elitistas que seu rival, mas, de qualquer forma, sua fundação não se deu precisamente pelas mãos do povo e indivíduos que eram excluídos das práticas esportivas e de socialização da cidade de Porto Alegre:

Desde seus primeiros anos de existência o duelo GreNal incorpora simbolicamente a oposição entre as duas facções da elite regional: a industrial alemã e a latifundiária luso-brasileira da Campanha, a esta adicionando-se em certa medida setores descontentes da classe média urbana porto-alegrense. Tal situação parece se estender aproximadamente até 1930. Na condição de membro da liga principal de uma cidade de tecido social profundamente hierarquizado, e dotada de uma mancha urbana fragmentada em “arraiais”, o SC Internacional manteve-se, até então, como um clube fechado às camadas populares. Conforme sinaliza Arlei Damo (1998), o fato de possuir patrimônio material inferior ao do adversário, se localizar em bairro humilde, apresentar um histórico de passagem por terrenos alagadiços e alugados, e não possuir entre seus associados as figuras ilustres que adornavam o pavilhão social do estádio da Baixada, não significa supor que fosse um clube propriamente popular, como soem afirmar os que desconhecem sua história. Quando campeão gaúcho em 1927, por exemplo, é ainda o time completamente composto por atletas brancos (Dienstmann, 1987:35). Àquela altura o clube já admitia eventualmente jogadores negros, desde que bem referenciados e posicionados socialmente, amiúde universitários e funcionários públicos. (MASCARENHAS DE JESUS, 2001, p. 222).

Nesse sentido, logo após sua fundação, o Internacional não possuía seu próprio campo para treinamentos, demonstrando forte amadorismo, no sentido de que a diretoria e os jogadores eram compostos predominantemente por estudantes, universitários e empregados do comércio local. Porém, conforme a agremiação foi crescendo na cidade,

o número de torcedores foi aumentando também, passando de uma equipe de várzea de Porto Alegre, para um clube estruturado e moderno que iniciou a caminhada para a conquista de seu espaço como um grande clube do estado do Rio Grande do Sul.

A respeito dos valores que abarcam a fundação do Internacional, é possível destacar alguns pontos sobre a forma com que as integrantes do Coletivo INTERfeminista se colocam em relação à narrativa de *O Clube do Povo* criada pela agremiação no decorrer de sua trajetória. É interessante observar como as integrantes do Coletivo enxergam a história do clube de forma individual e, com o auxílio de integrantes do grupo, foi possível identificar melhor o resultado disso.

A pesquisa revelou que vários clubes receberam ou se autodenominaram clubes do povo e/ou time do povo no Brasil, ou seja, em algum momento de suas trajetórias inúmeros clubes brasileiros mantiveram laços mais fortes com as camadas populares, trazendo essa característica como marca indelével de suas histórias. De modo a não ser uma exclusividade do Sport Club Internacional os vínculos populares, bem como não é dar destaque a este fato na narrativa que constrói sobre si mesmo.

Contudo, as entrevistadas percebem esse processo doutra forma. Para a maioria delas, o clube se distingue dos demais times de futebol do Brasil porque, além do orgulho da história popular, observa-se um sentimento de pertencimento que elas carregam consigo em relação ao Internacional:

Eu ajudo a fortalecer essa narrativa de Clube do Povo do Clube pelo qual torço porque sei muitos dos seus episódios foram alicerçados por um povo bem humilde, como por terem na composição de um time histórico como o “Rolo Compressor”, na década de 1940, muitos jogadores negros. Sabemos que nem sempre foi assim. (Informações concedidas pela informante 3, através do questionário aplicado pela pesquisadora, 2020).

Analisou-se que a forma de compreensão das integrantes do Coletivo acerca da história amplamente divulgada pelo clube, nesse sentido, oficial, conversam uma com a outra. Percebeu-se narrativas muito semelhantes por parte das integrantes em contar o que as motivou a torcer pelo Internacional. Isso está relacionado ao apelo das míticas histórias que passam pela construção do estádio Beira-Rio até a heterogeneidade dos acontecimentos de sua trajetória, também dentro das quatro linhas. Esses acontecimentos históricos auxiliaram a criar um sentimento de orgulho por serem torcedoras de um clube “popular, plural e aberto a todos”.

As integrantes entrevistadas possuem, em seus discursos, um orgulho notável em torcer para este clube, pois criaram um sentimento de pertencimento devido aos acontecimentos históricos ocorridos no Internacional, apesar de existirem outros clubes que buscam fortalecer suas histórias a partir deste tipo de narrativa.

Torcer e pertencer, no futebol, não são a mesma coisa. Arlei Damo (1998) desenvolve, em sua dissertação de mestrado, um estudo mais específico a respeito do pertencimento clubístico. O autor se baseia nos torcedores do Grêmio *Foot-ball* Porto Alegre para realizar uma análise entre torcedor/clube, no Brasil, buscando estudar a rivalidade gaúcha com o Sport Club Internacional. Segundo Damo, a história que cada clube irá desenvolver com o passar dos anos de existência, bem como as derrotas inesquecíveis e vitórias memoráveis, possuem grande influência na memória do torcedor. A história do clube como instituição também ganha um caráter importante que vai além da condição de torcedor, se relacionando diretamente com a visão de mundo e a forma como percebe a sua realidade.

Em linhas gerais, a contrapartida da fidelidade clubística se manifesta na liberdade com que cada fiel torcedor tece a história da agremiação à qual torce e, ao tecê-la, toma-se parte dela. Ou seja, o torcedor pertence ao clube da mesma forma que o clube lhe pertence. Assim, pode-se afirmar que “você é o clube para o qual torce” desde que se tenha em mente que a intensidade deste “torcer”; pode variar também de acordo com as circunstâncias e com a importância que cada sujeito concede ao esporte, ao futebol e a seu ‘clube do coração’. (DAMO, 1998, p. 61).

Assim, alguns capítulos da trajetória do Internacional mencionados pelas integrantes e que fortalecem esses sentimentos, estão relacionados ao time específico “Rolo Compressor”, da década de 1940, por ter seu elenco composto por jogadores negros. Esse fato ocorreu quase 20 anos após a fundação do clube. A construção do estádio Beira-Rio também foi um ponto destacado pelas entrevistadas. Uma delas mencionou que “foi construído através de grande mobilização popular, onde várias classes sociais se empenharam em uma campanha de doação”, partindo do pressuposto de que a arrecadação de tijolos adquiridos para a construção do estádio ocorreu com o auxílio da torcida e de jogadores. O mascote Saci-Pererê também é lembrado pelas torcedoras como motivo de orgulho das origens.

Mediante ao exposto, as relações raciais não foram preocupações do clube desde sua fundação, igualmente quando se fala do lugar da mulher e também de classe sociais, já que se constatou que um grupo restrito e específico participou desse processo. Um

questionamento presente desde o início da pesquisa é: Qual foi o papel que as mulheres ocuparam no clube após a sua fundação? Segundo as pesquisas mostraram, elas não participaram das reuniões que culminaram na fundação do Sport Club Internacional, em abril de 1909; suas atividades estavam em torno da torcida, nas arquibancadas, e à organização de eventos pós-partidas. O primeiro fardamento do clube foi confeccionado pela costureira Humbertina Pacheco, juntamente com Julieta Pinto César, Eunila Fachel Costa e Lídia de Oliveira.

É inegável o orgulho que as integrantes do Coletivo INTERfeminista compreendem a história do clube. Contudo, é possível notar algumas visões antagônicas quanto ao *slogan* O Clube do Povo. Apesar de comporem igualmente o coletivo, suas percepções e posicionamentos sobre a história do Internacional se diferem. Em sua maioria, as integrantes concordam e defendem a ideia de que trata-se de um clube bastante inclusivo, assim como o orgulho de suas origens que passa pela fundação, a construção do estádio Beira-Rio, até a escolha das mascotes. “Nunca duvide de um povo que ergueu um Gigante sobre as águas”, essa expressão conta com um caráter emocional forte que se refere à grande mobilização popular que a construção do estádio do clube causou na torcida. Contudo, o futebol passou por mudanças significativas nas últimas décadas e a presença dos torcedores populares acabou se tornando cada vez mais rara nos estádios do Brasil e do mundo.

Com a elitização do futebol, os torcedores com menor poder aquisitivo pararam de frequentar os estádios e as classes altas passaram a ocupar esse espaço de forma contínua - o futebol se tornou um grande espetáculo³⁴. A esse respeito, a integrante 4 (Natália) do Coletivo INTERfeminista critica a forma como o Sport Club Internacional lidou com algumas questões recentes, afastando-o da premissa de um “Clube do Povo”. A principal crítica da entrevistada está relacionada ao preço dos ingressos nos campeonatos disputados, responsável por afastar a torcida colorada do Beira-Rio, justamente as pessoas que o clube procura mostrar como sendo a essência de sua história. Segundo a torcedora, foi se perdendo, através dos anos, o caráter inclusivo e abrangente do qual se orgulha em mencionar no *slogan* O Clube do Povo, e critica também a forma como a atual gestão do Internacional lida com a própria torcida. Ela está se referindo a forma arbitrária com que a Brigada Militar se comporta com o público que frequenta o estádio Beira-Rio e a falta de posicionamento do presidente

³⁴ Informações retiradas do site: <https://www.ludopedio.com.br/entrevistas/arlei-sander-damo/>. Acesso em: 02 de agosto de 2020.

Marcelo Medeiros. A partir dos posicionamentos das informantes, compreende-se melhor os desafios que o Internacional enfrentou e ainda enfrenta.

O intuito deste capítulo foi dialogar com os valores de fundação responsáveis pela formação do Sport Club Internacional e como sua trajetória se forjou por meio do discurso de um clube popular e inclusivo, aberto a todos e todas. Nesse sentido, Lueci se orgulha ao mencionar a participação popular na história do clube, compreendendo questão da seguinte forma:

Entendo que muitos dos capítulos das histórias destes Clubes foram construídas através da força de um povo mais humilde, sendo que a história do futebol no país é uma história carregada de elitismo. Eu ajudo a fortalecer essa narrativa de Clube do Povo do Clube porque sei que muitos dos seus episódios foram alicerçados por um povo bem humilde, como por terem na composição de um time histórico, como o “Rolo Compressor”, na década de 1940, muitos jogadores negros. Sabemos que nem sempre foi assim. (Informações concedidas pela informante Lueci, através do questionário aplicado pela pesquisadora, 2020).

Em conformidade com essa ideia, questionada se concorda com o *slogan* O Clube do Povo, a informante 2 argumenta que o clube se posicionou de forma pioneira sobre questões até então pouco discutidas no contexto do Rio Grande do Sul, mencionando o fato de ser o primeiro clube de Porto Alegre a aceitar atletas negros no time.

A história do Inter como Clube do Povo é incontestável, principalmente no contexto de futebol gaúcho que havia no início do século XX. Eu vejo o Inter como um clube importantíssimo no avanço das questões raciais no Rio Grande do Sul, embora saiba que, com o tempo e com outras questões que dizem respeito à sociedade (como machismo, homofobia, a ideia de classe social), acabaram não sendo discutidos no clube por algum tempo, que se escondia sob o *slogan* de Clube do Povo. Acho que nos últimos anos o Inter regressou à sua história e está novamente se reinventando para abraçar a ideia importante de ser um clube pioneiro na luta contra o preconceito. (Informações concedidas pela informante 2, através do questionário aplicado pela pesquisadora, 2020).

Analisa-se, portanto, que as entrevistadas auxiliam no fortalecimento da história por trás do *slogan* O Clube do Povo, criando um sentimento de pertencimento e orgulho por torcerem para o clube vermelho e branco da cidade de Porto Alegre, e não por outro. Contudo, conforme o tempo passa, novos desafios precisam ser enfrentados, pois a

sociedade é dinâmica e os clubes de futebol precisam acompanhar sua evolução. Nessa perspectiva, um estudo sobre o Coletivo INTERfeminista torna-se importante por trazer à conversa sobre futebol a visão de um grupo de torcedoras do Internacional, e questões sobre a ocupação de mulheres em espaços como o estádio e na gestão do clube.

A presença das mulheres no clube gaúcho remonta a períodos antigos, contudo, em funções de assistência ou como torcedoras nas arquibancadas. Não há registros de suas presenças nas reuniões que auxiliaram na formação do Sport Club Internacional. Os valores de fundação estiveram pautados na “celebração da juventude”, a possibilidade da prática do futebol, e da criação de um clube que assegurasse a este público novos contatos sociais, aberto a todos, e que aceitasse jovens independente da sua nacionalidade. Entretanto, na Porto Alegre de meados do século XX, a porcentagem da população que tinha a oportunidade de se associar a um clube esportivo era baixa. Assim, em meados de 2017, o clube decidiu olhar para o passado e, nesse sentido, o *marketing* passou a girar em torno do *slogan* O Clube do Povo³⁵. A estratégia da diretoria da agremiação a partir daquele momento foi forjar um discurso progressista e de mudança enxergando na sua “história popular” a oportunidade para se aproximar da torcida.

Concluindo, a relação do Sport Club Internacional com o público feminino será desenvolvida de forma mais detalhada nas próximas páginas, mas por ora é possível afirmar que a presença das mulheres no clube gaúcho aconteceu apenas quase dez anos após a fundação, em 1918, com a associação de Maria Von Ockel - a primeira mulher a se associar a um clube de futebol no Brasil. Apesar do pioneirismo do Sport Club Internacional em várias questões no que diz respeito à presença das mulheres no espaço do futebol, o caminho para se atingir a ampla participação feminina nesse espaço ainda é longo, bem como no âmbito político. O que é relativamente nova é a presença de mulheres em cargos de gestão e na política, fato que vem progredindo significativamente nos últimos anos.

³⁵ Informações retiradas do site: <http://globoesporte.globo.com/rs/futebol/times/internacional/noticia/2017/01/inter-resgata-origens-em-2017-e-volta-apostar-no-slogan-clube-do-povo.html>. Acesso em: 26 de dezembro de 2020.

2.2 O princípio de novos tempos

Debater sobre questões de gênero no futebol é um fenômeno que vem ganhando notória força entre as torcedoras de diversos clubes pelo Brasil. Como mostrado no item 1.2 deste trabalho, desde o ano de 2016, cresceu o número de Movimentos e Coletivos políticos de mulheres, fenômeno que vem se estendendo a praticamente todos os clubes de futebol brasileiros. Esses movimentos políticos trazem discussões importantes para se pensar as mulheres no âmbito do futebol, seja na torcida, seja na gestão.

Iniciam-se novos tempos no futebol brasileiro, no qual públicos até então excluídos desse espaço estão ganhando voz e se organizando com o propósito de mostrar que as velhas práticas não condizem mais com os tempos atuais. Também exigem respeito e reivindicam o seu espaço. As mídias sociais se mostram como aliadas desses grupos, pois é nesse espaço que ocorre a sua articulação e mobilização.

É importante ressaltar que esses Movimentos e Coletivos políticos, apesar de possuírem pautas em comum, são engajados em algumas causas diferentes. Quer dizer, nem todos os Movimentos aqui estudados possuem o feminismo como principal temática. Para algumas dessas mulheres, o objetivo principal foi juntar o maior número de apaixonadas pelo mesmo clube de futebol e as discussões foram ganhando forma com o tempo.

Nesse contexto, as integrantes do Coletivo INTERfeminista buscam dialogar com questões como: a representação feminina no Conselho Deliberativo e o papel das mulheres como torcedoras e frequentadoras de um estádio de futebol. A primeira campanha que o Coletivo colocou em prática foi a ação *#OuviNoEstádio*, em junho de 2016, cuja intenção era publicar relatos do que as mulheres ouvem nas arquibancadas, o assédio e o descrédito que as torcedoras ainda enfrentam quando falam sobre futebol. Torcedoras de vários clubes brasileiros participaram da campanha mostrando que estes casos não acontecem somente no Internacional.

Nós sempre conversamos e colocamos em pauta o modo com as mulheres são tratadas no estádio, inclusive porque foi assim que o coletivo surgiu. Há algumas semanas isso foi levantado no grupo em função das ofensas que uma participante do coletivo ouviu de torcedores para uma gandula, e aí começamos a pensar em como poderíamos expor tudo que a gente passa de modo a dar visibilidade para esse problema e conscientizar quem ainda acha que o machismo no futebol já foi superado. Pensamos em algumas possibilidades, mas, como temos uma ferramenta tão potente como as redes sociais,

achamos que uma campanha online teria um bom alcance, e surgiu a ideia de fazer as imagens. As primeiras cinco imagens que publicamos no álbum foram de frases que as meninas postaram no grupo mesmo, em menos de 24h, já temos mais 12 frases enviadas por torcedoras”³⁶. (Trecho da entrevista concedida pelas integrantes do Coletivo INTERfeminista ao site “Trivela”, em 10 de junho de 2016).

A campanha #EstadioSemAssedio também contou com a participação do Coletivo INTERfeminista. Por volta de fevereiro de 2017, diversos Movimentos políticos de mulheres participaram da campanha, como o Movimento Coralina e Grupa. A campanha contou com a adesão e relatos de diversas torcedoras de Norte a Sul do Brasil pelo fim do machismo nos estádios e contra os obstáculos que as impedem de frequentar os jogos de seus respectivos times.

O Coletivo INTERfeminista auxilia as torcedoras a refletirem sobre como o clube acolhe as mulheres ou, nesse caso, como não o faz. Com postura forte, o Coletivo se posicionou nas suas redes sociais a respeito do discurso e das campanhas de *marketing*, pedindo ao clube maior cuidado para que as meninas e mulheres se sintam tão parte do Internacional quanto meninos e homens se sentem desde sempre. O grupo se preocupa em mostrar que falas que parecem tão comuns a respeito de certos públicos, na verdade os excluem. Não é apenas no Dia Internacional da Mulher, ou do Dia Mundial do Orgulho LGBTQIA+ que os povos excluídos desse espaço por tantos anos são “bem-vindos”, são necessárias ações diárias e constantes para que esse público seja de fato acolhido. Até 2016, o Sport Club Internacional pouco se posicionava sobre questões de gênero, salvo em dias comemorativos; e menos ainda sobre a luta LGBTQIA+.

É uma cultura que precisamos desconstruir. Um hábito que precisa cair por terra. O Inter é o clube do povo, o clube que acolheu e abriu as portas àqueles que haviam sido excluídos. Agora, que é tempo de resgatar as raízes, está mais do que na hora de acolher àquelas que ainda são excluídas do futebol em várias instâncias. (Trecho da publicação do Coletivo INTERfeminista na plataforma *Facebook*, em janeiro de 2017).

Nos últimos anos o Sport Club Internacional tem passado por acontecimentos conturbados em seus bastidores, havendo a necessidade de repensar o seu papel como instituição. Os tempos são outros desde a sua fundação, o clube cresceu e, por um

³⁶ Informações retiradas do site Trivela: <https://trivela.com.br/brasil/a-maioria-das-mulheres-nos-estadios-pelo-pais-ja-passou-por-algum-tipo-de-situacao-constrangedora/>. Acesso em: 01 de junho de 2021.

tempo, ficou distante de questões importantes. A principal crítica da integrante 4 do Coletivo INTERfeminista estava pautada justamente na questão dos preços dos ingressos e no afastamento dos torcedores populares do espaço do estádio.

Com o objetivo de resgatar sua história forjada com a participação dos torcedores mais humildes, o clube criou, em 2017, a modalidade de associação chamada “Academia do Povo”. A ação busca resgatar os torcedores que passaram a ter dificuldades em comparecer aos jogos no Beira-Rio após as constantes mudanças pelas quais o clube passou nos últimos anos. Estudantes de escola pública e integrantes de programas sociais do Governo Federal estão entre os públicos contemplados.

Para concluir, é importante destacar que, a partir da entrada de três integrantes do Coletivo INTERfeminista no Conselho Deliberativo, em 2016, pelo movimento “O Povo do Clube”, o Sport Club Internacional passou a tratar com cuidado e sensibilidade diversas questões que até então eram pouco debatidas. Questões de gênero, linguagem inclusiva, campanhas contra a homofobia e o racismo, até campanhas em alusão ao Dia Mundial do Orgulho LGBTQIA+ e Dia Mundial de Combate à AIDS são vistas com frequência nas mídias sociais do clube. O caminho ainda é longo, contudo, observa-se que o clube tem se esforçado para incluir questões que são importantes na atualidade e devem ser debatidas em um ambiente como o do futebol.

CAPÍTULO 3. GÊNERO, POLÍTICA E FUTEBOL

3.1 Futebol e sociedade

Não é de hoje que o futebol vem despertando interesse em diferentes áreas, existem muitas produções bibliográficas e audiovisuais. 1) Futebol e Identidade Nacional (DAMATTA, 1982, 1994); TOLEDO (2000); (GUEDES, 2009). 2) Masculinidades nos Estádios de Futebol (BANDEIRA, 2009). 3) Futebol de Mulheres (GOELLNER, 2005, 2007, 2013); (PISANI, 2018). 4) Mulheres em cargos de gestão nos clubes de futebol (TORGA, 2019). 5) Torcidas Organizadas de Futebol (TOLEDO, 2014); (PIMENTA, 2003). 6) Futebol e Espaços Geográficos (MASCARENHAS DE JESUS, 2001). 7) Imigração de Jogadores (RIAL, 2008, 2009). Muitas outras análises são realizadas a partir da perspectiva futebolística por diversas áreas do conhecimento e, neste capítulo, serão discutidas algumas temáticas sob o de viés gênero, diversidade e política.

Quando o objeto de estudo e análise trata-se de um grupo de mulheres que se intitulam INTER+feministas, e buscam representatividade, respeito e igualdade de oportunidades dentro do futebol e, mais especificamente dentro clube para o qual torcem, muitas delas, desde os primeiros anos de vida, o desafio se torna grande. Isso se deve ao fato da proximidade da pesquisadora com a temática abordada, e por haver algumas características em comum com o grupo de entrevistadas para o presente trabalho.

Foi possível observar que o Sport Club Internacional, time do coração das entrevistadas, apesar de carregar o *slogan* O Clube do Povo, no decorrer da sua trajetória, possuía uma característica bastante fechada à entrada das mulheres em suas instâncias de tomadas de decisão. Até o momento da formação do Coletivo, nota-se que poucas mulheres participaram desses espaços. O caminho, portanto, ainda é longo para se chegar à efetiva igualdade de gênero na política e no esporte. Todavia, apesar da lenta caminhada, as estruturas de uma sociedade machista estão começando a estremecer devido a luta de mulheres nas mais diversas instâncias brasileiras.

No início do trabalho, havia a consciência que o grupo estudado se relacionava com visões de mundo voltadas para a igualdade de gênero, e entendia a importância da ocupação do espaço por pessoas até então excluídas do ambiente do futebol, como sugere o próprio nome do Coletivo, que não se dá ao acaso. Ao estabelecer contato com

algumas das integrantes do Coletivo, surgiu a oportunidade de analisar mais a fundo suas visões de mundo. Observou-se que ia muito além de um coletivo de mulheres que buscavam maior representação no Conselho Deliberativo, pois, se uniram através do amor que compartilhavam por um clube de futebol para demonstrar que tinham capacidade de ocupar os espaços de decisão que até então eram pouco representativos.

É oportuno destacar algumas orientações importantes quanto ao conceito sobre identidade de gênero. Jaqueline Gomes (2012) conceitua o seguinte:

Identidade de Gênero: Gênero com o qual uma pessoa se identifica, que pode ou não concordar com o gênero que lhe foi atribuído quando de seu nascimento. Diferente da sexualidade da pessoa. Identidade de gênero e orientação sexual são dimensões diferentes e que não se confundem. Pessoas transexuais podem ser heterossexuais, lésbicas, gays ou bissexuais, tanto quanto as pessoas cisgênero. (p. 14.)

Em uma sociedade repleta de pré-conceitos, é importante realizar trabalhos que formem seres humanos livres e contentes com seu jeito de ser, independente da forma com a qual se identifique. Estimular, portanto, a diversidade identitária e a desconstrução de conceitos dicotômicos pautados nas generificações das atividades que masculinizam ou feminizam as pessoas. Tendo em vista esses fatores, e como mencionado nas páginas anteriores, o futebol no Brasil se tornou um dos pilares de uma representação de identidade nacional e da representação do significado de “ser brasileiro(a)”. Na atualidade, questões como: de que forma o futebol de mulheres pode se desenvolver no país, e a participação feminina na arbitragem e na gestão do esporte vêm ganhando força. Entretanto, apesar da significativa importância do futebol para a sociedade brasileira, não é raro encontrar teses críticas a esse esporte.

Diversos autores da esquerda brasileira conceituam o futebol como “O Ópio do Povo”. Esse termo está relacionado ao fato de o futebol alienar e, principalmente em tempos de Copa do Mundo, o clima de otimismo criado pelo evento seria utilizado como instrumento alienador do Estado ou de propaganda de determinado regime para difundir sua política. Segundo essa visão, a partir de 1970, apoiar a Seleção Brasileira significava também apoiar o regime que estava em vigor naquele período. Um exemplo desse argumento pode ser encontrado na charge do cartunista Henrique de Souza Filho, mais conhecido como Henfil, para o jornal O Pasquim, em 11 de junho de 1970:

Um país inteiro para por causa do futebol, mas não para resolver o problema da fome... Este, sim, é o verdadeiro ópio do povo! Faz

esquecer que são explorados, subdesenvolvidos.... Estou torcendo para o Brasil perder! Assim, o povo voltará à realidade e verá que a vida não é feita de gols, mas de injustiças... Nossa realidade não é tão infantil como uma jogada como esta do Pelé invadindo a grande área inglesa e... Pênalti! Pênalti! Juiz filho da mãe! Pênalti, seu safado!. (A Copa segundo Henfil, *O Pasquim*, 1970, p. 11).

No ano de 1982, ainda é possível notar que essa concepção permanecia presente, a exemplo da crônica de Fausto Wolff, intitulada “Sinto muito mas vou torcer contra!”, que argumentava o seguinte:

Sinto muito. Gostaria mesmo de torcer a favor. Sério (...) Mas não posso, não dá. Eu vou torcer contra o time do Brasil na Copa do Mundo (de 1982) que começa dentro de alguns dias. Porque não vou compactuar com esta palhaçada, porque acho que meu país e o meu povo merecem bem mais do que alguns efêmeros momentos de alegria. É isto: vou torcer contra o Brasil porque amo demais meu povo; porque sou patriota e porque me nego a a ser uma coisa, um robot controlado por um poder cruel, medíocre, e de segunda categoria. Nós aguentamos a derrota de 1950 dentro de casa. Certamente aguentaremos esta. Pergunto-me se o AI-5 teria a vida longa que teve se houvéssemos perdido a Copa de 1970 no México. É muito duro torcer contra um time tão bom quanto o nosso. Torcer a favor é muito mais fácil e eu havia decidido vestir uma camisa com os dizeres ‘Abaixo a Repressão – Viva a seleção’ e deixar o circo pegar fogo (...) E é justamente “por isso que eu vou torcer contra; para não ter que ver o ditador de plantão levantar a taça para o alto e fazer o povo acreditar que quem a conquistou foi o PDS³⁷. E vou torcer contra, principalmente, em nome dos mortos, dos torturados e dos desaparecidos, de um povo bom, solidário e cordial como o nosso. (WOLFF, Fausto. *O Pasquim*, 1982, p. 7).

A partir desses exemplos, nota-se que o futebol foi alvo de muitas críticas, contudo, é importante ter em mente também que futebol ultrapassa as quatro linhas, passando por diferentes formas de sociabilidade, promovendo sentimentos como o de identidade individual e coletiva entre os brasileiros. O que também ocorre em países sul-americanos como Argentina, Uruguai, Brasil ou Chile. Há quem diga que futebol e política não devem ser pensados de forma conjunta, entretanto, para (tentar) analisar ou investigar a sociedade brasileira, é indispensável pensar o futebol nas suas mais diversas esferas, como a de gênero ou de orientação sexual, primordialmente nos tempos atuais. Essa discussão é importante não apenas pelo fato da conhecida hegemonia masculina do esporte e por algumas questões que retardaram a participação feminina, seja na prática

³⁷ O Partido Democrático Social (PDS) foi um partido político nacional fundado em 31 de janeiro de 1980 para suceder o partido governista Aliança Renovadora Nacional (Arena), extinto com o fim do bipartidarismo em 29 de novembro de 1979.

esportiva, seja no âmbito decisório, mas também pelo fato de que a sociedade está se transformando constantemente, e o público feminino não aceita mais se associar apenas a camadas assistenciais ou filantrópicas do desporto brasileiro, as mulheres caminham para uma maior ocupação de papéis de liderança nos clubes de futebol do país.

Fazendo um breve histórico acerca do futebol e seu desenvolvimento na América do Sul, foi no início do século XX que isso ocorreu, assim como em toda a Europa. Contudo, quando se fala de países como o Uruguai ou Argentina e Brasil, como pontuam Álvaro do Cabo e Ronaldo Helal (2014), é possível observar a representação dos estilos de jogo acerca do futebol e como se deu o discurso do mito fundacional do esporte. Nessa perspectiva, sua forma de lidar com ele adquire a construção de identidade nacional em conjunturas históricas específicas o que, segundo os autores, perpetua mitos e estereótipos passíveis de serem encontrados até mesmo nos tempos atuais. Nesses países, significa falar, portanto, de um estilo próprio de se apropriar do esporte em relação aos países europeus; cada um, à sua maneira, constrói, através dos anos, uma supervalorização das características relacionadas aos elementos culturais próprios.

Nos últimos anos, o futebol vem sendo objeto de diversos estudos nas Ciências Sociais, onde, por muito tempo, esteve marcado pelo viés crítico e com elevado grau de preconceito ao escolher ser escolhido como tema de produção intelectual e acadêmica. Assim, quando falamos acerca dos percursores, no sentido de propor discussões na forma de se estabelecer novas perspectivas ao se pensar o Brasil, Gilberto Freyre é o nome mais cotado, pois proporciona uma forma única e original de pensar o povo brasileiro, nos apresentando noções de um estilo de jogar futebol puramente brasileiro, o futebol-arte. Sob a influência deste polêmico autor, o jornalista Mario Filho, em sua obra *“O negro no futebol brasileiro”*, propaga, também na academia, a ideia freyreana de integração social e a mítica ascensão do negro na sociedade brasileira.

Apesar das contradições, polêmicas e críticas possíveis de serem apresentadas a partir do pensamento de Freyre e Filho, as obras desses autores, amplamente empregadas como fontes históricas, proporcionaram ao meio acadêmico tensões e diversos debates. Nesse sentido, há, nos estudos sobre a perspectiva do futebol no Brasil, uma diversificação na procura de utilização de objetos e fontes.

A respeito da obra de Mario Filho ser debatida e abordada como uma teoria clássica, Álvaro do Cabo e Ronaldo Helal (2014) apresentam os argumentos que

possibilitam definir alguns pontos importantes ao desenvolvimento de uma pesquisa acadêmica sob a perspectiva no âmbito do futebol:

a busca de uma diversidade e maior zelo com a utilização de fontes, inclusive com a análise do livro *O negro no futebol brasileiro*; b. atenção com as representações coletivas geradas, sobretudo pelos meios de comunicação, e sua influência na sociedade independentemente de uma veracidade factual; c. importância de um enquadramento teórico mais aprofundado nas diferentes abordagens possíveis sobre o tema. (DO CABO; HELAL. 2014, p. 27).

A partir desse ponto de vista, destaca-se o trabalho de conclusão de curso em História pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul, de Andrei Adornes Monteiro que, sob orientação de Cesar Augusto Barcellos Guazzelli, estudou de forma profunda o livro “*El fútbol a sol y sombra*”, do uruguaio e grande conhecedor sobre o futebol latino americano, Eduardo Galeano. A obra foi analisada a partir de diversas temáticas. Por se tratar de uma personalidade que constantemente passa mensagens políticas em seus escritos, ele não poderia deixar de ser mencionado. Galeano nos permite pensar o futebol sob diversas perspectivas sociais: violência, racismo e, claro, política.

Nesse contexto, por meio de guerras e ditaduras na Europa e América Latina, o intelectual crítica, em algumas histórias de seu livro, a intervenção dos Estados Unidos na Nicarágua, ao mesmo tempo que valoriza a classe trabalhadora e as lutas pela independência que ocorrem na África, Ásia, bem como revoluções socialistas ocorridas na América e China. Monteiro destaca o seguinte:

Eduardo Galeano simbolizou – principalmente através de sua obra mais conhecida, *Las Venas Abiertas* de América Latina – o espírito de resistência latino-americano: resistência à exploração e interferência de governos e empresas que foram importantes na manutenção da desigualdade social e do subdesenvolvimento da América Latina. O principal alvo das críticas de Galeano em *Las Venas Abiertas* são a exploração e os genocídios cometidos por potências europeias na América e a desigual relação entre Estados Unidos e os países latino-americanos – e as ditaduras militares, muitas advindas desta relação, implantadas na América Latina até o momento da publicação do livro. (p. 9).

Mediante o exposto, observa-se que, através do futebol, é possível pensar em diversos conteúdos que estão geralmente ligados ao cotidiano da nação, e são palcos de importantes manifestações contra o racismo, homofobia e violência contra a mulher.

Portanto, pode-se afirmar que futebol não é apenas um esporte, pois é interessante pensar que, por meio dele, é possível iniciar grandes transformações.

Neste trabalho, ao observar a inserção da mulher no espaço do futebol, a pesquisadora percebeu a importância de investigar também o que é ser homem nesse contexto, uma vez que os assuntos são indissociáveis. Procurar entender a masculinidade no âmbito do futebol permitirá que se apreenda melhor porque essas relações se dão de determinada maneira, para que, dessa forma, seja possível modificá-las. A masculinidade hegemônica dos estádios de futebol apresentou-se, durante muito tempo, através dos cânticos das torcidas repletos de xingamentos e representações negativas dirigidas a pessoas negras, homossexuais e mulheres.

A esse respeito, Gustavo Andrada Bandeira (2009), em sua pesquisa de mestrado, realizou um mapeamento das representações das masculinidades no contexto dos estádios de futebol³⁸. O autor menciona que “os “alvos” desses xingamentos são, historicamente, alvos de desprezo frequentes nas construções de masculinidades hegemônicas” (BANDEIRA, 2009).

Conforme exposto neste trabalho, houve a preocupação de dialogar com teorias, autores(as) e abordagens que procuram desmistificar visões acerca do papel das mulheres na sociedade de forma mais abrangente, inclusive na representação política, indo de encontro com o debate público. Nota-se que no momento que as mulheres procuram pesquisar sobre futebol, assim como a posição que ocupam (ou não) no esporte, um incômodo é gerado em alguns setores da sociedade.

A produção teórica com a temática sobre o feminismo é vasta. Buscou-se, aqui, abordar algumas dessas perspectivas a partir de análises clássicas e também de outras que se aproximam da realidade das mulheres brasileiras, pois é necessário olhar com mais atenção para teorias que retratem as desigualdades sofridas pelas mulheres que vivem no Sul global, onde a concepção de mulher universal é tão fortemente atrelada às feministas norte-americanas e europeias.

Buscou-se retratar a forma que ocorreu a inserção das mulheres na vida política do Sport Club Internacional e, para isso, foi necessária a realização de diversas pesquisas sobre a sua história para que, dessa forma, fosse possível compreender melhor como foi consolidado seu relacionamento com as mulheres que visavam participar do

³⁸ O autor analisou dois estádios de futebol de Porto Alegre: o estádio Beira Rio e Olímpico (estádio do Grêmio Foot-Ball Porto-Alegrense na época em que a pesquisa foi realizada. Atualmente a “casa” do clube é a Arena OAS).

ambiente futebolístico. Observou-se que apesar do orgulho do slogan O Clube do Povo, muito pouco as mulheres participaram de sua vida efetiva desde a fundação. Porém, é inegável o esforço de incluir o público feminino em suas ações de *marketing*, campanhas e datas comemorativas.

É importante mencionar a respeito da história das mulheres na trajetória do Sport Club Internacional e de que forma o clube se relaciona com as mulheres que nele estão inseridas. Para iniciar a discussão, o primeiro contato sobre essa temática pode ser observado no quadro associativo. Conforme registros históricos do Sport Club Internacional, em 2 de abril de 1918, Maria Von Ockel se tornou a primeira mulher a se associar ao clube, sob responsabilidade de seu cunhado e, concomitante a isso, de um time de futebol no Brasil. Quase uma década após sua fundação.

Em uma época na qual praticamente todos os direitos das mulheres eram cerceados, Maria teve de receber um salvo-conduto de seu cunhado para ter a associação validada. (Site Oficial do Sport Club Internacional).

Já na vida política do clube, a primeira mulher eleita como conselheira para o Conselho Deliberativo foi Jessy Bellomo Mancuso, em 1984, desenvolvendo trabalhos relacionados às áreas beneficentes e de Assistência Social da agremiação que culminaram na criação do Centro Feminino de Assistência Social do Internacional-CEFASI. Centro que anos mais tarde, junto com a Divisão Cultural-Biblioteca, deu origem à Fundação de Educação e Cultura do Sport Club Internacional – FECL, juntamente com Neith Luzardo Ulriche e Alzira Feijó Medeiros³⁹.

Foi promovido a primeira seletiva para a formação da equipe feminina adulta no início de 2017. Conforme aponta Suellen dos Santos Ramos (2016) na dissertação intitulada “Futebol e mulheres no Rio Grande do Sul: a trajetória esportiva de Eduarda Marranghello Luizelli (Duda)” apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciência do Movimento Humano da Escola de Educação Física, Fisioterapia e Dança da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, que auxiliaram na disseminação do futebol de mulheres no estado do Rio Grande do Sul como Pepsi Bola e Independente deram origem aos departamentos de futebol feminino de Sport Clube Internacional, em 1983. (p.56). Além disso, a autora destaca que a infraestrutura para a atuação na equipe provinha de uma comissão técnica (treinador, preparador físico, preparador de goleiras,

³⁹ Informações retiradas do site: <http://memoriadointer.blogspot.com/2017/03/lugar-de-mulher.html>. Acesso em: 24 de dezembro de 2020.

tesoureiro, etc.), eram oferecidos também os materiais de treino e de jogo e o local de treinamento correspondiam ao ginásio do Gigantinho e o campo suplementar do estádio Beira-Rio (p.60). Contudo, apesar da estrutura bem desenvolvida oferecida às atletas, as despesas com viagens eram custeadas pelas próprias jogadoras ou familiares. O clube também não remunerava o plantel.

No ano de 1918, o voto feminino ainda não era garantido na Constituição Federal do Brasil, fato que ocorreu apenas no início da década de 1930. Entretanto, apesar de tardio, é inegável pensar no pioneirismo do Sport Club Internacional ao manter relação com esta importante discussão, dado o período histórico na qual foi retratado, o significado simbólico que isso implica pode ser considerado de significativa importância.

Ao realizar pesquisas para o desenvolvimento deste trabalho, foi possível observar que os movimentos de arquibancada, como “O Povo do Clube”, vem ganhando grande importância para o aumento da representatividade feminina no Conselho Deliberativo do Sport Club Internacional. Esses movimentos incentivam as torcedoras a conhecerem sobre a vida política do clube, levando-as a participar desse ambiente. Dessa maneira, observa-se o aumento da consciência das torcedoras de que o futebol é seu lugar e também é possível ter acesso a esse espaço e contribuir com suas experiências nas instâncias de tomadas de decisão do Internacional.

Para concluir, quando se fala sobre futebol e sobre as mulheres que estão inseridas nesse ambiente, é inegável pensar que o caminho ainda é longo para chegar à efetiva igualdade na ocupação de cargos na instância máxima de um clube, assim como nos demais espaços públicos. Contudo, respeitar as especificidades de cada mulher, dar oportunidades efetivas de inserção nesse campo, e tratá-las de forma capaz para exercer cargos de liderança nos mais diversos espaços esportivos são caminhos que não devem ser desconsiderados.

3.2 O termo gênero como fator natural

“Gê-ne-ro *sm.* 4. *Antrop.* A forma como se manifesta, social e culturalmente, a identidade sexual dos indivíduos”. (FERREIRA. 2001. p. 345).

Até meados do século XX a ideia hegemônica do gênero esteve pautada em análises essencialmente biológicas para designar as diferenças entre os sexos, porém, com o passar dos anos, vem se identificando diversos questionamentos sobre essa afirmação nas Ciências Sociais e em outras áreas de conhecimento. Isso se deu a partir do advento das produções de cunho feminista que visavam desconstruir a naturalização da desigualdade entre os sexos.

A concepção da abordagem feminista questiona qualquer diferença biológica que determinaria a inferioridade natural das mulheres e atribuiu às experiências sociais a construção das diferenças entre homens e mulheres. Antes de discutir qualquer questão de diferença supostamente biológica e natural, é necessário questionar as oportunidades e o acesso a direitos. Sob essa lógica, a concepção de gênero desconstrói os fatores naturais que sustentavam a inferioridade das mulheres.

Gênero é um conceito desenvolvido para contestar a naturalização da diferença sexual em múltiplas arenas de luta. A teoria e a prática feminista em torno de gênero buscam explicar e transformar sistemas históricos de diferença sexual nos quais “homens” e “mulheres” são socialmente constituídos e posicionados em relações de hierarquia e antagonismo. (HARAWAY, 2004, p. 211).

Com relação a isso, os Marcadores Sociais da Diferença se torna um conceito fundamental para compreensão dos sistemas que classificam, delimitam e categorizam a vida dos indivíduos dentro da sociedade, independente do gênero. O antropólogo Marcio Zamboni caracteriza-os da seguinte forma:

Em termos de raça, por exemplo, os indivíduos podem ser classificados como negros ou brancos, morenos ou mulatos, asiáticos ou indígenas. Cada uma dessas categorias de classificação está associada a uma determinada posição social, possui uma história e atribui certas características em comum aos indivíduos nela agrupados. O mesmo vale para gênero (homens e mulheres, machões e princesas, travestis e transexuais), sexualidade (hétero e homossexuais, gays e lésbicas, bissexuais e sadomasoquistas), classe (ricos e pobres, classe média e proletariado, profissionais liberais e moradores de rua) e geração (jovens e idosos, adultos e adolescentes, coroas e crianças), entre outros. (ZAMBONI, 2014, p.14).

Portanto, os Marcadores Sociais da Diferença são aqueles que podem adquirir diferentes pesos dentro de uma sociedade, nas categorias de raça, gênero, sexualidade e classe, por exemplo. Essas categorias podem afetar as formas de distinção e relação de poder das interações sociais, pois alguns marcadores podem se sobressair em relação a

outros, adquirindo pesos distintos. Além disso, eles não podem ser pensados de forma isolada porque estão sempre datados e contextualizados, ligados por meio das experiências das pessoas, que não são naturais, e sim socialmente criadas no interior das relações de poder, que estão em constante disputa.

A característica que justificaria a diferença entre homens e mulheres o fez a partir da biologia. Consideradas como o “sexo frágil”, as mulheres eram vistas como incapazes para cumprir determinadas atividades. No início do século XX, a prática esportiva feminina encontrava grandes percalços. A esse respeito, Silvana Goellner (2005) aponta que Pierre Coubertin, o fundador dos Jogos Olímpicos da Era Moderna, defendia a ideia de que a participação das mulheres no esporte competitivo deveria acontecer apenas como espectadoras, de modo que as mantivesse “bem vestidas e comportadas”, pois “poderia vulgarizar esse ambiente recheado de honras e conquistas”. (GOELLNER, 2005, p. 144). A proibição presumia que o suor, o esforço físico, as emoções fortes, dentre outras características consideradas excessivas da cultura física, se afastavam do ideal de feminilidade, além de desestabilizar o espaço de sociabilidade considerado de domínio masculino, e cuja justificativa dessa hegemonia se sustentava na biologia do corpo e do sexo. (GOELLNER, 2005, p. 144).

No Brasil, essa visão conservadora encontrou legitimidade também na ciência médica que, a partir do final dos anos 1930, por efeito de um amplo movimento que objetivou atacar a participação feminina no futebol, determinou quais esportes as mulheres não deveriam praticar. Esportes com forte contato físico eram considerados “perigosos a natureza humana da mulher” e foram proibidos por anos. A carta de José Fuzeira chegou à Divisão de Educação Física do Ministério da Educação e Saúde que publicou, após parecer técnico do Dr. Leite de Castro, o Decreto de lei nº 3.199, de 14 de abril de 1941⁴⁰.

Fuzeira foi o autor da carta direcionada ao então presidente Getúlio Vargas, que tinha o intuito de definir quais esportes as mulheres poderiam praticar, baseados na preocupação com a “calamidade” que estava para acontecer com a juventude feminina do país. Nessa perspectiva, o Artigo 54 previa o seguinte:

⁴⁰ A promulgação do Decreto de lei número 3.199 criou o Conselho Nacional de Desportos (CND) e, junto ao Ministério da Educação e Saúde, instituiu as bases da organização do Desporto Brasileiro, a qual atribui ao órgão recém-criado a responsabilidade de orientar, fiscalizar e incentivar a prática esportiva no Brasil (Fábio Franzini, 2014).

Às mulheres não se permitirá a prática de desportos incompatíveis com as condições de sua natureza, devendo, para este efeito, o Conselho Nacional de Desportos baixar as necessárias instruções às entidades desportivas do país.⁴¹

Conforme escreveu José Fuzeira, o aumento de quadros femininos que estavam se formando na época correspondiam a núcleos “destróadores da saúde de futuras mães”, além de haver a preocupação do público feminino também se aventurar em esportes considerados mais perigosos, como a luta livre.

Refiro-me, Senhor Presidente, ao movimento entusiasta que está empolgando centenas de moças, atraindo-as para se transformarem em jogadoras de futebol, sem se levar em conta que a mulher não poderá praticar esse esporte violento sem afetar seriamente, o equilíbrio fisiológico das suas funções orgânicas, devido à natureza que a dispôs a ser mãe. (...). Ao que dizem os jornais, no Rio já estão formados nada menos de 10 quadros femininos. Em São Paulo e Belo Horizonte também já estão constituindo-se outros. E, neste crescendo, dentro de um ano é provável que, em todo o Brasil, estejam organizados uns 200 clubes femininos de futebol, ou seja: 200 núcleos destróadores da saúde de 2.200 futuras mães, que, além do mais, ficarão presas de uma mentalidade depressiva e propensa aos exibicionismos rudes e extravagantes; pois, desde que já se chegou à insensatez inqualificável de organizar-se pugnas de futebol com um grupo de cegos a correrem, às tontas, atrás de uma bola cintada de guizos, não será de admirar que o movimento feminino a que nos estamos reportando seja o ponto de partida para, no decorrer do tempo, as filhas de Eva se exibirem também em assaltos de luta livre e em justas da “nobre arte”, cuja nobreza consiste em dois contendores se esmurrarem até ficarem babando sangue. (FUZEIRA, 1940. Apud FRANZINI, 2005, p. 319/320).⁴²

Em decorrência disso, juntos com a Medicina e o Estado, se tornaram reguladores não apenas do corpo feminino, mas também de suas mentalidades. O ideal de mulher para a sociedade brasileira da época era o de feminilidade, mãe e esposa. Para que houvesse o desenvolvimento pleno de uma sociedade harmoniosa, passaria pelas mulheres o cumprimento de seu papel exclusivamente biológico: o de gerar filhos saudáveis e fortes para a nação.

⁴¹ Informações retiradas do site: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto-lei/1937-1946/del3199.htm. Acesso em: 22 de dezembro de 2020.

⁴² Fábio Franzini (2005) e Silvana Goellner (2005) são alguns dos trabalhos na qual o conteúdo da carta de José Fuzeira, endereçada ao Presidente Getúlio Vargas se encontra presente. Sua transcrição também compôs a exposição temporária intitulada como: “Contra-ataque: as mulheres do futebol”, em cartaz dos dias 28 de maio a 20 de outubro de 2019, no Museu do Futebol (Estádio do Pacaembu – SP).

No Brasil, a educação das mulheres esteve por séculos voltada à formação de esposas, mães, e aos deveres familiares. A esse respeito, a socióloga Heleieth Saffioti (1987) apresenta o argumento de que há grandes diferenças entre a vida das mulheres de acordo com sua classe social. A estudiosa auxilia a entender que mesmo se a mulher desempenhar atividade fora do âmbito doméstico, essa “permissão” apenas é legitimada com a finalidade de sustentar a si e aos seus filhos, ou complementar a renda do marido. Dessa forma, a sociedade brasileira naturalizou as atribuições femininas, ou seja, tentou impor que as capacidades das mulheres estão reduzidas aos afazeres do espaço domésticos, de ser mãe e responsável pela educação e socialização dos filhos.

Torna-se, pois, clara, a atribuição por parte da sociedade, do pertencimento da mulher ao espaço doméstico. Trabalhando em troca de um salário ou não, na fábrica, no escritório, na escola, no comércio, ou a domicílio, como é o caso de muitas mulheres que costuram, fazem crochê, tricô, doces e salgados, ela é socialmente responsável pela manutenção da ordem na residência e pela criação educação dos filhos. Assim, por maiores que sejam as diferenças de renda encontradas no seio do contingente feminino, permanece esta identidade básica entre todas as mulheres.

Segundo a autora, a sociedade investe muito na naturalização deste processo. Isto é, tenta fazer crer que a atribuição do espaço doméstico à mulher decorre de sua capacidade de ser mãe. De acordo com este pensamento, é natural que a mulher se dedique aos afazeres domésticos, aí compreendida a socialização dos filhos, como é natural sua capacidade de conceber e dar à luz. (SAFFIOTI, 1987, p. 9).

Porém, atualmente, apenas essas questões não bastam para explicar a condição da mulher no país, pois devido à reivindicação e luta das feministas no decorrer da história no Brasil, o papel das mulheres na sociedade se modificou, no sentido de não mais ser atribuído essencialmente ao sexo feminino funções relacionadas ao cuidado, educação dos filhos, e ao espaço doméstico. Contudo, as desigualdades de gênero nas mais diferentes camadas sociais ainda são possíveis de serem observadas.

É importante destacar que, no Brasil, as mulheres tiveram o direito ao voto assegurado somente em 24 de fevereiro de 1932. Com a criação da Justiça Eleitoral, houve a preocupação de eleições padronizadas, secretas e universais de forma facultativa. No ano de 1934, foi incorporada à Constituição, contudo, a obrigatoriedade do voto como um dever masculino, e somente mulheres solteiras e viúvas que exerciam trabalhos remunerados eram aptas a votar, o que limitava as mulheres casadas à

autorização dos maridos para exercer o voto. Apenas em 1965 o voto feminino igualou-se ao masculino de forma plena no Brasil.

A conquista das mulheres ao voto foi resultado de muitas lutas por parte do movimento feminista, representando um avanço, até então inédito, em suas condições de cidadãs. Assim, mesmo com restrições, as mulheres se inseriram na vida política do país. Como o trabalho feminino era restritamente doméstico, esse público era visto como incapaz de exercer atividades na esfera pública, como a de votar ou trabalhar fora do lar. As mulheres já trabalhavam e cumpriam atividades remuneradas, entretanto, com diferentes condições de trabalho, e também de salários, em comparação ao público masculino. Os registros históricos mostram que no final dos anos 1920 houve o primeiro caso de uma mulher eleita no país, contudo, ela não exerceu seu mandato pelo impedimento da Comissão de Poderes do Senado, ainda assim, abriu portas importantes para outras mulheres anos mais tarde.

Seguindo essa perspectiva, por um longo tempo foram negados lugar e voz no relato historiográfico às mulheres, sendo, portanto, invisibilizadas. Eram pessoas sem história, experiências, e, por esse motivo, partiam de um discurso predominantemente masculino. De encontro aos critérios biológicos, no que diz respeito à configuração anatômica ou hormonal dos gêneros, para diversos filósofos, no curso da história, a mulher é um homem incompleto, o Outro. Inúmeros fatores podem ser passíveis de observação nessa subjugação histórica das mulheres, como bem pontua Simone de Beauvoir (1970):

A relação dos dois sexos não é a das duas eletricidades, de dois pólos. O homem representa a um tempo o positivo e o neutro, a ponto de dizermos "os homens" para designar os seres humanos, tendo-se assimilado ao sentido singular do vocábulo vir o sentido geral da palavra homo. A mulher aparece como o negativo, de modo que toda determinação lhe é imputada como limitação, sem reciprocidade. Agastou-me, por vezes, no curso de conversações abstratas, ouvir os homens dizerem-se: "Você pensa assim porque é uma mulher". Mas eu sabia que minha única defesa era responder: "penso-o porque é verdadeiro", eliminando assim minha subjetividade. Não se tratava, em hipótese alguma, de replicar: "E você pensa o contrário porque é um homem", pois está subentendido que o fato de ser um homem não é uma singularidade; um homem está em seu direito sendo homem, é a mulher que está errada. Praticamente, assim como para os Antigos havia uma vertical absoluta em relação à qual se definia a oblíqua, há um tipo humano absoluto que é o masculino. (BEAUVOIR, 1970, p. 9-10).

Conforme a reflexão que a autora suscita, “ninguém nasce mulher, torna-se mulher”, defendendo a distinção entre sexo e gênero e desnaturalizando o ser mulher. O primeiro é um fator biológico, ligado a constituição físico-química do corpo humano (a mulher tem ovários e um útero, condicionando sua subjetividade e subordinação no decorrer dos séculos. Esta lógica considera o corpo da mulher como uma prisão), já o segundo é construído socialmente e, ao longo da história da humanidade, foram criados diferentes padrões de ação e comportamento de determinado gênero. Ser homem ou ser mulher não é um dado natural, mas algo performático e social. Assim, esse conceito foi de fundamental importância para que houvessem lutas feministas que visavam modificar a condição da mulher, tida como “*Outra*”, ou relações de contrastes ao patriarcado.

A invisibilidade das mulheres na História da humanidade serviu como motivação para autoras feministas contestarem o paradigma hegemônico até então relatado pelo homem branco, heterossexual e cristão. As historiadoras feministas mostram a importância de reconhecer a participação das mulheres no espaço público e político, bem como na contribuição da construção das sociedades, culturas e do cotidiano. Silvana Goellner (2007) adotou como objeto de investigação as mulheres, os esportes e suas historicidades, auxiliando a entender que as mulheres são inteiramente plurais e heterogêneas, bem como os modos possíveis de narrá-las.

“História das Mulheres” passa a se configurar como um campo de produção acadêmica e sua consolidação se dá, entre outros motivos, pela articulação que faz com outros campos temáticos, tais como os estudos sobre gênero, sexualidade e, sobretudo, com os aportes epistemológicos feministas. Essa ressalva deve ser mencionada visto ser o movimento feminista, desde a sua origem, aquele que mais reclamou às mulheres a sua condição de sujeito reivindicando a desnaturalização das essências do humano. (GOELLNER, 2007, p. 178).

A autora argumenta que, nos últimos anos, vem se consolidando, no âmbito acadêmico, estudos que se preocupam em trabalhar abordagens relacionadas ao gênero nos mais diversos campos sociais. Isso representa para o campo científico não apenas abordagens narrativas que colocam as mulheres como sujeitos da produção de conhecimento, mas também deslegitima conceitos essencialistas a respeito de gênero. Está sendo criada, a partir de agora, uma história das mulheres, sobre as mulheres e o mais importante: pelas mulheres. Vale destacar, inclusive que, para Goellner, tem se constituído a possibilidade de investigação de autores e autoras, no âmbito da Educação

Física e do Esporte, relatos e estudos historiográficos que possibilitam tornar visível trajetórias de mulheres que construíram e vem construindo a história do esporte no Brasil.

Contudo, para ocupar alguns espaços, como o esportivo, ainda são necessárias algumas estratégias. Esse processo está relacionado ao fato de ainda ser comum a visualização da presença de mulheres atreladas à características alusivas à assistência ou como oportunidade para “embelezar as arquibancadas” dos estádios brasileiros. Nesse ambiente predominantemente masculino, as mulheres aqui postas precisam encontrar alguns elementos de sinais que definirá nessa interação.

Trata-se, sobretudo, do que Erving Goffman (2002) denominou de comportamento de fachada, ou seja, um conjunto de equipamentos que auxiliam a definir uma situação de determinada maneira que é padronizada de modo inconsciente ou consciente, e se divide em duas partes: cenário e fachada pessoal. O cenário⁴³ tem relevância primordial para as interações sociais, pois, com a ocorrência de sua mudança, também se modificam o exercício dos papéis, de forma drástica, isto é, com a mudança de cenário muda-se também o exercício de papéis dos atores (p. 29).

Outro fator se dá também pela mudança da fachada pessoal, pelo fato de cada cenário precisar de uma fachada pessoal diferente da outra. É difícil se comportar de uma mesma forma constantemente, ocorrendo a ruptura pelo fato de os comportamentos esperados deixarem de ser previsíveis. Essas incompatibilidades são aprendidas no curso das interações, sendo fundamental para regular as interações sociais, por aumentar a possibilidade de previsão das ações do outro, ficando assim mais tranquilo o processo de interação se o indivíduo desempenhar o papel social esperado dele. É possível notar exceções, havendo cenários geograficamente móveis que acompanham os atores, portanto, não é a regra. Dessa forma, o cenário é mais determinante que a fachada pessoal. Elementos da fachada pessoal correspondem à aparência, na qual pretende-se mostrar uma definição de qual é o lugar do indivíduo dentro da estrutura social, referente à postura do indivíduo no curso das interações. Nota-se que a ocorrência de incompatibilidade entre maneira e aparência é um aspecto essencial para explicar os processos de interrupções de interações.

As estratégias adotadas pelos indivíduos são interpretáveis de forma generalizada. Os indivíduos buscam se colocar a um quadro mais geral que seja familiar

⁴³ Móvel, decoração e outros elementos que dão suporte para as ações dos atores.

a todo esse fator e vai gerar um conjunto de expectativas institucionalizadas, ou seja, com a apresentação da fachada de um indivíduo é possível antecipar seus comportamentos e ações, com isso, as interações fluem de forma razoavelmente previsível. Serve como Guia interpretativo nas interações entender como funcionam ou não os estereótipos nessa perspectiva. Nesse sentido, novas fachadas vão sendo extintas e, conseqüentemente, outras vão sendo criadas.

Para Goffman, é muito difícil improvisar no curso das interações, até mesmo nos novos papéis que estão sendo desempenhados, portanto, o mais comum é fazer adaptações e não começar do zero e, dessa forma, juntar partes de fachadas. Para o autor, a expectativa é imprevisível, sendo importante que o indivíduo tenha algum nível de certeza de determinada interação.

Outro ponto fundamental nos processos de interação social, de acordo com o autor, é a preocupação com o comportamento de dramaticidade de alguns elementos acentuados intencionalmente pelos indivíduos. Destaca-se também que durante todo momento de interação o comportamento de dramatização está sendo transmitido e, nesse sentido, a importância das interações estarão pautadas na aparência do indivíduo e não nas suas atribuições pessoais. Importar uma fachada, nesse contexto, levando em consideração se ela condensa valores socialmente valorizados pela coletividade.

Assim, homens e mulheres são socializados e tratados de diferentes formas pelos membros do próprio grupo, domesticando os comportamentos de gênero e engessando as formas de interação e papéis sociais a serem desempenhados, em que são necessárias as adoções de diferentes interpretações das fachadas conforme uma determinada situação. Fixam-se, então, máscaras ao próprio corpo da mulher através da socialização, pois, mesmo se esforçando em transmitir uma imagem intacta e perfeita, ainda sim permanece representando e não mostrando quem ela realmente é nas representações, trata-se do ela socializado.

Nesse sentido, a identidade feminina tradicionalmente esperada não cultua o seu desejo de querer uma bola no lugar de bonecas, por isso, tal esporte não condiz com o papel que está autorizado a desempenhar e, conseqüentemente, participar de sua vida política devido à maneira como o futebol é cultuado na sociedade, um esporte “dos homens e para os homens”, portanto, conduzido por homens, fazendo com que as mulheres que buscam reconhecimento nesse espaço enfrentem dificuldades ainda maiores. A esse respeito, Ludmila Mourão e Márcia Morel (2005) apontam que

(...) a construção cultural brasileira concebe o esporte, e especialmente o futebol, como um espaço de práticas sociais masculinas através da sua história. E o futebol como uma prática esportiva identitária da construção deste masculino terminou por concentrar uma resistência, ainda maior do que os outros esportes, à prática feminina. (p. 79).

Após a pertinente da reflexão apresentada por Goffman e análises dos materiais recolhidos durante o processo da pesquisa, é plausível afirmar que, para serem “aceitas” nesse espaço ainda com a forte presença masculina, as mulheres entrevistadas, de forma geral, aprendem a gostar de futebol se moldando à forma que o público masculino torce. Desta feita, as mulheres que chegam a cargos de liderança são silenciadas e levadas a acreditar que não pertencem aquele espaço. Uma integrante do Coletivo INTERfeminista pontua o seguinte:

Desde cedo as meninas são levadas a crer que esses espaços públicos não são para elas, desde os brinquedos. Desde a gestação que já se divide em rosa e ao azul, os brinquedinhos. Uma educação não sexista e voltada para a igualdade que estimule as mulheres a ocupar os espaços públicos, às ciências exatas, participação em olimpíadas científicas, enfim, várias questões, né? O empoderamento das mulheres e a liberdade, por exemplo, contra a violência e fazer com que elas se sintam partes potentes da construção da sociedade, eu acho, que parte também da economia e pela questão da autonomia financeira. Se tivermos uma cultura e educação que nos permita ver o quão longe a gente pode ir vai fazer que em todos os espaços a gente tenha mais mulheres. Inclusive no futebol. (Informações concedidas pela informante 3, através do questionário aplicado pela pesquisadora, 2020).

No Brasil a inserção das mulheres na prática do futebol passou por diversos percalços, pautados em um discurso com concepções normativas da feminilidade e ancorados na biologia do corpo e do sexo, visando impedir sua participação nesse esporte. É recorrente, inclusive, que se vincule a figura feminina a estigmas que reforçam os atributos físicos dos corpos da mulher-futebolista, como a beleza e a graciosidade. Essas características têm consequências nos dias atuais nesse ambiente, pois ainda é um empecilho para a sua prática e administração do futebol.

Diante disso, quando inseridas no ambiente futebolístico, exige-se maior esforço de adaptação por parte do público feminino, em contrapartida aos homens já inseridos nesse campo, pois, as mulheres que se dedicam a participar do esporte no Brasil carregam consigo diversos estigmas ainda não superados. Aproximando-se da temática da pesquisa, o papel que as mulheres acabam assumindo na interação passa a ter forte dependência da impressão que dirigentes, nesse caso, assimilam acerca deste público.

Assim, a partir do contato com figuras consideradas de destaque desse universo, são levadas, de forma consciente ou inconsciente, a desempenhar interações de natureza institucionalizada, ou seja, a execução de uma linha de comportamento mais ou menos esperada pelos demais indivíduos para ter aceitação nesse espaço.

As contribuições de Erving Goffman acerca do comportamento que denomina como de fachada nas interações sociais são interessantes de se observar também em uma perspectiva das mulheres que estão inseridas do ambiente do futebol. Todavia, para conseguir se inserir nos espaços políticos e de gestão do esporte, o caminho a ser percorrido ainda é longo, uma vez que no mercado de trabalho as relações de remuneração entre o sexo masculino e feminino são desiguais mesmo quando exercidas as mesmas funções, em outras palavras, mesmo nos dias de hoje, ainda é possível notar uma divisão sexual do trabalho.

A respeito da divisão sexual do trabalho, Helena Hirata e Danièle Kergoat (2007) afirmam que:

A divisão sexual do trabalho é a forma de divisão do trabalho social decorrente das relações sociais entre os sexos; mais do que isso, é um fator prioritário para a sobrevivência da relação social entre os sexos. Essa forma é modulada histórica e socialmente. Tem como características a designação prioritária dos homens à esfera produtiva e das mulheres à esfera reprodutiva e, simultaneamente, a apropriação pelos homens das funções com maior valor social adicionado (políticos, religiosos, militares etc.). (p. 599).

Em vista disso, ainda segundo as autoras, existem em nossa sociedade divisões entre trabalhos de homens e trabalhos de mulheres baseados em princípios hierárquicos que são amparados por todas as sociedades conhecidas com um projeto específico de legitimação: o princípio biológico do gênero.

3.3 As mulheres no futebol como gestoras

Investigar as mulheres como gestoras no futebol é observar mulheres em posições de decisão. No caso brasileiro, elas são sub-representadas nestas posições, o que não seria diferente no futebol. Toma-se como um exemplo a presença de mulheres na política brasileira, no que diz respeito aos cargos eletivos de ordem parlamentar.

Atualmente, elas correspondem, aproximadamente, a 52% dos votantes no país⁴⁴, contudo, esses números não são os mesmos nos espaços de poder da esfera pública. Conforme sinaliza a autora Vera Soares (2013), é no âmbito da sociedade civil que as mulheres têm maior participação política, como nos movimentos de mulheres, de combate ao racismo, de defesa dos direitos sexuais, de direitos humanos, ecológico, popular, comunitário e sindical. A participação política feminina se reduz consideravelmente quando se amplia para representações no âmbito do Estado (Legislativo, Executivo e Judiciário), além de enfrentarem muitos impedimentos no processo.

No Senado Federal e na Câmara dos Deputados a presença feminina ainda é tímida. De acordo com as análises feitas a partir da 51ª legislatura até a 56ª Legislatura, a presença das mulheres neste cenário era de aproximadamente 13% entre os anos de 1999-2003 e de aproximadamente 14% nos anos de 2019-2023.

Nos dias atuais, apenas uma das 27 unidades da Federação é governada por mulher. O Rio Grande do Norte elegeu, no ano de 2018, Fátima Bezerra, do PT, para representar o estado. Quanto às Assembleias Legislativas, no estado do Paraná, por exemplo, dos 54 deputados estaduais eleitos, apenas 5 são mulheres⁴⁵ não chegando a representar 9,25% do total.

Para simplificar a representação desse argumento, a tabela 1 diz mostra a participação das mulheres no Senado Federal do Brasil e a tabela 2 retrata o número de mulheres eleitas nas Legislaturas dos períodos de 1999 até o ano de 2023 na Câmara dos Deputados.

Tabela 1. Participação das Mulheres no Senado Federal do Brasil (1999-2023)

51º Legislatura (1999-2003)	52º Legislatura (2003-2007)	53º Legislatura (2007-2011)	54º Legislatura (2011-2015)	55º Legislatura (2015-2019)	56º Legislatura (2019-2023)
11 Mulheres Eleitas	11 Mulheres Eleitas	16 Mulheres Eleitas	15 Mulheres Eleitas	17 Mulheres Eleitas	12 Mulheres Eleitas
13,58%	13,58%	20%	18,51%	21,25%	14,81%

• **O SENADO FEDERAL É COMPOSTO POR 81 SENADORES**

⁴⁴ Informações retiradas do site: <http://www.tse.jus.br/eleitor/estatisticas-de-eleitorado/estatistica-do-eleitorado-por-sexo-e-faixa-etaria>. Acesso em: 22 de outubro de 2020.

⁴⁵ Cantora Mara Lima (PSC); Cristina Silvestri (CDN); Luciana Rafagnin (PT); Mabel Canto (PSC) e Maria Victória (PP), respectivamente.

Tabela 2. Participação das Mulheres na Câmara dos Deputados (1999-2023)

51° Legislatura (1999-2003)	52° Legislatura (2003-2007)	53° Legislatura (2007-2011)	54° Legislatura (2011-2015)	55° Legislatura (2015-2019)	56° Legislatura (2019-2023)
29 Mulheres Eleitas	43 Mulheres Eleitas	45 Mulheres Eleitas	45 Mulheres Eleitas	50 Mulheres Eleitas	71 Mulheres Eleitas
5,65%	8,38%	8,77%	8,77%	10%	13,84%

Fonte: Senado Federal e Câmara dos Deputados do Brasil. Tabelas desenvolvidas pela autora.

A Constituição Federal, promulgada no ano de 1988, estabelece no Capítulo I, Artigo 5º, que:

“Todos são iguais perante a lei sem distinção de qualquer natureza, garantindo-se aos brasileiros e estrangeiros residentes no País a inviolabilidade de direito à vida, à liberdade, à igualdade, à segurança e à propriedade”.

E, mais precisamente no inciso I do mesmo artigo, fica claro que: “Homens e mulheres são iguais em direitos e obrigações”. Referindo-se especificamente ao universo familiar, o artigo 226 § 5º estabelece que “os direitos e deveres referentes à sociedade conjugal são exercidos igualmente pelo homem e pela mulher”.

Com a Constituição Federal de 1988 observa-se a busca por uma sociedade mais igualitária, justa, menos discriminatória e combatível nos privilégios de gênero da população brasileira. Pela primeira vez no país se estabelece plena igualdade jurídica entre homens e mulheres, o que representa avanços significativos para as brasileiras. Também, constitui-se que é dever do Estado coibir a violência que ocorre no âmbito doméstico e familiar. Esse fator teve grande importância, pois contribuiu para a formulação da Lei Maria da Penha, aprovada em 2006.

Tendo em vista a atual Constituição que rege o país, no ano de 2002, foi sancionado o Novo Código Civil Brasileiro, contando com reformulações significativas relacionadas ao Código Civil de 1916. O tratamento legal direcionado a homens e a mulheres os atingem da mesma maneira. A partir desse momento, delega-se também às mulheres a colaboração nas responsabilidades como a criação dos filhos, saúde, educação, guarda, dentre outros fatores, ou seja, a colaboração no casamento deve se dar de forma mútua. Está no Artigo 1.511 do Código que “O casamento estabelece comunhão plena de vida, com base na igualdade de direitos e deveres dos cônjuges”. No

Artigo 1.565 “Pelo casamento, homem e mulher assumem mutuamente a condição de consortes, companheiros e responsáveis pelos encargos da família”.

Segundo Sônia Maria Aparecida de Souza Naufal (2008), o Novo Código Civil é, de certa maneira, reflexo das transformações pelas quais passou a sociedade brasileira. Contudo, ainda é possível encontrar a figura masculina e o conservadorismo no âmbito das leis brasileiras.

Apesar do avanço jurídico no texto constitucional e no Novo Código Civil, bem como as conquistas dos direitos políticos e o número de votantes reproduzir pouco mais de 52% de mulheres, a tomada de decisões do país ainda é predominantemente representada por homens. Esses números se refletem no cenário internacional. Em dezembro de 2017, o Brasil ocupava a 152^a posição entre os 190 países que informaram à Inter-Parliamentary Union - IPU⁴⁶ o percentual de cadeiras em suas câmaras de deputados ou parlamento unicameral ocupadas por mulheres em exercício, com 10,5%, sendo o pior resultado entre os países sul-americanos. No mundo, as mulheres ocupavam 23,6% dos assentos nas câmaras baixas ou parlamentos unicamerais. (Estatísticas de Gênero: Indicadores sociais das mulheres no Brasil, 2018).

O final do século XX foi marcado por conquistas importantes no espaço público para as mulheres, como o direito ao voto na maioria dos países ao redor do mundo, a inserção no mercado de trabalho e a possibilidade de serem votadas por. No Brasil, a primeira (e única) mulher eleita para o cargo na Presidência da República, no ano de 2010, não conseguiu concluir o mandato. Dilma Vana Rousseff foi destituída do cargo em agosto de 2016 após processo de *impeachment* aberto a partir de pedido protocolado junto à Câmara dos Deputados por Miguel Reale Júnior, Janaína Conceição Paschoal e Hélio Bicudo, em 02 de dezembro de 2015, que se baseou na denúncia de ilegalidade cometida na edição de decretos relativos a créditos suplementares.

Uma das configurações que representam a desigualdade de gênero está pautada na supremacia do público masculino nos espaços político-institucional, pelo que a filósofa política Carole Pateman chama de *contrato sexual* e caracterizado pela ideologia do patriarcado.

⁴⁶ Organização global composta por 178 parlamentos nacionais membros efetivos e 12 membros associados, cujos trabalhos são observados por 70 organizações internacionais, dentre elas as Nações Unidas, a Organização Internacional do Trabalho – OIT, International Labour Organization – ILO e o Banco Mundial.

A história do contrato sexual também trata da gênese do direito político enquanto *direito patriarcal* ou instância do sexual – o poder que os homens exercem sobre as mulheres (...). A nova sociedade civil criada através do contrato original é uma ordem social patriarcal (...) A dominação dos homens sobre as mulheres e o direito masculino de acesso sexual regular a elas estão em questão na formulação do pacto original. O contrato social é uma história da liberdade; o contrato sexual é uma história da sujeição. O contrato original cria ambas, a liberdade e a dominação. (PATEMAN, 1993, p. 16).

Segundo Pateman (1992), é através da participação que os indivíduos se tornam capacitados para a democracia, fornecendo os valores e o desenvolvimento subjetivos (cognitivo, humano) de que precisam para viver em um regime democrático, uma vez que terá um efeito acumulativo, pois quanto mais o indivíduo/a participa da política, mais capacidade irá ter para exercê-la. Se as estruturas de autoridade nas instituições (família, escola, igreja) não permitirem às cidadãs participarem, sendo, dessa forma, autoritárias, hierárquicas e centralizadoras, de fato não irá gerar interesse sobre política. A autora defende que é necessário democratizar as relações para o indivíduo se habilitar e se interessar por política.

Carole Pateman não fala apenas de um governo participativo, vai além, fala de uma sociedade participativa e democrática. Não é possível definir o indivíduo isoladamente das suas instituições, nem as instituições dos seus indivíduos, pois há constante relação entre eles. A participação, de acordo com a autora, promove as habilidades que a democracia precisa para se manter. É preciso que a política democrática se amplie para além do sistema político e chegue a todas as estruturas de autoridade existentes na sociedade.

Participar se aprende participando e votar se aprende votando. A participação ganha um caráter educativo, pois quando o indivíduo é estimulado a votar e a participar ele entenderá e conhecerá o mundo que o cerca de forma mais ampla e desenvolverá sentimento de eficácia política.

É a partir da oposição entre Estado e Família que se fundamenta toda a estrutura social de gênero, excluindo a instituição familiar das discussões políticas e enquadrando, por séculos, os papéis em que homens e mulheres deviam ocupar no âmbito privado e público. Numa sociedade onde há desigualdade sexual, o esporte, por muitos anos, foi considerado um ambiente predominantemente masculino, assim como o futebol, excluindo as mulheres não apenas da prática esportiva, mas também de seu espaço político, ou seja, na ocupação de cargos decisórios. Atualmente, ainda é possível

encontrar ressalvas com a presença feminina no âmbito esportivo, mas que servem como motivação para uma organização cada vez maior por parte das mulheres em ocupar os Conselhos Deliberativos de uma agremiação esportiva. Em alguns clubes, inclusive, o número de mulheres aptas a votar e serem votadas não para de crescer.

O Coletivo INTERfeminista surgiu através de debates das torcedoras do Sport Club Internacional com o intuito de compreender melhor a forma como o clube enxerga a participação das mulheres na política e na arquibancada. Faz parte de um fenômeno que cresceu consideravelmente no futebol, a partir do surgimento de Coletivos e Movimentos políticos de mulheres que lutam pelo direito de torcer e de serem respeitadas nesse contexto. Relacionado com a pauta da representação das mulheres na política esportiva, o Coletivo INTERfeminista procura debater sobre essa questão desde o início da sua formação, possuindo uma característica bastante específica quanto aos demais Movimentos de mulheres presentes no futebol brasileiro.

Dentre as conquistas do Coletivo INTERfeminista é possível classificar questões como: a representatividade das sócias torcedoras do clube através dos órgãos oficiais (dirigentes e mídias sociais), representando uma luta enfrentada pelo Coletivo para que não apenas o público masculino estivesse incluído nesse ambiente. Outra questão muito cara para o grupo tem relação com a importância de as sócias estarem representadas nas instâncias de tomadas de decisões do clube, ocupando espaços no Conselho Deliberativo e como gestoras. Observou-se que a representatividade feminina no âmbito político do Internacional aumentou de forma significativa desde o ano de 2016; primeiro por estar ligada com a atuação pessoal de algumas integrantes do grupo que efetuam um trabalho de estímulo para que outras mulheres se inserissem nesse espaço e, segundo, porque esse fato ocorreu por uma via bastante específica: foi pelo movimento social e político “O Povo do Clube” que muitas mulheres se elegeram como conselheiras.

A partir dessas questões, é possível observar que as torcedoras estão lutando frequentemente para ocupar o espaço nas arquibancadas e também na política futebolística. Discursos pautados na biologia dos sexos, na medicina e no controle social sobre os corpos das mulheres ganharam força no Brasil. Reflexos dos impedimentos sofridos ao longo do século XX pelo público feminino no esporte, tanto em sua prática, como em outros âmbitos, são encontrados até os dias atuais.

Com o intuito de contribuir com a temática das mulheres na gestão e política do futebol brasileiro, realizaram-se pesquisas que buscavam trazer resultados de trabalhos

que contribuíssem com a discussão. A esse respeito, é possível afirmar que os trabalhos que se preocupam em conversar sobre a temática da Gestão e da estrutura organizacional dos clubes de futebol no Brasil são recorrentes nas mais diversas áreas do conhecimento: Direito, Jornalismo, Administração e Ciências Sociais. No que tange aos diálogos sobre as mulheres gestoras nesse espaço, observou-se um número significativo, apesar de ainda muito baixos.

Relacionado ao debate sobre as questões de gênero no ambiente do futebol, a temática é retratada de forma mais recorrente nas produções científicas. A bibliografia aponta que a desigualdade de gênero se estende, quando se trata de mulheres no futebol como gestoras, atletas e técnicas. Conforme levantamento de 259 federações esportivas brasileiras de vinte e duas modalidades no estudo “O percurso de mulheres como técnicas esportivas no Brasil”, Heidi Jancer Ferreira (2012) chegou a conclusão de que apenas 7% dos técnicos esportivos eram mulheres nesse período. No que se refere ao futebol, Monteiro, Soares e Mourão (2015) demonstram uma sub-representação de mulheres como árbitras (15%), no quadro da CBF em 2014. Um maior número de árbitras na região Nordeste (27,02%), com idade na média de 33 anos e profissionais de Educação Física (27,63%).

Realizou-se pesquisa nos meios digitais de todas as 27 federações nacionais de futebol do país e houve dificuldade em encontrar dados consistentes acerca da participação feminina nesse espaço, chegando ao resultado de que apenas a Federação Paraibana de Futebol conta atualmente com uma mulher no comando da entidade, sendo apenas a segunda mulher a ocupar o cargo de presidente do time. Destaca-se também que a Federação Paraibana de Futebol é a única Federação do país que conta com mulheres na diretoria da entidade ocupando cargos como a Diretoria Jurídica e o Departamento de Competições Feminino⁴⁷. É importante mencionar que a CBF (Confederação Brasileira de Futebol) entidade máxima do futebol brasileiro, em 105 anos de história nunca contou com uma mulher no cargo de presidente.

Com relação à CBF, é importante destacar que em setembro de 2017, Emily Lima foi a primeira mulher a comandar a seleção brasileira feminina após 30 anos de hegemonia masculina, sendo desligada do seu cargo de treinadora 10 meses após sua contratação. A CBF sinalizou apenas que o resultado havia sido o motivo, mesmo não ficando claro o que ocorreu. Esse acontecimento simbolizou um importante avanço para

⁴⁷ Raquel Oliveira, é Diretora Jurídica da entidade e Thalyta Gomes comanda o Departamento de Competições Feminino, respectivamente.

a modalidade no país e trouxe uma concepção diferente de pensar o futebol. Porém, após sua demissão, Oswaldo Alvarez, o Vadão, voltou ao posto que já havia ocupado, e mesmo com resultados questionáveis antes do início da Copa do Mundo Feminina na França, em 2019, permaneceu no cargo.

Em consequência disto, uma carta aberta assinada por oito ex-futebolistas com passagem pela Seleção Brasileira Feminina foi divulgada nas mídias sociais das atletas. Marcia Tafarel, Sisleide Lima do Amor (Sissi), Juliana Ribeiro Cabral, Miraildes Maciel Mota (Formiga), Cristiane Rozeira, Francielle Manoel Alberto (Fran), Rosana dos Santos Augusto, Andréia Rosa de Andrade. Na carta enviada à FIFA (Federação Internacional de Futebol) as jogadoras denunciaram o desrespeito e a falta de apoio destinados à categoria no país, além da inexistência de mulheres em cargos diretivos dentro da entidade:

A falta de mulheres em papéis de liderança na CBF; a ausência de qualquer estrutura dentro da CBF que permita que mulheres façam parte da gerência e da administração do futebol; e a ausência de voz daquelas que vivenciaram o futebol feminino, em decisões sobre o futebol feminino.⁴⁸

Na carta também é mencionada a mudança do Estatuto da FIFA, em março de 2016, em que, pela primeira vez, a palavra “gênero” apareceu dentre suas propostas. O Artigo IV “Confederações”, item “j” que diz respeito à igualdade de gênero, proíbe qualquer ação de discriminação por questões étnicas, sociais, religiosas, pela idade ou até mesmo de outros fatores.

Contudo, após a eliminação da seleção feminina nas oitavas de final pela anfitriã, a França, na Copa do Mundo de 2019, Oswaldo Alvarez foi demitido do cargo de técnico. A Confederação Brasileira de Futebol contratou para o seu lugar a sueca Pia Sundhage, segunda mulher a comandar o futebol feminino do Brasil. O contrato tem duração de dois anos.

No que se refere à gestão da modalidade no país é importante destacar o trabalho realizado desde 2016 pela ex-zagueira da seleção brasileira Aline Pellegrino à frente da diretoria de Futebol Feminino na Federação Paulista de Futebol. O trabalho de fortalecimento das equipes desenvolvido durante sua gestão auxiliou nas conquistas que a modalidade feminina obteve no período em que Pellegrino ocupou o cargo, passando

⁴⁸ O documento na íntegra, em inglês, pode ser acessado em: <https://drive.google.com/file/d/0B9AHTorEckEnOFpWYXQ0YUN0RWM/view>.

pelo crescimento na estrutura e na visibilidade do futebol feminino do estado de São Paulo. O crescimento da modalidade passou por algumas ações importantes. Em junho de 2019, a Federação Paulista de Futebol realizou uma peneira de futebol feminino que recebeu cerca de 300 atletas de todo o Brasil e até mesmo de outros países. Em novembro do mesmo ano, a final do campeonato paulista bateu o recorde nacional de público no futebol feminino⁴⁹. Com um bom planejamento, foi possível realizar um trabalho que revolucionou o futebol feminino no Brasil.

A gestão de Aline Pellegrino na Federação Paulista de Futebol representou uma evolução tão grande para a modalidade como um todo, que no início de setembro de 2020 a CBF anunciou sua chegada à entidade. Ela ficará à frente da Coordenação de Competições Femininas, uma nova pasta criada por Rogério Caboclo, presidente da entidade, e Duda Luizelli assumirá a Coordenação da Seleção Brasileira Feminina, o que representa o comprometimento inédito de desenvolver o futebol feminino no Brasil. Atualmente, nenhum dos 20 clubes que disputam a Série A do Campeonato Brasileiro de Futebol da modalidade masculina conta com uma técnica em seu quadro.

Com isso em mente, foi feito levantamento dos 20 clubes para realizar uma análise da presença feminina em suas comissões técnicas e, em média, é possível encontrá-las nas seguintes funções: Departamento Médico - Performance e Saúde (Nutricionismo, Medicina, Fisioterapia, Psicologia, Psicopedagogia e Psicologia), Departamento de Futebol e Apoio (Serviço Social), e Assessoria de Imprensa.

Nos clubes de futebol brasileiros que disputam as séries A, B, C e D, a situação é ainda pior. Dos 128 clubes que disputam as quatro divisões nacionais apenas seis mulheres ocupam cargos com poder de decisão. O Brasiliense, conta com Luiza Estevão como vice-presidente e diretora de futebol do clube, desde 2017. O Atlético Cearense, que joga a quarta divisão nacional, conta com Maria José Vieira como presidente desde 2018. No Figueirense, que disputa a Série B do Campeonato Brasileiro, tem, dentre os cinco membros da atual diretoria do clube, Vera Lúcia Rodrigues (1ª vice-presidente) e Consuelo Haviaras (secretária-geral) compõe a mesa do Conselho.

No Brasil, o Esporte Clube Encantado de Novo Hamburgo-RS foi o primeiro clube de futebol a contar com uma mulher na presidência. A professora Jurema Bagatini Ramos assumiu o cargo em 16 de agosto de 1971, um período de proibições quanto à prática do futebol pelas mulheres assegurada pelo Conselho Nacional de Desportos no

⁴⁹ Informações retiradas do site: <https://jogamiga.com.br/aline-pellegrino-faz-um-balanco-da-sua-gestao-na-federacao-paulista/>. Acesso em: 29 de dezembro de 2020.

Artigo 54 do Decreto-Lei nº 3.199, de 14 de abril de 1941, todavia, até o momento não havia restrições para a ocupação de cargos como dirigentes. Foi então que em 16 de agosto de 1971, elegeu-se uma diretoria feminina que ocupou os principais cargos (presidente, vice-presidente, secretárias, comissões e departamentos) do Encantado. A diretoria feminina esteve à frente do clube até 1972, em fevereiro do mesmo ano consagrou-se campeão na Categoria de Profissionais da Primeira Divisão do Campeonato Gaúcho de Futebol⁵⁰.

Entre os clubes que estão na elite do futebol brasileiro, Marlene Matheus foi presidente do Sport Club Corinthians Paulista entre 1991 e 1993. Sonia Andrade, atual vice-presidente do Vasco da Gama, tornou-se pioneira ao ocupar o cargo no clube. Outra pioneira, e provavelmente o caso mais conhecido, é Patrícia Amorim, presidente do Flamengo entre 2010 e 2012. Já o Palmeiras, conta com 7 mulheres no Conselho Deliberativo (2,47% do total), dentre 283 conselheiros. Porém, um importante nome se destaca nas tomadas de decisões do clube, Leila Pereira, presidente da Crefisa/FAM, principal patrocinadora do Palmeiras e sua conselheira mais influente é um forte nome cotado para assumir a presidência da agremiação nos próximos anos.

No Grêmio Foot-Ball Porto Alegrense o número também corresponde a 7 conselheiras, dentre 371 (1,89% do total). No Sport Club do Recife, Luana Moreno é a administradora do clube desde 2018 e cuida dos contratos de atletas, patrocinadores e fornecedores de material esportivo, respondendo também pela logística do Sport e faz contato com federações e confederações.

Segundo pesquisa⁵¹ recente feita pelos jornalistas Gabriela Moreira, Gabriela Rossi e Rodrigo Cerqueira do portal de notícias esportivas Globo Esporte, clubes como: Atlético-GO, São Paulo, Vasco e Sport tem a pior representatividade em seus Conselhos Deliberativos. Juntos, esses clubes possuem exatos 1% de representatividade feminina em sua instância de poder máxima. A pesquisa foi predominantemente com clubes que disputam a Série A do Campeonato Brasileiro 2020.

No caso do Sport Club Internacional, a pesquisa demonstra que o Internacional é o clube da Série A com mais mulheres no Conselho Deliberativo. Em 2020, dos 346

⁵⁰ Informações retiradas do site: <https://timesdors.blogspot.com/2014/09/memoria-timesdors-historia-do-encantado.html>. Acesso em: 09 de janeiro de 2021.

⁵¹ Sobre a reportagem publicada pelos citados jornalistas no dia 05/03/2020, o Atlético-GO não conta com nenhuma mulher em sua instância política. Já o São Paulo conta com apenas duas mulheres em seu Conselho Deliberativo, dentre 227 conselheiros. O Vasco conta com três mulheres, dentre 300 conselheiros, e o Sport com duas mulheres, dentre 200 conselheiros. Acesso: <https://globoesporte.globo.com/blogs/blog-da-gabriela-moreira/post/2020/03/05/mulheres-sao- apenas-36percent-dos-conselhos-deliberativos-dos-clubes-da-serie-a.ghtml>. Acesso em: 06 de março de 2020.

integrantes, 31 são mulheres, representando 8,9% do total. Acerca de comparação, nas eleições realizadas em dezembro de 2020, de 341 cadeiras, o Conselho Deliberativo do clube passou a contar com 37 conselheiras eleitas. Esse número representa 10,8% do total e um crescimento de aproximadamente 1,9%. Esse aumento significativo que ocorreu no Conselho Deliberativo do Internacional no decorrer das últimas eleições tem relação direta com a força que o movimento “O Povo do Clube” conquistou junto à torcida, indo de encontro ao interesse das coloradas(os) em participar mais ativamente da vida política do Sport Club Internacional.

Em vista disso, para melhor visualização acerca dos dados disponibilizados, a tabela 3 retrata o percentual de participação das mulheres nos Conselhos Deliberativos dos 20 clubes que disputaram a série A do Campeonato Brasileiro de Futebol na temporada de 2020.

Tabela 3. Percentual de mulheres nos Conselhos Deliberativos de clubes da série A do Campeonato Brasileiro de Futebol temporada 2020

Clube	Total de Vagas	Assentos ocupados por mulheres	Percentual de mulheres nos Conselhos Deliberativos
Atlético Clube Goianiense	28	0	0,00%
Botafogo Futebol e Regatas	206	10	4,85%
Club Athletico Paranaense	166	9	5,42%
Club de Regatas Vasco da Gama	300	3	1%
Clube Atlético Mineiro	371	14	3,77%
Clube de Regatas do Flamengo	2.560	109	4,26%
Ceará Sporting Club	288	12	4,17%
Coritiba Foot Ball Club	239	3	1,26%
Esporte Clube Bahia	100	4	4,00%
Fluminense Football Club	249	16	6,43%
Fortaleza Esporte Clube	310	5	1,61%

Goiás Esporte Clube ⁵²	-	-	-
Grêmio Foot-Ball Porto Alegrense	371	7	1,89%
Red Bull Bragantino ⁵³	-	-	-
Santos Futebol Clube	296	6	2,03%
São Paulo Futebol Clube	227	2	0,88%
Sociedade Esportiva Palmeiras	283	7	2,47%
Sport Club Corinthians Paulista	333	14	4,20%
Sport Club Internacional	346	31	8,96%
Sport Club do Recife	200	2	1%

Fonte: Sites oficiais dos respectivos clubes e a pesquisa dos jornalistas Gabriela Moreira, Gabriela Rossi e Rodrigo Cerqueira: *“Mulheres são apenas 3,6% dos conselhos deliberativos dos clubes da série A”*.

Conforme análises das informações obtidas por meio das conselheiras entrevistadas, nota-se que, de fato, ocorreu a preocupação de abertura das portas para candidaturas femininas nas últimas eleições, e que o principal responsável é o movimento social e político “O Povo do Clube. Dessa forma, ganhou notoriedade por parte das torcedoras, passando então a haver uma maior preocupação para a representação desse grupo para o Conselho Deliberativo do Internacional. Importante destacar que até mesmo pelo Movimento Inter Grande, da situação, e aos futuros candidatos que pleiteariam à presidência do clube. A preocupação por uma representação efetiva das torcedoras dentro da vida política do clube agora é realidade.

Assim, nota-se que as transformações ocorrem de forma gradativa e também levam certo tempo para acontecerem e se desenvolverem, contudo, devido à importância do futebol para o país, não é exagero apontar que esse esporte pode vir a ser o palco principal que possibilite as mudanças culturais da sociedade brasileira e, em vista disto, comecem a ganhar forma e finalmente se desenvolver.

⁵² Não se obteve os dados do Conselho Deliberativo do Goiás Esporte Clube.

⁵³ O Red Bull Bragantino é um clube de futebol que não possui estrutura associativa. Se caracteriza como estrutura empresarial e dessa forma não tem Conselho Deliberativo.

Em relação à esfera esportiva, Ludmila Mourão (2000) apresenta que, apesar da notável presença das mulheres brasileiras no mercado de trabalho, a realidade é muito diferente quando se fala da gestão do esporte. Segundo a autora, além de pequena, ocorreu pelas vias de conciliação, sem lutas e embates consideráveis. A intenção da inserção das mulheres nesse ambiente aconteceu de forma a se adequar ao que já era instituído.

Não houve, na história da emancipação esportiva da mulher brasileira, confrontos, lutas por espaço, e sim um processo lento de infiltração, que se consolida na prática e no exercício da interação, frequentemente com apoio velado ou aberto dos homens mais esclarecidos da sociedade, mas com um controle normativo que insere a mulher nesta prática sem possibilitar-lhe uma emancipação para a prática de atividades físico-desportivas. (MOURÃO, 2000, p. 8).

Dessa maneira, como já é amplamente conhecida a predominância masculina em cargos decisórios no ambiente esportivo, torna-se importante assinalar que nos dias atuais é possível considerar que ocorreram alguns avanços consideráveis quanto à presença feminina na gestão de diferentes funções em organizações do esporte brasileiro, ainda que de forma lenta e gradual e em “esportes femininos”, como a ginástica, por exemplo.

Conforme a fala de Najla Diniz, integrante do Coletivo INTERfeminista, o público feminino é um público diferenciado e, por esse motivo, é necessário que se tenha uma forma diferenciada de olhar quando o trabalho se relaciona com questões que dizem respeito a esse grupo em específico, para que se contemplem as demandas nas mais diversas áreas do esporte. Em decorrência disso, ainda parafraseando a informante, para que haja êxito nas solicitações que são atendidas, se torna de fundamental importância que as mulheres ocupem os espaços junto ao Conselho Deliberativo, direções e demais cargos de liderança nos clubes de futebol do Brasil.

Essa importância, como mencionado pelas integrantes do Coletivo INTERfeminista, diz respeito, principalmente, a relevância de ser atendida por uma igual, e ao lugar de fala das mulheres. Parte-se do seguinte pressuposto: o aumento significativo de mulheres no Conselho Deliberativo da agremiação nos últimos anos, em que se observa um interesse significativamente maior pelo que ocorre na política do Sport Club Internacional partindo das torcedoras, sócias ou não, está intrinsecamente ligado à representatividade no atual contexto político do clube. Assim, deve ser levado em consideração que as mulheres entendem umas às outras.

Seguindo essa perspectiva, o coletivo INTERfeminista vê as mulheres como capazes de ocuparem esses espaços predominantemente masculinos, e essa ocupação é necessária, visto que a participação igualitária é muito importante para o avanço das mulheres em todos os âmbitos na sociedade, inclusive na esfera esportiva. Na fala das informantes, nota-se que o assunto precisa ser tratado com consciência e seriedade, pois colocar uma mulher em situação de visibilidade na política esportiva (principalmente em cargos administrativos visíveis na mídia) escancara para a sociedade o machismo presente no futebol.

Observou-se ainda que, conforme o ponto de vista das informantes, é fundamental que os clubes tenham um grau elevado de compreensão do que esse fato representa, principalmente para que o posicionamento ocorra em defesa das mulheres e de sua capacidade para exercer cargos, seja por meio de cotas, seja de outra forma. Em vista disso, quando se fala em mulheres na política esportiva, o assunto se estende de modo complexo, considerando o fato de que, para que isso aconteça, é necessária a realização de um trabalho conjunto com dirigentes de clubes de futebol do país, federações e demais formas de poder que possam estar ligadas ao esporte.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho buscou debater a participação feminina na política esportiva. O recorte metodológico pautou-se em um grupo de torcedoras do Sport Club Internacional, o Coletivo INTERfeminista. Houve a preocupação de responder algumas perguntas que se relacionavam à história do clube e, dessa forma, problematizar a mensagem que ganhou força nas últimas décadas, a partir do *slogan* “O Clube do Povo”, que busca forjar a narrativa de um espaço esportivo sem quaisquer discriminações e aberto a todas as pessoas.

Com isso em mente, surgiu a indagação do papel das mulheres na história do clube, no entanto, não foram encontrados registros de mulheres que participaram efetivamente da fundação do Internacional, ou mesmo menções sobre elas nos anos iniciais do clube. As atividades femininas estavam relacionadas principalmente a torcida nas arquibancadas e como organizadoras de eventos pós-partidas. O primeiro registro da participação das mulheres no clube encontrado tem data de quase uma década após a sua fundação, em 2 de abril de 1918, e diz respeito a primeira sócia, Maria Von Ockel. Quanto ao Conselho Deliberativo, a primeira mulher eleita como conselheira foi Jessy Bellomo Mancuso, em 1984. Nota-se, portanto, que a participação das mulheres no Internacional ocorreu de forma tardia.

Com a história do clube retratada, é possível discutir algumas questões atuais que foram observadas. As torcedoras do clube não se sentiam representadas no Conselho Deliberativo e, a partir do ano de 2016, se organizaram para buscar maior representatividade na política da agremiação. Dessa maneira, o Coletivo INTERfeminista foi formado com o intuito de chamar a atenção para o descaso da diretoria com as torcedoras, no mesmo ano em que o clube passou por períodos conturbados dentro e fora das quatro linhas.

O marco inicial pontuado pelas integrantes do Coletivo que foram entrevistadas ocorreu após episódios de machismo por parte da imprensa gaúcha e também por um jogador do Internacional. Indignadas, as torcedoras iniciaram mobilizações por meio de cartas de repúdio publicadas em suas mídias sociais pessoais e de conhecidos, tornando-se viral em pouco tempo. Após esse episódio, ocorreu a formação oficial do Coletivo, momento no qual as torcedoras escreveram uma carta que foi entregue aos candidatos à presidência do clube daquele período (Marcelo Medeiros e Pedro Affatato), propondo

um debate a respeito da participação feminina no clube, que compõe aproximadamente 23% de seu quadro social.

Uma das propostas atendidas diz respeito à reativação do futebol feminino no clube, questão grande importância para o Coletivo INTERfeminista. Com relação isso, as pesquisas mostraram uma falta de atenção por parte do clube ao futebol de mulheres, uma vez que a reativação da modalidade só ocorreu devido à obrigatoriedade das Federações de Futebol Sul-Americana (CONMEBOL) e Brasileira (CBF), que passou a valer para o Campeonato Brasileiro da Série A do ano de 2019. Este não é um caso isolado, visto que todos os clubes do país se viram obrigados a ter um departamento de futebol feminino sem a devida preparação e investimentos necessários, caso quisessem participar das competições organizadas pelas duas entidades.

Para a presente pesquisa, contatou-se cinco integrantes, sendo que três das atuais conselheiras fizeram parte do Coletivo. O Coletivo INTERfeminista, desde a sua formação, está preocupado com questões relacionadas ao lugar da mulher no clube e no futebol, com o público LGBTQIA+ e com torcedoras negras, além do intuito de levar ao Conselho Deliberativo maior representatividade, mostrando que essa estrutura ainda tradicional e hierárquica precisa ser disputada.

Durante a execução da pesquisa notou-se um fenômeno relativamente novo, mas que ganhou força nos últimos anos no futebol brasileiro: a criação de Coletivos e Movimentos políticos de torcedoras de vários clubes de futebol do país. Devido à grande quantidade de grupos, optou-se por estudar um pouco mais a fundo sete Movimentos políticos: o Movimento Coralinas, Grupa, Gurias do Couto, Atleticanissimas, VerDonnas, Toda Poderosa Corinthiana e Empoderazul. As pesquisas revelaram que a criação de Coletivos e Movimentos de torcedoras dos mais diversos cantos do Brasil ocorreu a partir do ano de 2016, contudo, algumas diferenças precisam ser destacadas. Dentre os Coletivos e Movimentos políticos de torcedoras analisados, o Coletivo INTERfeminista é o único Coletivo cujas integrantes conseguiram acessar o Conselho Deliberativo. Nesse sentido, três torcedoras que compuseram o Coletivo INTERfeminista foram eleitas para ocuparem os cargos de conselheiras no ano de 2016, através do movimento social e político “O Povo do Clube”.

As questões que cada grupo se preocupa em debater também se diferenciam. No que diz respeito à participação das mulheres nos Conselhos Deliberativos dos times de futebol, essa questão, de forma geral, foi se desenvolvendo conforme os Movimentos se

organizavam, diferentemente do Coletivo INTERfeminista, que buscava dialogar sobre o assunto desde a sua formação.

Atualmente, o Sport Club Internacional é o clube da Série A do Campeonato Brasileiro com mais conselheiras; dos 346 participantes, 31 são mulheres, representando 8,9% do total. Este número ainda está longe do ideal, mas foi possível afirmar, a partir das entrevistas com as integrantes do Coletivo INTERfeminista, que esse número representa uma significativa mudança, ao levar em consideração a representação feminina no Conselho no ano de formação do grupo. O intuito nessa pesquisa foi estudar como ocorreu a inserção dessas mulheres na vida política do clube, e observou-se que o movimento social e político “O Povo do Clube” representou um avanço considerável no número de conselheiras eleitas para o Conselho Deliberativo do Sport Club Internacional a partir do ano de 2016.

Para concluir, este estudo se preocupou em trazer novas discussões a fim de contribuir com o diálogo sobre a representação das mulheres nos Conselhos Deliberativos e em cargos de gestão do futebol, com base no argumento correspondente a aproximação desse esporte com a sociedade na qual vivemos. Procurou-se desenvolver uma pesquisa pautada na análise sobre o Coletivo de mulheres que, desde a sua formação, visava subverter a ordem e participar da vida política do Sport Club Internacional. Nesse esporte tão importante para a cultura da América do Sul e, mais especificamente a brasileira, é possível observar que as relações sociais presentes na sociedade podem até mesmo se intensificar. Assuntos como o machismo, o racismo e a homofobia devem ser discutidos para que as mudanças se iniciem.

5. REFERÊNCIAS

Fontes

Biblioteca Nacional – Hemeroteca Digital Brasileira.

Centro de Pesquisa Histórica de Porto Alegre.

- RIOS, Renata Lerina Ferreira. **Memória dos Bairros, 15 – Cristal**. Porto Alegre. Prefeitura Municipal. Secretaria Municipal de Cultura. Porto Alegre: Unidade Editorial da Secretaria de Municipal da Cultura. 2003. Disponível em: <https://cphpoa.wordpress.com/2015/02/23/cristal/>.

- ÁVILA, Fátima (coorderandora), Araújo Jeferson Rasquim... (et al.) **Memória dos Bairros, 17 – Vilas da Grande Cruzeiro**. Porto Alegre: Unidade Editorial/SMC. 2006. Disponível em: <https://cphpoa.wordpress.com/2015/03/31/vilas-da-grande-cruzeiro-santa-tereza/>.

Fundação de Educação e Cultura do Sport Club Internacional - Biblioteca Zeferino Brazil.

Revistas

Grandes Clubes Brasileiros, n° 5, 1971.

Revista do Inter, n° 38, 04/2009.

Jornais

A Copa segundo Henfil, **O Pasquim**, 11 de junho de 1970, p. 11.

WOLFF, Fausto. Sinto muito mas vou torcer contra! **O Pasquim**, Rio de Janeiro, 10 jun. 1982, p. 7.

Periódicos citados

A Federação. Ano XXVI, n. 79, p. 2. Porto Alegre, 3 de abril de 1909. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=388653&PagFis=21404>.

Bibliografia

ALMEIDA, Carla Cecilia Rodrigues. Participação e representação política no debate feminista. **Revista Espaço Acadêmico (UEM)**, v. 13, p. 01-12, 2013.

BANDEIRA, Gustavo Andrada. "**Eu canto, bebo e brigo... alegria do meu coração:**" currículo de masculinidades nos estádios de futebol. – Porto Alegre, 2009. 128 f. Dissertação (mestrado) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Programa de Pós-Graduação em Educação, 2009, Porto Alegre, BR-RS.

BEAUVOIR, Simone de. **O segundo sexo: fatos e mitos.** 4ª edição. Tradução de Tradução de Sérgio Milliet. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1970.

BRASIL, **Constituição da República Federativa do Brasil de 1988.** Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm. Acesso em: 27 de fevereiro de 2020.

BRASIL, **Código Civil Brasileiro de 2002.** Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2002/110406.htm. Acesso em: 04 de março de 2020.

CONMEBOL, **Regulamento de licença de Clubes.** Lima - Peru. Capítulo IV, nº D. 04: Descrição "Equipe Feminina". 2016. p. 40.

COSTA, Leda Maria. O que é uma torcedora? Notas sobre a representação e auto-representação do público feminino de futebol. **Revista Esporte e Sociedade**, ano 2, número 4, nov. 2006/fev. 2007.

DAMATTA, Roberto. **Universo do Futebol: Esporte e Sociedade Brasileira.** Rio de Janeiro, Pinakothek. 1982.

DAMATTA, Roberto. Antropologia do óbvio: notas em torno do significado social do futebol brasileiro. **Revista USP**, São Paulo, (dossiê futebol), n. 22, jun/jul/ago de 1994.

DAMO, Arlei Sander. **Para o que der e vier: o pertencimento clubístico no futebol brasileiro a partir do Grêmio Foot-Ball Porto Alegrense e seus torcedores.** (Mestrado em Antropologia Social) - Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul. 1998.

FÉDÉRATION INTERNATIONALE DE FOOTBALL ASSOCIATION. Estatutos de La FIFA: **Reglamento de Aplicación de los Estatutos; Reglamento del Congreso.** Zurique: FIFA, 2016. Disponível em: <http://bit.ly/2XudEhp>.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Miniaurélio Século XXI Escolar: O minidicionário da língua portuguesa.** Aurélio Buarque de Holanda Ferreira; coordenação de edição, Margarida dos Anjos, Marina Baird Ferreira; lexicografia, Margarida dos Anjos... [et al.] 4. ed. rev. Ampliada. – Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.

FERREIRA, Heidi Jancer. **O percurso de mulheres como técnicas esportivas no Brasil.** 101 f. Dissertação (Mestrado em Aspectos sócio-culturais do movimento

humano; Aspectos biodinâmicos do movimento humano) - Universidade Federal de Viçosa, Viçosa, 2012.

FRANZINI, Fábio. Futebol é “coisa para macho”? Pequeno esboço para uma história das mulheres no país do futebol. **Revista Brasileira de História**, v. 25, n. 50, p. 315-328, 2005.

FRANZINI, Fábio. De uma copa a outra, a época esquecida: futebol, política e sociedade no Brasil, 1940-1945. **Projeto História**, São Paulo, n. 49, p. 93-118, abr. 2014.

GOELLNER, Silvana Vilodre. Mulheres e futebol no Brasil: entre sombras e visibilidades. **Revista Brasileira de Educação Física e Esporte**, Florianópolis, v. 19, n. 2, p. 143-151, 2005.

GOELLNER, Silvana Vilodre. Feminismos, mulheres e esportes: questões epistemológicas sobre o fazer historiográfico. **Movimento**, Porto Alegre, v. 13, n. 2, p. 174-196, mai/ago 2007.

GOELLNER, Silvana Vilodre. História das mulheres no esporte: o gênero como categoria analítica. In: **Anais do XV Congresso Brasileiro de Ciências do Esporte e II Congresso Internacional de Ciências do Esporte**, Recife. Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte, 2007. v. 1. p. 1-10.

GOFFMAN, Erving. **A representação do eu na vida cotidiana**. Petrópolis: Vozes, 2002. Capítulo I: “Representações”, p. 25-75.

GUEDES, Simoni Lahud. Que "Povo brasileiro" no campo do futebol?" **Razón y Palabra**, Universidad de los Hemisferios. Quito, Ecuador, n. 69, jul/ago, p. 1-9. 2009. Disponível em: <<https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=199520330006>>. Acesso em: 31 mai. 2021.

HARAWAY, Donna. “Gênero” para um dicionário marxista: a política assexual de uma palavra. **Cadernos Pagu**, (22) 2004; pp. 201-246. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/cpa/n22/n22a09.pdf>. Acesso em: 16 novembro de 2019.

HELAL, Ronaldo.; DO CABO, Alvaro. (orgs.). **Copas do Mundo: comunicação e identidade cultural no país do futebol**. Rio de Janeiro: EdUERJ, p. 314, 2014.

HIRATA, Helena; KERGOAT, Daniéle. Novas configurações da divisão sexual do trabalho. Tradução: Fátima Murad. **Cadernos de Pesquisa**, São Paulo, v. 37, n132, p. 595-609, set./dez. 2007.

JESUS, Jaqueline Gomes de. Orientações sobre identidade de gênero: conceitos e termos [Online]. Goiânia: Ser-Tão/UFG, 2012a. Disponível em:

http://www.sertao.ufg.br/uploads/16/original_ORIENTA%C3%87%C3%95ES_POPULA%C3%87%C3%83O_TRANS.pdf?1334065989. Acesso em: 10 ago. 2020.

MASCARENHAS DE JESUS, Gilmar. O futebol da canela preta: o negro e a modernidade em Porto Alegre. **Anos 90**. Porto Alegre, v.07, n.11, p.144-161, 1999.

MASCARENHAS DE JESUS, Gilmar. **A Bola nas Redes e o Enredo do Lugar**: uma Geografia do futebol e seu advento no Rio Grande do Sul: São Paulo: USP (Tese de Doutorado em Geografia), p. 192-233. 2001.

MACHADO, Andréia Soler. A borda do rio em Porto Alegre: arquiteturas imaginárias, suporte para a construção de um passado. **Arqttexto**. Porto Alegre, n. 5, p. 66-81. 2004.

MONTEIRO, Andrei Adornes. **Sol y sombra**: história e futebol na obra de Eduardo Galeano. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em História). Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2018.

MONTEIRO, Igor Chagas; SOARES, João Paulo Fernandes; MOURÃO, Ludmila. Saindo da “posição de impedimento”: As árbitras brasileiras no futebol profissional. In: XIX Congresso Brasileiro de Ciências do Esporte (CONBRACE). **Anais [...]** Vitória: CBCE, 2015.

MOURÃO, Ludmila. Representação social da mulher brasileira nas atividades físico-desportivas: da segregação à democratização. **Movimento**, Porto Alegre, ano 7, n. 13, p. 5-18, 2000.

NAUFAL, Sônia Maria Aparecida de Souza. A Análise do discurso sobre a mulher casada em artigos. **III Seminário de Língua Portuguesa e Ensino**, Universidade Estadual de Santa Cruz – UESC, Ilhéus – Bahia, 2008.

RAMOS, Suellen dos Santos. **Futebol e Mulheres no Rio Grande do Sul**: a trajetória esportiva de Eduarda Marranghello Luizelli (Duda). Orientador: Silvana Vilodre Goellner. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Escola de Educação Física, Programa de Pós-Graduação em Ciências do Movimento Humano, Porto Alegre, 2016.

RIAL, Carmen Sílvia. Rodar: a circulação dos jogadores de futebol brasileiros no exterior. **Horizontes Antropológicos**, v. 4, n. 30, p. 21-65, dez. 2008. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/ha/a/syLR3VK3QkmbTK8xJJtjpw/?lang=pt#>>. Acesso em: 29 mai. 2021.

RIAL, Carmen Sílvia. “Porque todos os ‘rebeldes’ falam português?” A circulação de jogadores brasileiros/sul-americanos na Europa, ontem e hoje. **Antropologia em Primeira Mão**. Florianópolis, n. 110, 2009.

RODRIGUES, Francisco Xavier Freire. O Programa “Sócio-Torcedor” do Sport Club Internacional. **Aurora. Revista de Arte, Mídia e Política**. São Paulo, n.9, p.128-138, 2010.

OSTERMANN, Ruy Carlos. **Meu coração é vermelho**. Rio Grande do Sul: Mercado Aberto, 1999.

PATEMAN, Carole. **O contrato sexual**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1993.

PATEMAN, Carole. **Participação e Teoria democrática**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

PIMENTA, Carlos Alberto Máximo. Torcidas organizadas de futebol: identidade e identificações, dimensões cotidianas. In: ALABARCES, P. (Comp.). *Futbologias: fútbol, identidad y violencia en América Latina*. Buenos Aires: **Clacso**, 2003.

SAFFIOTI, Heleieth Iara Bongiovani. **O poder do macho**. São Paulo: Editora Moderna, 1987. (Coleção Polêmica).

SENADO FEDERAL DO BRASIL. Deputados eleitos da 51ª legislatura até a 56ª legislatura (1999-2019).

SIMÕES, Irlan. **Clientes versus Rebeldes: novas culturas torcedoras nas arenas do futebol moderno**. Editora Multifoco, 1ª edição. Rio de Janeiro, 2017.

SOARES, Vera. In: VENTURI, Gustavo.; GODINHO, Tatau. (Orgs.). **Mulheres brasileiras e gênero nos espaços público e privado: uma década de mudanças na opinião pública**. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, Edições Sesc SP, 2013.

SPORT CLUB INTERNACIONAL. **Estatuto do Sport Club Internacional**. Porto Alegre. 2018.

SPORT CLUB INTERNACIONAL. **Estatuto do Sport Club Internacional**. Porto Alegre. 2020.

SPORT CLUB INTERNACIONAL. **Regimento Interno do Conselho Deliberativo do Sport Club Internacional**. Porto Alegre. 2016.

TOLEDO, Luiz Henrique de. Torcer: a metafísica do homem comum. **Revista de História**. São Paulo, n.163, p.175-189, 2010.

TOLEDO, Luiz Henrique de. **Logicas no futebol: Dimensões simbólicas de um esporte nacional**. Universidade de São Paulo. (Tese de Doutorado) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas. Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social Departamento de Antropologia. São Paulo. 2000.

TORGA, Monique. **Com a palavra, as gestoras: a trajetória de mulheres em cargos de gestão nos clubes de futebol do Brasil**. Dissertação (Mestrado acadêmico) –

Universidade Federal de Juiz de Fora, Universidade Federal de Viçosa, Faculdade de Educação Física. Programa de Pós-Graduação em Educação Física. 2019.

VIEIRA, Gabriel de Moraes. **A objetificação da mulher no jornalismo esportivo**. 79 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Comunicação - Habilitação em Jornalismo) - Escola de Comunicação, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2016.

YAZAN, Bedrettin. Três abordagens do método de estudo de caso em educação: Yin, Merriam e Stake. Tradução: Ivar César Oliveira de Vasconcelos. **Meta: Avaliação**, v. 8, n. 22, p. 149-182, jan./abr. Rio de Janeiro. 2016

ZAMBONI, Marcio. Marcadores Sociais da Diferença. **Sociologia: grandes temas do conhecimento (Especial Desigualdades)**, São Paulo, v. 1, p. 14-18, 2014.

PISANI, Mariane da Silva. **“Sou feita de chuva, sol e barro”**: o futebol de mulheres praticado na cidade de São Paulo. (Tese de Doutorado) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas Antropologia Social. São Paulo. 2018.

APÊNDICE I - CARTA PROPOSTA ESCRITA PELO COLETIVO INTERFEMINISTA

“Saudações coloradas!

Somos o Coletivo INTERfeminista. Representamos 22% do quadro social do Sport Club Internacional, representamos também as que ainda não são sócias. Somos mães, somos filhas, somos companheiras, somos mulheres e multiplicadoras da grande paixão que nos une, seja em nossas famílias ou nas nossas vidas profissionais e sociais.

Somos, acima de tudo, conscientes de nosso papel e da nossa importância na vida do Inter. Por isso, em nome dessa representatividade, redigimos essa carta.

Gostaríamos de estar mais e melhor representadas na vida política do clube; independente de movimento político que possa ou não participar, a voz das mulheres coloradas precisa de autonomia e capacidade propositiva na vida do clube.

Gostaríamos que o futebol feminino fosse efetivamente implementado, desde as categorias de base até o profissional, respeitando as peculiaridades e especificidades do gênero com equipe multidisciplinar e espaços físicos adequados.

Gostaríamos que houvesse em alguns banheiros, nos dois andares, poltrona específica para amamentação. Cada vez mais se estimula a amamentação por períodos maiores de tempo, é primordial que a mãe colorada tenha um espaço reservado e tranquilo para tal.

Gostaríamos que a função “musas do saci” fosse reformulada, a começar pela idade de recrutamento (16 anos!), pelas roupas inadequadas ao ambiente esportivo que usam e pela sua formação. Uma equipe mista de animadores de

torcida e que exerçam também uma função social dentro dos projetos do clube, seria mais relevante que meninas dançando pra apenas um lado do estádio.

Gostaríamos também, respeitando a representatividade feminina, que a “Sacita” tivesse sua presença estimulada e garantida em todas as ações do Inter. Muitas meninas em formação se enxergariam nela, estimulando ainda mais a identidade com o clube.

Gostaríamos que o marketing do clube atentasse muito bem, na hora de fechar parcerias de produtos, para o fato de que o público feminino existe, consome e está carente de uma maior variedade de mercadorias específicas de gênero. A maior prova do descaso do clube se deu no lançamento de um único modelo de camisa feminina, que não correspondia a usada pelo time em campo. As mulheres coloradas não têm opção, nem variedade. Perdemos todos: clubes e consumidoras.

Gostaríamos ainda de salientar que nossa luta contra o machismo no estádio Beira-Rio passa também pela implementação de uma ouvidoria feminina, específica para detectar, combater e erradicar essas práticas do estádio mais plural de todos. Uma figura que entenda e encaminhe as questões específicas pelas quais só as mulheres passam. Essa ouvidoria seria o canal ainda pra um trabalho preventivo contra todas as formas de preconceito de etnia, credo ou sexualidade que não devem existir entre a torcida reconhecidamente heterogênea que temos.

Por fim, nos colocamos à disposição para estabelecer um canal de diálogo com a futura gestão, sempre de maneira respeitosa, propositiva e inclusiva, que é o que nos caracteriza.

Somos mulheres, somos coloradas, somos formadoras do clube do povo do Rio Grande do Sul.

Coletivo INTERfeminista

Porto Alegre, 04 de dezembro de 2016”.

APÊNDICE II – QUESTIONÁRIO APLICADO

O presente trabalho busca estudar sobre a participação feminina no Conselho Deliberativo do Internacional. Nesse sentido, compreender por que a participação feminina nesse espaço é baixa, visto que a participação de sócias torcedoras é de aproximadamente 23%. Por fim, o objetivo desse questionário procura entender, a partir da visão das próprias integrantes do Coletivo algumas questões importantes para pensar a pesquisa. As informações aqui coletadas serão usadas apenas para auxiliar na pesquisa, o conteúdo, portanto, não será divulgado publicamente.

Nome:

Idade:

Estado civil:

Escolaridade/profissão:

Coletivo INTERfeminista

- 1) Como se deu a formação do Coletivo? Nesse contexto, quais as condições do momento de formação? Comente.
- 2) Quais eram as propostas mais importantes? Elas ganharam novos contornos com o tempo?
- 3) Qual a contribuição o Coletivo na história recente do Internacional? Comente.
- 4) Indo de encontro com a pergunta anterior, qual a diferença que ação do Coletivo INTERfeminista fez/faz na política do clube para as mulheres?
- 5) Sabemos da existência de vários coletivos de mulheres no futebol brasileiro. Qual é a especificidade do Coletivo INTERfeminista?
- 6) O que é o Coletivo INTERfeminista? Como se dá a organização e gestão do mesmo? Explique.
- 7) Quais questões possuem grande relevância para o Coletivo INTERfeminista?
- 8) Quais foram as conquistas do Coletivo?
- 9) De que forma o Coletivo INTERfeminista a ocupação das mulheres na política esportiva?
- 10) Por que o nome INTERfeminista?

Internacional: história e política

- 1) Como as mulheres se inseriram no Conselho Deliberativo do Sport Club Internacional?
- 2) As mulheres que chegam ao Conselho Deliberativo enfrentam qual/quais dificuldade/s para permanecer no cargo?
- 3) Na sua opinião, qual é a importância de um mascote como o Saci Pererê?
- 4) Na sua concepção, quais demandas o Internacional precisa lidar na contemporaneidade?
- 5) O Internacional possui um discurso público de “O Clube do Povo”. Comente sobre isso.
- 6) Como você enxergava o Conselho Deliberativo do Inter antes de ocupar o cargo de conselheira? Comente.
- 7) Qual a representatividade feminina no Conselho do Inter atualmente? Você pode comentar um pouco sobre a estrutura política do clube?
- 8) Como o “Clube do Povo do Rio Grande do Sul” relaciona-se com as demandas do século XXI e a qual povo está a falar nesse período? Condiz com seu histórico popular?

Feminismo

- 1) Qual a importância do feminismo na sua trajetória política? Comente.
- 2) Como você visualiza o feminismo no âmbito do futebol? De que forma essa relação pode contribuir para a inserção de mais mulheres nesse espaço? Explique.

Gestão e Política esportiva

- 1) Com relação as cotas na política esportiva, o que você pensa sobre o assunto?
- 2) Na sua opinião, por que a participação das mulheres na política esportiva é baixa? Como podemos mudar esse quadro?
- 3) Se importa de comentar sobre o início da sua trajetória na política esportiva?
- 4) Como aconteceu a sua entrada no Conselho Deliberativo? Comente.